

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

Stéffano Muniz Figueiredo Costa

A CRISE DA “COMPANHIA FIAÇÃO E TECIDOS SARMENTO”
MEMÓRIAS E NARRATIVAS OPERÁRIAS (SÃO JOÃO
NEPOMUCENO/MG, 1960-1971)

Niterói

2016

STÉFFANO MUNIZ FIGUEIREDO COSTA

**A CRISE DA “COMPANHIA FIAÇÃO E TECIDOS SARMENTO”
MEMÓRIAS E NARRATIVAS OPERÁRIAS (SÃO JOÃO
NEPOMUCENO/MG, 1960-1971)**

Dissertação apresentada como requisito à obtenção do grau de Mestre em História no Setor de História Contemporânea II do Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Juniele Rabêlo de Almeida

Niterói

2016

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

- C837 Costa, Stéffano Muniz Figueiredo.
A crise da "Companhia Fiação e Tecidos Sarmento": memórias e narrativas operárias (São João Nepomuceno/MG, 1960-1971) / Stéffano Muniz Figueiredo Costa. – 2016.
136 f. : il.
Orientadora: Juniele Rabêlo de Almeida.
- Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Departamento de História, 2016.
Bibliografia: f. 130-136.
1. Movimento de trabalhador. 2. Indústria têxtil; aspecto histórico. 3. História oral. 4. São João Nepomuceno (MG). I. Almeida, Juniele Rabêlo de. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

STÉFFANO MUNIZ FIGUEIREDO COSTA

A CRISE DA “COMPANHIA FIAÇÃO E TECIDOS SARMENTO”
MEMÓRIAS E NARRATIVAS OPERÁRIAS (SÃO JOÃO
NEPOMUCENO/MG, 1960-1971)

Dissertação apresentada como requisito à obtenção do grau de Mestre em História no Setor de História Contemporânea II do Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense.

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Juniele Rabêlo de Almeida (Orientadora)
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Jorge Luiz Ferreira
Universidade Federal Fluminense

Prof.^a Dr.^a Andréa Casa Nova Maia
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Marcus Ajuruam de Oliveira Dezemone (Suplente)
Universidade Federal do Rio de Janeiro

*“Até que os leões tenham
seus próprios historiadores,
as histórias de caçadas
continuarão glorificando o
caçador.”*

Provérbio Africano

*À memória de minha vó
Maria, que deu sua vida pelo
trabalho na Companhia...*

Agradecimentos

A dissertação que se iniciará nas próximas páginas é muito cara a mim não apenas pela pesquisa histórica em si, mas pelo envolvimento afetivo que nutro com o objeto de estudo. Neto de uma dedicada operária, aprendi a respeitar e admirar a honestidade e o vigor de pessoas simples como os operários.

O caminho para a conclusão da pesquisa se fez muito duro e solitário. Redijo essa pequena homenagem àqueles que se fizeram presentes dentro do meu isolamento na “caverna”, cada qual à sua maneira. Citar nomes pode ensejar a injustiça da omissão do nome de alguém. Aceito a condição e dedico a todos vocês o fruto do meu empenho! Aos possíveis ausentes nesta homenagem, muito obrigado!

Agradeço a Deus por me agraciar com o dom da vida e por insistir em me manter neste plano, sustentando minha mão e meus passos em meio a tantos reveses.

À professora Juniele pela amizade, orientação e, sobretudo, pela confiança inabalável em mim e minha pesquisa.

Ao professor Jorge Ferreira por tornar meu mestrado em História na Universidade Federal Fluminense um sonho possível, e aos professores Marcus Dezemone e Andrea Casa Nova Maia pela disponibilidade, interesse e contribuições valiosas para a estruturação da dissertação.

Ao jornal “Voz de São João”, nas pessoas de Dalmon, João Carlos “Carioca” e Helir, por confiarem em mim e franquearem livre acesso ao acervo do jornal.

Ao senhor Gilson, o “Tute”, por me ceder todos os documentos e livros de ata do Sindicato para consulta... em casa! A sua confiança facilitou muito meu trabalho!

À Maria Cecília por me apresentar a História Oral e o ser humano enquanto sujeito histórico absoluto.

Ao Nilo e à Hilda por me familiarizarem com as ferramentas que tornaram a História Oral uma alternativa de pesquisa possível e prazerosa.

À Isa por me fazer enxergar na pós-graduação uma realização de vida, e que mudanças de postura podem nos levar a conseguir resultados surpreendentes.

Ao Will e à Larisse por me apresentarem um Rio de Janeiro muito mais bonito e tranquilo do que conhecia pela TV. Obrigado pelo cuidado e apoio em meus primeiros passos na “cidade maravilhosa”!

Ao primo Luiz pelas cervejas e acolhida em Niterói! Sua amizade e companhia foi de grande valia para que eu suportasse as idas e vindas à terra de Arariboia.

Ao Ulisses por me ajudar a caminhar na escuridão da “caverna” e me guiar com competência até a porta. Obrigado por me ajudar a (des)organizar minhas ideias.

Ao compadre Hyllo Nader por rabiscar junto a mim o projeto que guiou esta pesquisa. Suas contribuições enriqueceram as discussões e me amadureceram enquanto pesquisador.

Ao Felipe Ribeiro, amigo que o ofício de historiador me apresentou, por se interessar pela pesquisa e estar sempre a postos a me socorrer.

Ao Leonardo Rosa por me fazer “voltar para casa” num momento da vida quando tudo parecia ter se despedaçado num acidente. Devo a você meu olhar para São João Nepomuceno enquanto objeto de estudo.

Aos amigos Beto e Samuel pela amizade e confiança em mim enquanto pessoa e parceiro na vida. A compreensão e apoio despendidos por vocês me animaram e tranquilizaram ao longo dessa jornada.

Ao meu padrinho Célio de Castro por participar de minha criação e por viabilizar melhores condições de estudo a mim. Você talvez nunca tenha imaginado o alcance de seu apoio... Até hoje! Aqui está o resultado de sua ajuda. Muito obrigado!

À Laura pelo apoio, palavras de força e torcida em todos os momentos dessa jornada! Ao Miguel por renovar diariamente minha esperança nas pessoas e em dias melhores.

Ao meu irmão Bruno por desenhar o primeiro rascunho de projeto junto a mim. Sem a sua luz, este trabalho não teria se materializado e “saído do papel”. Obrigado por me inspirar enquanto pesquisador e ser humano!

À minha irmã Bárbara pelo carinho, cuidado e “apoio logístico”. Obrigado pelos pacotes de Doritos nos momentos mais oportunos! Seguramente, sem seu apoio a realização desse sonho não seria possível.

À Naidoca e ao Negote, meus amados pais, por abdicarem de suas vidas para possibilitarem a minha. A vocês, minha eterna gratidão! Obrigado pela paciência e por estarem sempre de braços abertos me esperando na porta da “caverna”.

À Isabel pelo amor e paciência incondicionais! Obrigado por caminhar comigo o trajeto mais pedregoso, por contribuir ativamente nesta pesquisa e por me fazer sorrir! Muitas das páginas que seguem não seriam escritas sem o seu apoio.

Aos operários, trabalhadores e cidadãos sanjoanenses, co-autores desta pesquisa, dedico a vocês o produto do NOSSO trabalho. Em especial, dedico a pesquisa à memória do amigo Bráulio, cuja lucidez inspirou e iluminou várias páginas que seguem.

Resumo

Esta dissertação analisa as memórias e narrativas dos operários da Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento, principal indústria têxtil da cidade de São João Nepomuceno/MG, sobre a crise da fábrica (ou o “drama da Sarmiento”) entre os anos 1960 e 1971. A partir das narrativas orais dos trabalhadores – cotejadas com as narrativas do jornal “Voz de São João” e dos registros de reuniões presentes nas atas do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem – foi possível problematizar as estratégias e negociações dos operários, bem como discutir aspectos da memória social do trabalho na Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento. A dissertação apresenta as seguintes propostas: discutir a relevância da indústria para uma cidade que se desenvolveu em torno da atividade têxtil; observar o ambiente de crise e o pânico gerado na cidade com a iminência de falência da Companhia Sarmiento, bem como as estratégias de resistência e sobrevivência dos operários; analisar a reestruturação da cidade após o fechamento da Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento com a criação de novos empreendimentos.

Palavras-chave: Movimento operário; Indústria Têxtil; História Oral; São João Nepomuceno

Abstract

This thesis analyzes the memories and narration from Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento workers, the main textile industry in the city of São João Nepomuceno, in Minas Gerais, about the factory crisis (or “Sarmiento tragedy”) between 1960 and 1971. Through verbal narrations from workers – collated with narrations from the newspaper “Voz de São João” and registers of meetings found in minutes from Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem (Textile and threading Industry Workers Union) – we were able to discuss strategies and negotiation with workers, as well as aspects from social memory of working at Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento. The paper presents the following tenders: discussing the relevance of the industry for a city that has developed around textile activity; observing the environment of the crisis and the comotion in the city caused by the eminent bankruptcy of Companhia Sarmiento, as well as resisting and survival strategies of workers; analyzing the remodeling of the city after Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento by the creation of new enterprises.

Keyword: Labour Movement; Textile Industry; Verbal Narrations; São João Nepomuceno

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1	
A cidade e a fábrica	20
CAPÍTULO 2	
O “drama da Sarmento”	41
CAPÍTULO 3	
“A Revolução não chegou a São João”	67
CAPÍTULO 4	
O fim da fábrica: “Não se ouve mais o apito da Fábrica Sarmento”	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS	118
FONTES ORAIS	122
FONTES DOCUMENTAIS	123
REFERÊNCIAS BILIOGRÁFICAS.....	130

INTRODUÇÃO

Às quatro e trinta da manhã, de todos os cantos da cidade, ouve-se a sirena da Cia Fiação e Tecidos Sarmento, os operários despertando. Começa a vida.

Eulália Rangel¹

O som da sirene da fábrica Companhia Fiação e Tecidos Sarmento (CFTS) regeu a vida cotidiana dos moradores da cidade de São João Nepomuceno, situada na mesorregião da Zona da Mata Mineira², de 1895 a 1971. Tenho em minha memória seu barulho estridente que marcava os preparativos para a escola ou horário do almoço. O apito não foi abolido pela Fábrica de Tecidos Santa Martha, que passou a funcionar no prédio da CFTS após sua falência³. Continuava a marcar, cotidianamente, o tempo do trabalho, o tempo do lazer, o tempo do operário.

A prosperidade dessa indústria têxtil, conhecida como a “galinha dos ovos de ouro”⁴, rendeu à cidade o qualificativo “Cidade Garbosa”. A fábrica se figurou, no início da década de 1950, como a principal fonte geradora de renda na cidade, empregando inúmeros operários e influenciando a vida dos sanjoanenses. Contudo, este

¹ RANGEL, Eulália. *Minha Cidade Garbosa (São João Nepomuceno)*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1972, p. 12.

² Mesorregião de Minas Gerais, formada por 142 municípios, situada na porção sudeste do estado, próxima a divisa dos estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo.

³ A Fábrica de Tecidos Santa Marta Ltda, empresa de fiação de algodão e fibras sintéticas, foi fundada no ano de 1973. A falência da Companhia Fiação e Tecidos Sarmento ocorreu em 1971.

⁴ A CFTS ficou conhecida como “galinha dos ovos de ouro”, nas páginas do jornal “Voz de São João”, devido a sua importância para a economia da cidade, uma alusão a uma das mais famosas fábulas de Esopo.

período áureo deu lugar a tempos difíceis para a Companhia e, conseqüentemente, para a cidade de uma maneira geral.

No que concerne ao recorte temporal, optei pela investigação do período compreendido entre os anos de 1960 e 1971. Tal recorte motiva-se por questões de âmbito local. Em São João Nepomuceno, o período foi marcado pelos primeiros indícios de declínio da Companhia e a decretação da sua falência em 1971. A documentação pesquisada possibilitou perceber que, em 1960, a direção da CFTS já encontrava dificuldades para cumprir seus compromissos para com os trabalhadores: atraso nos pagamentos, baixos salários, não pagamento de férias.⁵

Registros nos livros de ata do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de São João Nepomuceno permitem afirmar que os operários sentiam e reclamavam “o drama da Sarmento”, reivindicando melhorias nas condições de vida e trabalho. Esse panorama, contudo, não impulsionou movimentos grevistas ou paralisações de grande vulto a fim de conquistarem tais melhorias.

A crise pela qual a Companhia passava levou o jornal “Voz de São João”, único veículo de comunicação impressa da cidade, a registrar, em matéria de capa, que várias famílias chegaram a passar fome na cidade em função da referida derrocada.⁶ Apesar do “drama da Sarmento” documentado semanalmente nas páginas do jornal, os operários continuavam “tocando” os teares da fábrica.

Isso posto, investigar o cotidiano operário sanjoanense fornece novas reflexões sobre as diversas experiências socioculturais no mundo do trabalho. A partir das

⁵ Livro de atas do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de São João Nepomuceno, 13 de Março de 1960.

⁶ Jornal *Voz de São João*, 25 de Dezembro de 1966, p. 1.

vivências dos operários, pude perceber a trama que permeia suas negociações cotidianas que acabaram por evitar o recrudescimento de suas reivindicações, não ocorrendo, dessa forma, movimentos grevistas ou paralisações de grandes proporções. Aspectos até então não explorados da realidade operária, a partir de situações particulares – como o quadro sanjoanense –, puderam ser problematizados em consonância com as novas perspectivas socioculturais da história do trabalho e da história local.⁷

A presente pesquisa parte de princípios metodológicos qualitativos, privilegiando a relação dialógica entre compreensão histórica e os significados atribuídos pelos sujeitos às suas memórias e esquecimentos.⁸ No diálogo entre minhas vivências enquanto pesquisador e a dos sujeitos da pesquisa, utilizei os procedimentos metodológicos da História Oral⁹ para construção do acervo de narrativas dos operários da Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento.

As narrativas dos operários são fluídas e congregam variadas temporalidades. Não há a pretensão, nesta pesquisa, de preencher lacunas, comprovar ou ilustrar informações contidas em documentos escritos. Neste sentido, reconheço o potencial das narrativas dos sujeitos sociais e a negação da memória enquanto terreno estanque,

⁷ Perspectivas socioculturais para história do trabalho/trabalhadores: Cf. THOMPSON, E. P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012; HOBSBAWM, Eric. *Mundos do trabalho: Novos estudos sobre História Operária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Discussão sobre História Local: SILVA, Marcos A. (org.). *República em migalhas: história regional e local*. São Paulo: Marco Zero, 1990; CORREA, Silvio. *História local e seu dever historiográfico*. Métis: história & cultura, v. 2, n. 2, p. 11-32, jul./dez. 2002.

⁸ Sobre memórias e narrativas: Cf. RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

⁹ Sobre os procedimentos metodológicos da História Oral: Cf. ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: Textos em história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004; BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: Lembrança de velhos*. 3. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1994; FERREIRA, Marieta Moraes, AMADO, Janaina (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996; PORTELLI, Alessandro. *Ensaio de história oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

imóvel.¹⁰ Acredito que, na entrevista, pesquisador e sujeito histórico devem se igualar em suas desigualdades socioculturais, estabelecendo uma relação de aprendizado mútuo, de práticas intercambiáveis.¹¹

Considerar a importância das narrativas para a construção e discussão do conhecimento histórico é assumir a subjetividade da oralidade enquanto fonte de pesquisa a ser estudada, não por apresentar informações estanques dos fatos, mas por possibilitar a análise das representações construídas - aspectos das memórias e narrativas dos operários. Não é possível deduzir ou prever um enredo histórico.¹² Neste sentido, construir análises históricas a partir de narrativas orais implica em valorizar a vivência e sensibilidade dos sujeitos.

Na interface entre o tempo lógico da análise histórica e o tempo vivido, as memórias adquirem múltiplas significações ao apresentar aspectos da experiência temporal.¹³ Entretanto, não se deve perder de vista que, embora referenciadas em experiências reais, as narrativas orais são construções e apropriações realizadas por quem narra, quem escreve e quem lê.

A história de vida dos operários e a história da Companhia se tornam um só corpo. Logo, foi necessário analisar cuidadosamente os fragmentos de memória verbalizados pelos sujeitos entrevistados, buscando compreender suas dimensões cotidianas. Compreender é um exercício mais complexo do que explicar determinado

¹⁰ALMEIDA, Juniele Rabêlo de. Historicidade, sujeito e oralidade. In: MARCHIORI, Marlene. (Org.). *História e memória*. São Paulo: Difusão Editora, 2013, p.48.

¹¹ PORTELLI, Alessandro. A pesquisa como um experimento em igualdade. In: *Revista Projeto História*. n.14. São Paulo: EDUC, 1997. pp.25-40.

¹² RICOEUR, Paul. *Du texte à l'action*. Paris: Seuil, 1986. p. 177.

¹³ RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Campinas: Papyrus, 1994. p. 61.

fato, uma vez que o ato de narrar concatena sentidos e significados próprios a cada sujeito.

O discurso do enunciador está sempre em movimento, ora representando múltiplas vozes, ora apresentando experiências subjetivas. Enfim, vozes que evocam memórias pertinentes à construção do conhecimento histórico. Neste sentido, observei os fragmentos de memória presentes nas narrativas orais dos operários como aspectos do cotidiano com considerável potencial de representação do passado.¹⁴

É vasto o universo de possibilidades que se abre ao se considerar entrevistas orais como fonte e objeto da história. As narrativas orais tratadas em suas pluralidades enriquecem o discurso historiográfico.¹⁵ Contudo, devem ser minuciosamente estudadas e cotejadas com as demais fontes. Negligenciar tal movimento hermenêutico é fadar o discurso histórico a um relativismo perigoso e estéril.

Ao analisar as narrativas dos operários destacados para estruturar esta dissertação, foi possível perceber um eixo comum na construção das memórias de cada trabalhador. Há uma relação entre o coletivo da história e a experiência do sujeito. Apesar de seu caráter individual, as narrativas apresentam valores simbólicos e discursos socialmente compartilhados.

Os relatos de memórias são singulares. Entretanto, estes são impregnados de discursos sociais cristalizados na língua, cultura e nas práticas cotidianas dos sujeitos. As narrativas são, simultaneamente, individuais e sociais.¹⁶ Optei pela utilização das narrativas orais pela complexidade que conferem à análise histórica quando cotejadas

¹⁴ Cf. RICOUER, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

¹⁵ ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: Textos em história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 78.

¹⁶ MONTENEGRO, Antonio Torres. Rachar as palavras. Ou uma história a contrapelo. In: *Estudos Ibero-Americanos*. V. XXXII. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, p. 37-62.

com outras fontes. As narrativas são concebidas enquanto construções de memória, disputas e movimento.¹⁷

Interessa o que se passa entre os sujeitos, suas relações e práticas cotidianas a fim de, por meio destes elementos, construir novas formas de compreensão e de estruturação de discursos históricos. No caso específico de São João Nepomuceno, a Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento parece ter funcionado como “cimento social” para os operários ao se estabelecer como espaço de experiências, interesses e expectativas de diferentes pessoas.¹⁸ São várias singularidades sociais existentes no universo do trabalho. Os operários nutriam pela fábrica um sentimento de reciprocidade e pertencimento, mesmo em situações em que a Companhia lhes faltava.

A experiência do passado, construída na narrativa de pessoas que trabalharam na Companhia e vivenciaram o cotidiano operário sanjoanense, permitiu uma melhor compreensão das relações sociais no mundo do trabalho. Um meio para se alcançar tal compreensão foi assumir a possibilidade de indivíduos, sujeitos de sua própria história, poderem trazer à tona e tornar inteligíveis conjunturas e estruturas sociais que pareciam distantes.¹⁹ O eixo desta dissertação foi construído a partir da análise das narrativas orais de antigos operários e trabalhadores que estiveram, de alguma forma, atrelados a esse contexto, que vivenciaram e experimentaram o cotidiano que se pretende investigar.

Realizei entrevistas de história oral com: Gilson Francisco Alves, sindicalista e operário da Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento entre as décadas de 1950 e 1970;

¹⁷ KHOURY, Yara Aun. Apresentação. In: PORTELLI, Alessandro. *Ensaio de história oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010. p. 8.

¹⁸ PORTELLI, Alessandro. *Ensaio de História Oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010. p. 158.

¹⁹ Cf. ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: Textos em história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

Alírio dos Reis Medeiros, funcionário do escritório do ponto da Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento na década de 1950; Yorke Almeida Castro, contadora da Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento na década de 1950; Carlos Marchiori, sindicalista e operário da Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento nas décadas de 1950 e 1960; Bráulio Braz de Freitas, comerciante, político e vereador em São João Nepomuceno na década de 1960; Rosa Helena da Silva Santos, operária da Fábrica Santa Martha na década de 1980; Gislene Gregório Teixeira, operária da Fábrica Santa Martha na década de 1980.

Privilegiei os procedimentos da história oral de vida.²⁰ Não houve, portanto, um roteiro direto de perguntas, mas eixos temáticos que nortearam a pesquisa. Estimular a construção narrativa do entrevistado sobre sua própria vida, sem as balizas de um roteiro rígido, potencializa trabalho de memória.²¹ As entrevistas foram construídas em locais de escolha própria dos sujeitos, tendo realizado a maior parte delas em suas respectivas residências ou, no caso do senhor Gilson, na sede do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de São João Nepomuceno.

É importante frisar que a construção da rede de entrevistados elencada acima foi facilitada pela presença, ainda marcante, da memória do trabalho em torno da Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento e da Fábrica Santa Martha entre os sanjoanenses. Em conversa com parentes e amigos, alguns nomes emergiram do diálogo e, a partir desses elementos, encontrei os sujeitos destacados. As construções narrativas também potencializaram a descoberta de novos nomes, objetos biográficos e documentos que instruíram a dissertação.²²

²⁰ Cf. MEIHY, José Carlos Sebe. *Manual de História oral*. 5 ed., São Paulo: Loyola, 2005.

²¹ Cf. BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: Lembrança de velhos*. 3. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

²² Cf. ALMEIDA, Juniele Rabêlo. *Performance e objeto biográfico: questões para a história oral de vida*. Oralidades (USP), v. 2, p. 101-109, 2007.

Os livros de ata do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de São João Nepomuceno, por sua vez, documentam as discussões e negociações no ambiente sindical. Mesmo que sua produção seja sistemática e artificial, os textos apresentam uma narrativa das reuniões daquela instituição, com pautas como o atendimento a reclamações de aumento salarial por parte dos operários, característica que confere pertinência à utilização da referida documentação enquanto fonte de pesquisa histórica.²³

Outro acervo importante para a consolidação da pesquisa foi o arquivo do jornal “Voz de São João”, único veículo de comunicação impressa de São João Nepomuceno no período. Os jornais possibilitam ao historiador analisar o percurso dos sujeitos históricos através dos tempos, uma vez que se preocupam em noticiar os principais acontecimentos locais, regionais e nacionais para o público leitor.²⁴

A utilização da imprensa escrita enquanto fonte histórica é possível uma vez que enuncia e anuncia discursos vários, próprios ou de terceiros, apresentando, ao mesmo tempo, objetividade e subjetividade histórica. A imprensa desempenha uma função social importante no cotidiano de uma sociedade e, em larga medida, a realidade dos fatos é mediada pelas lentes midiáticas.²⁵

Portanto, não vejo a fonte jornalística como um simples suporte de informação objetiva. Antes, pressuponho a impregnação de interesses particulares na edição de um

²³ Livro de atas do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de São João Nepomuceno, 12 de Agosto de 1961.

²⁴ CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988. p. 13.

²⁵ LUCA, Tania Regina de; MARTINS, Ana Luiza. *Imprensa e cidade*. São Paulo: Editora UNESP, 2006. p.10.

jornal, manipulação de interesses e intervenção na vida social.²⁶ Além dos elementos subjetivos constantes na edição de uma matéria jornalística, é importante tentar apreender os interesses aos quais o veículo de comunicação está vinculado.²⁷ Será perceptível nas próximas páginas uma oscilação entre tons comedidos e intensos no discurso das reportagens do jornal “Voz de São João”.

Neste sentido, a imprensa torna-se uma fonte histórica palpável por apresentar, em suas páginas, escolhas editoriais passíveis de análise para a construção do conhecimento histórico. O discurso jornalístico é produzido por enunciadores que não se desvinculam de seu contexto para a redação das matérias.²⁸ As intencionalidades presentes na imprensa jornalística conferem ao jornal um caráter parcial, repleto de construções interpretativas relevantes para a discussão a qual se propõe esta pesquisa.

Isso posto, as entrevistas serão respeitadas em suas singularidades, e a investigação das narrativas dos operários se dará a partir de cada fragmento de memória. O jornal “Voz de São João” e as atas das reuniões do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de São João Nepomuceno serão cotejados e analisados em diálogo constante com as narrativas, permitindo observar as demandas trazidas pelos operários a esta entidade e o reflexo dos rumos da Companhia na cidade reverberado nas páginas dos jornais.

Neste sentido, a dissertação se divide em três capítulos. Num primeiro momento, procurei contextualizar o tema da pesquisa por meio de um breve histórico da cidade e da sua transformação relacionada aos negócios da família Sarmiento e de sua

²⁶ CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria L. *O Bravo Matutino*. São Paulo: Editora Alfa-Romeu, 1980, p.19.

²⁷ Cf. CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

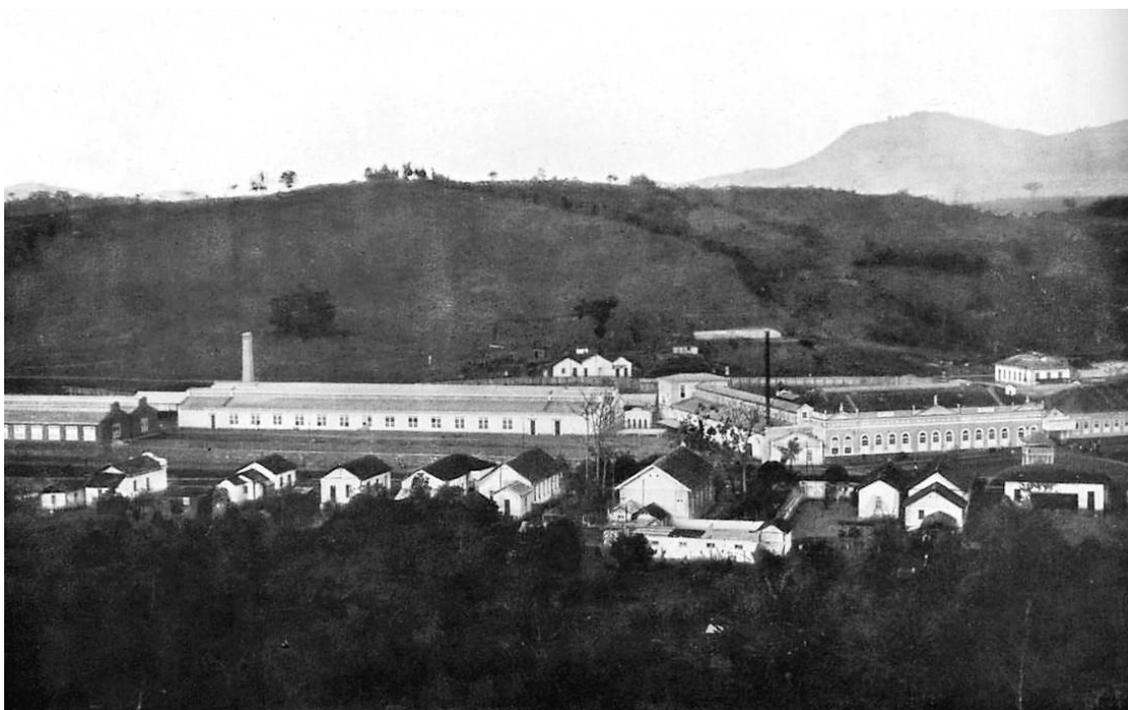
²⁸ MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes, 1993. p. 14.

Companhia. No segundo capítulo tratei, especificamente, do chamado “drama da Sarmento” (crise da fábrica) e sua representação na imprensa e em reuniões do sindicato. No terceiro capítulo discuti os desdobramentos da crise no contexto da ditadura militar e, posteriormente, sua falência. Por fim, no capítulo quatro, observei os reflexos provocados pela decretação de falência da fábrica, sua reconfiguração e reestruturação econômica na cidade de São João Nepomuceno.

Hoje, apesar de extinta, a fábrica permanece viva no imaginário da cidade e em sua vocação para desenvolvimento de indústrias têxteis como sustentáculo da economia local. Portanto, alinhavando o fio condutor da argumentação dos capítulos, as múltiplas e fragmentadas narrativas dos sujeitos envolvidos no cotidiano da Companhia Sarmento e a construção das memórias do apogeu e crise da CFTS pelos operários serão analisadas e cotejadas com outras fontes e discursos historiográficos ao longo da pesquisa.

CAPÍTULO 1 – A CIDADE E A FÁBRICA

Eis por que deve ser a Fábrica de Tecidos Sarmiento cercada de todo o carinho do povo sanjoanense. Sem lisonja alguma, merece as atenções gerais. Para ela devemos augurar dias de mais franca prosperidade, porque crescendo a Fábrica crescerá toda São João Nepomuceno.²⁹



Fonte: Acervo fotográfico do Museu Histórico Municipal de São João Nepomuceno (MG)

A imagem acima, de autoria e data desconhecida, apresenta parte do complexo fabril da Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento. Chama a atenção a considerável área ocupada pelo prédio quando é pensado o tamanho diminuto de São João Nepomuceno.

²⁹ Jornal *Voz de São João*, 17 de Abril de 1955, p. 1.

A cidade pequena apresenta um ar de grandeza que se escora na importância do empreendimento da família Sarmiento.

O fragmento de reportagem destacado na epígrafe remonta um momento de prosperidade da Companhia. O sucesso da fábrica e os rumos de São João Nepomuceno estiveram intimamente relacionados. Essa relação visceral é facilmente percebida nas matérias que o jornal local “Voz de São João” veicula, bem como nas narrativas dos operários.

A narrativa do senhor Alírio, por exemplo, apresenta a relevância dos empreendimentos da família Moraes Sarmiento, bem como a influência, inclusive em termos proporcionais, da Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento em São João Nepomuceno. Uma fábrica com elevado número de operários provocou, de fato, um impacto na economia da pequena cidade.

1300 empregados! Mais, um pouco mais, um pouco menos... aí você multiplica por cinco. Seis mil e quinhentas pessoas, né? Um pouco mais porque as famílias eram maiores. Sete a oito mil pessoas, insequentemente, a maioria com um salário certo. Uns era salário mínimo, outros salário e meio, o chefe, por exemplo, dois salários... Mas tudo, tudo, tudo, toda a riqueza... a pequena riqueza do comércio de São João, das indústrias menores, das oficinas mecânicas, etc, etc. [...] Toda iniciativa comercial e industrial, principalmente industrial, situava em torno dos Moraes Sarmiento, entendeu?³⁰

³⁰ ALÍRIO DOS REIS MEDEIROS. Funcionário do escritório do ponto da Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento na década de 1950. Entrevista realizada em Novembro de 2011, São João Nepomuceno (MG).

A importância econômica da Companhia para a cidade, notável nas narrativas dos operários, faz com que se associe a modernização da cidade ao sucesso dos negócios da fábrica. O sentido da modernização é expresso num processo sócio-econômico que constrói projetos culturais que renovam as práticas simbólicas.³¹ Atrela-se o desenvolvimento estrutural sanjoanense ao trabalho do operário frente aos teares da Companhia. Imbrica-se, enfim, a fábrica ao imaginário dos trabalhadores sanjoanenses.

A instalação da Companhia foi imprescindível para o desenvolvimento de São João Nepomuceno. Gilson Francisco Alves narra que era recorrente a ideia de que “[...] não era a Sarmiento que estava dentro de São João Nepomuceno. Era São João Nepomuceno que estava dentro da fábrica Sarmiento”.³² Tal afirmação é corroborada nas narrativas de outros operários e trabalhadores realizadas ao longo da pesquisa.

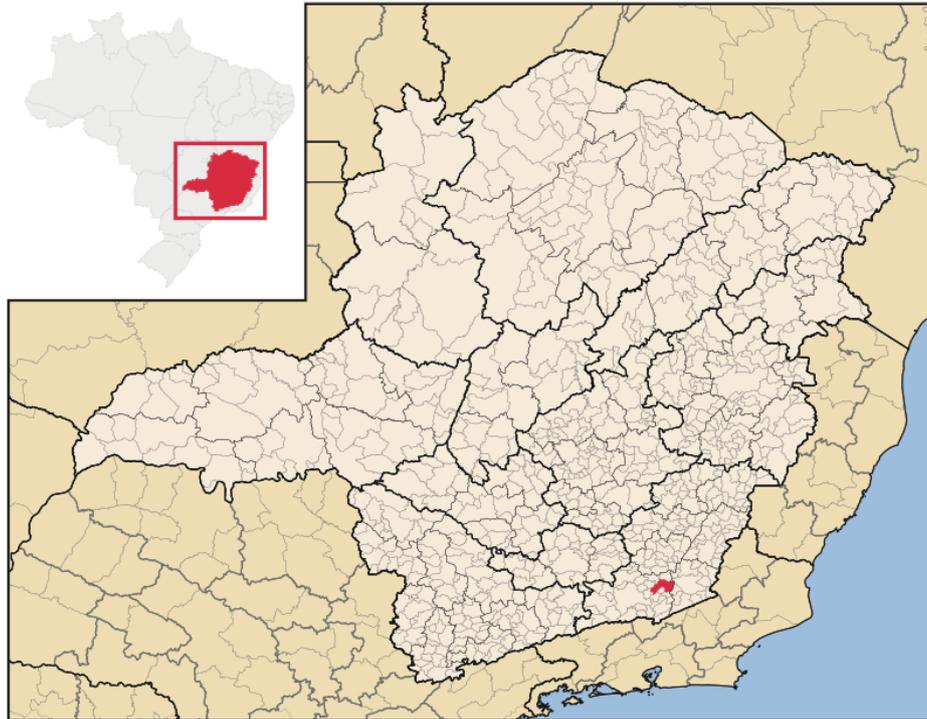
São João Nepomuceno possuía 10.297 habitantes no censo de 1950³³, e registrou 18.987 habitantes em 1960.³⁴ Esse dado é digno de nota pelo fato de a CFTS possuir cerca de mil funcionários no período, informação recorrente nos depoimentos. Esse fato demonstra a especificidade do cotidiano operário, objeto da presente dissertação: São João Nepomuceno parecia dentro da fábrica.

³¹ Sobre as diferenças entre os processos de modernização e a “etapa histórica” da modernidade: Cf. BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo, Companhia das letras, 1987.

³² GILSON FRANCISCO ALVES. Sindicalista e operário da Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento nas décadas de 1950 e 1970. Entrevista realizada em Novembro de 2011, São João Nepomuceno (MG).

³³ IBGE – Censo Demográfico de Minas Gerais de 1950. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/67/cd_1950_v1_br.pdf>. Acesso em: 29 set. 2013.

³⁴ IBGE – Censo Demográfico de Minas Gerais de 1960. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/68/cd_1960_v1_t9_mg.pdf>. Acesso em: 29 set. 2013.



Fonte: Wikipedia

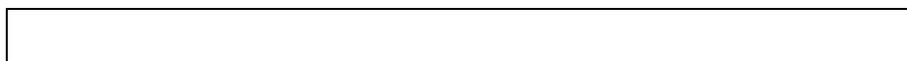
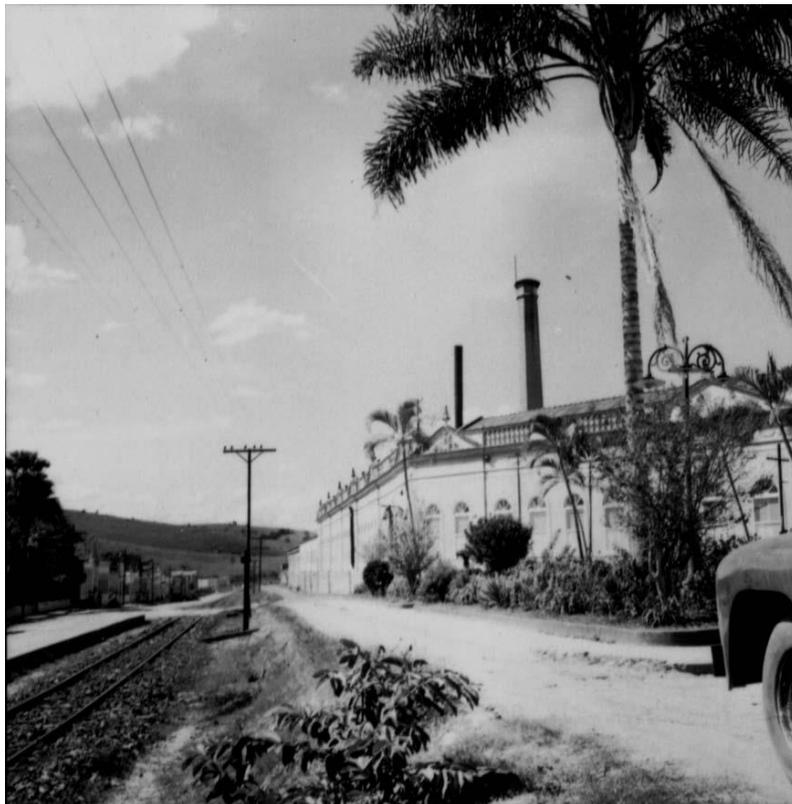
Cidade do interior da Zona da Mata mineiro, conforme destacado no mapa acima³⁵, seu embrião começou a ser formado em meados do século XIX.³⁶ O Guardamór José Furtado de Mendonça, sobrinho de Luiz Antônio de Mendonça, então Visconde de Barbacena e governador da Capitania de Minas Gerais, adquiriu grande extensão de terra na região em torno de sua propriedade, a fazenda “Roça Grande”. Sua intenção era doar essa porção de terra à província para que se constituísse um curato e fundasse um povoado. Sob o auxílio de Domingos Henriques de Gusmão, Domingos Ferreira Marques e Antônio Dutra Nicácio, José Furtado de Mendonça construiu a capela do Rio Novo de Baixo, sob o orago de São João Nepomuceno.

³⁵ Wikipedia – São João Nepomuceno. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Jo%C3%A3o_Nepomuceno>. Acesso em: 29 set. 2013.

³⁶ Sobre o surgimento e constituição da cidade de São João Nepomuceno: Cf. CASTRO, Celso Falabella Figueiredo. *Sertões do Leste: Achegas para a História da Zona da Mata*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1987; CAPRI, Roberto. *São João Nepomuceno (Minas)*. 1916; MEDINA, Paulo Roberto de Gouvêa. *São João Nepomuceno e a Zona da Mata*. 1996; TAVORA, Isabel Henriques Cruz. *Nossas vidas*. 1999; CRUZ, Geraldo Henriques; AZEVEDO, José de Castro. *São João Nepomuceno em 1941: notas diversas sobre a cidade e o município*. 1941.

Erigida a capela, não tardaram a surgir, às suas barras, as primeiras residências construídas por fazendeiros para terem onde hospedar-se durante festas religiosas. O povoado, que surge em torno de sua igreja, tornou-se uma cidade relevante no cenário industrial mineiro. O povoado se desenvolveu notavelmente quando comparado com os demais em seu entorno, na região que compreende as margens direita do Rio Pomba e esquerda do Rio Paraíba.

Não por acaso, o povoado de São João Nepomuceno foi o primeiro a ser elevado à condição de vila, em 1º de Abril de 1841, pela lei nº. 202, compreendendo em seu território os distritos de Conceição do Rio Novo, Santíssima Trindade do Descoberto, Rio Pardo, Espírito Santo, Nossa Senhora das Mercês do Cágado, São José da Paraíba, Nossa Senhora Madre de Deus, Porto de Santo Antônio e Feijão Cru.



A vila teve sua emancipação definitiva em 1880, quando já apresentava bom desenvolvimento com a produção de café e o surgimento de diversos empreendimentos, beneficiados pela logística propiciada pelo terminal férreo que passou a cortar a cidade, como é perceptível na fotografia de data e autoria desconhecida. Um elemento importante para o avanço da indústria têxtil foi a construção de uma rede de estradas de ferro ligando o Rio de Janeiro a São Paulo e Minas Gerais após a década de 1860. A “construção da estrada de ferro foi fundamental: 66,6% das pequenas fábricas existentes em Minas Gerais em 1887 estavam situadas junto a ferrovias”.³⁷ Vale ressaltar que havia uma conexão entre a Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento, prédio retratado na fotografia, e a linha de trem, aumentando o dinamismo no escoamento de produtos e transporte de matéria prima.³⁸

Pioneiro na indústria sanjoanense, Daniel de Moraes Sarmiento se tornou habitante da cidade no final dos anos 1880, trabalhando como comerciante na Casa Sarmiento & Cia.³⁹ Contudo, a história de vida de Daniel Sarmiento e da cidade de São João Nepomuceno se confundiram de forma mais determinante quando da fundação da Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento.⁴⁰

A fábrica teve início em 1894 com a fundação da Companhia de Tecidos Mineiros, organizada por Daniel Sarmiento e outros sócios que formaram o capital para

³⁷ LIMA, Juliana Daldegan; SANSON, João Rogério. O surto de industrialização do setor têxtil a partir de 1880. In: *Revista de História Econômica & Economia Regional Aplicada*, v. 3, n. 05, 2008, p. 114.

³⁸ São João Nepomuceno havia se emancipado no ano de 1841 até 1851, depois adquiriu o status de município novamente em 1868, o qual foi suprimido em 1870. Sua emancipação definitiva ocorreu em 1880.

³⁹ MEDINA, Paulo Roberto de Gouvêa. *São João Nepomuceno e a Zona da Mata*. 1996, p. 19.

⁴⁰ Sobre o processo de industrialização têxtil no Brasil: em 1885 as fábricas têxteis brasileiras operam 2.111 teares, empregam 3.172 trabalhadores e produzem 20,6 milhões de metros de tecidos. Em 1905, o número de fábricas passa para 110, e o número de teares, para 26.420, com uma produção de 242 milhões de metros de tecidos. No período de 1885 a 1905, o número de teares cresce 13,5% ao ano, contra 10% a.a. nos 19 anos anteriores e 6,8% a.a. nos 10 anos posteriores. Portanto, houve forte expansão dessa indústria até 1905, com desaceleração até o início da I Guerra Mundial. Cf. STEIN, Stanley. *Origens e Evolução da Indústria Têxtil no Brasil – 1850/1950*. Rio de Janeiro: Campus. 1979.

o estabelecimento da indústria. No entanto, esta Companhia teve vida curta. Devido a dificuldades e falta de recursos para a finalização de suas obras, ficou resolvido em assembleia geral dos acionistas a venda do acervo da firma, além da aprovação da proposta de compra feita pelos irmãos Francisco Daniel de Moraes Sarmiento, Emydio de Moraes Sarmiento e Daniel de Moraes Sarmiento, este último maior acionista.⁴¹

A Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento se fez presente e cresceu junto com a recém constituída cidade. Ocorreu a instalação solene do município em 07 de Janeiro de 1883 – dia em que foi empossada a Câmara Municipal⁴² –, e pouco mais de dez anos depois, em 14 de Julho de 1895, a fábrica foi inaugurada.⁴³ Ou seja, duas trajetórias que se confundem e entrelaçam desde a origem da fábrica-cidade/cidade-fábrica.

Em torno dos Moraes Sarmiento, existiram outros empreendimentos importantes para a constituição de São João Nepomuceno enquanto cidade, como a Fábrica de calçados da Sociedade Anonyma S. João Fabril; Fábrica de Meias da Companhia S. José; Fábrica de Gelo e Manteiga Bernardo Sarmiento; Moraes Sarmiento & Cia, importante casa comercial; Sarmiento & Comp., negociantes de ferragens, louças, fazendas, armarinho, molhados e mantimentos; Curtume Daniel Sarmiento Filho.⁴⁴

Tudo girava, mas tudo mesmo, girava em torno da fábrica. Literalmente, tudo em São João: o comércio, a indústria, as oficinas mecânicas, as pequenas indústrias, tudo circulava em

⁴¹ MEDINA, Paulo Roberto de Gouvêa. *São João Nepomuceno e a Zona da Mata*. 1996, p. 19

⁴² BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dicionário Histórico-Geográfico de Minas Gerais*. Edição comemorativa dos dois séculos e meio da Capitania de Minas Gerais. Belo Horizonte: Saterb, 1971, p. 464.

⁴³ MEDINA, Paulo Roberto de Gouvêa. *São João Nepomuceno e a Zona da Mata*. 1996, p. 19

⁴⁴ CAPRI, Roberto. *São João Nepomuceno (Minas)*. 1916, p. 29.

torno da Fábrica. Mas o apogeu mesmo se deu nas décadas do segundo pós-guerra, de 1945 até 1964, 1965.⁴⁵

A narrativa do senhor Alírio apresenta uma fábrica que aglutina em torno de sua órbita, não apenas empreendimentos da família Sarmiento, mas considerável parte das iniciativas comerciais e industriais da cidade no pós-Segunda Guerra. Foi Daniel Sarmiento o precursor da iluminação elétrica em São João Nepomuceno, tendo para isso instalado uma rede de força, luz e telefone não só para a sua grande indústria, mas, também para sua residência.⁴⁶ A proeminência da Companhia no cenário regional é um eco do sucesso de empreendimentos têxteis no país em decorrência da crise pela qual a Europa passou durante a Segunda Guerra Mundial.⁴⁷

Na época em que a guerra arrasou o mundo, a fábrica vendia muito! Tudo o que fazia, vendia, entendeu? Aí produzia dia e noite. [...] Quer dizer, o retorno, às vezes, não era tão grande, mas tudo que você faz, você coloca, às vezes fica um saldo, e para o operário era bom. Porque havendo uma indústria que paga hospital, e, às vezes, a pessoa tá precisando de uma operação, a fábrica pagava, mesmo que descontasse depois um pouquinho. Mas, quer dizer, tinha uma engrenagem melhor...⁴⁸

A relação patrão/operário na Companhia – não importando ser uma estratégia dos dirigentes para jugo dos operários ou configurar um impulso altruísta – enredava-os

⁴⁵ ALÍRIO DOS REIS MEDEIROS. Funcionário do escritório do ponto da Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento na década de 1950. Entrevista realizada em Novembro de 2011, São João Nepomuceno (MG).

⁴⁶ MEDINA, Paulo Roberto de Gouvêa. *São João Nepomuceno e a Zona da Mata*. 1996, p. 19.

⁴⁷ CF. MOURA, Gerson. *Relações exteriores do Brasil: 1939-1915, mudanças na natureza das relações Brasil-Estados Unidos durante e após a Segunda Guerra Mundial*. Brasília: FUNAG, 2012.

⁴⁸ ALÍRIO DOS REIS MEDEIROS. Funcionário do escritório do ponto da Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento na década de 1950. Entrevista realizada em Novembro de 2011, São João Nepomuceno (MG).

numa relação de dependência e admiração pela fábrica. O senhor Alírio nos apresenta um panorama de prosperidade da Companhia que possibilita esse tipo de postura por parte do patrão.

O momento de sucesso nos negócios, sinalizado no fragmento de narrativa em destaque, está diretamente relacionado com os reflexos da Segunda Guerra Mundial na economia brasileira. A prosperidade da Companhia na década de 1950 embalava os anos dourados da cidade e refletia a conjuntura econômica nacional.⁴⁹

O Brasil, governado pelo então presidente Eurico Gaspar Dutra, terá um aproveitamento satisfatório do momento de crise europeu em função dos prejuízos físicos e econômicos na guerra terminada em 1945. Até a efetiva reconstituição do parque industrial na Europa, manufaturas e, principalmente, indústrias têxteis brasileiras almejavam desempenho considerável no comércio internacional.⁵⁰ De fato, as impressões do senhor Alírio são plausíveis e demonstram a viabilidade da Companhia enquanto força industrial na cidade de São João Nepomuceno.

Na narrativa do senhor Gilson, é possível perceber a influência da Companhia na vida do trabalhador ao conferir presentes e bônus nos salários dos mesmos. Era um momento aguardado por todos com bastante euforia.

⁴⁹ Sobre os anos da década de 1950: Cf. BENEVIDES, Maria Victória. *Governo Kubitschek (Desenvolvimento econômico e estabilidade política: 1956-1961)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. v. 1; FARO, Clóvis de e SILVA, Salomão Quadros. A década de 1950 e o Programa de Metas. In: GOMES, Angela Castro. *O Brasil de JK*: Rio de Janeiro. Editora FGV, 1991; MOREIRA, Vânia Losada. Os anos JK: industrialização e modelo oligárquico de desenvolvimento. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *O Brasil republicano: o tempo da experiência democrática*. Vol 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

⁵⁰ SARETTA, Fausto. O governo Dutra na transição capitalista no Brasil. In: SUZIGAN, Wilson; SZMRECSÁNYI, Tamás (Org.). *História econômica do Brasil contemporâneo*. 2 ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2002. p. 103

Quando ela [CFTS] estava numa situação muito boa ela sorteava uns prêmios lá, aparecia no cartão da pessoa. “Foi sorteada!”. Aí ganhava um dinheirinho... Era assim como se fosse um abono, só que não era todo mundo, eram algumas pessoas que ganhavam. Mas foi pouco tempo também...⁵¹

Mas a fábrica penetra no cotidiano da cidade de outras formas, movimentando interesses comerciais e políticos: grupos se posicionavam a favor ou contra o “pessoal da fábrica”⁵², centro das discussões cidadinas.

Por exemplo, São João. Pólo da indústria e desenvolvimento de São João: a Fábrica de Tecidos. Vinte e cinco, trinta anos. Pólo! Então você já viu o que fervilhava em torno da Fábrica. Ou seja, a movimentação era gigantesca! Inclusive aquele negócio se espalhava em todos os setores da atividade. Tinha três farmácias na época. [...] Uma farmácia era ligada ao pessoal da Fábrica. A outra farmácia era ligada ao pessoal contra a Fábrica. Então a Fábrica era o centro de irradiação político social em toda a cidade.⁵³

O senhor Alírio sinaliza que a Companhia transcende as atividades básicas de sua vocação enquanto indústria têxtil, passando a influenciar o imaginário político da cidade, mesmo que sutilmente. A fábrica, mais do que polarizar o mercado, desponta no

⁵¹ GILSON FRANCISCO ALVES. Sindicalista e operário da Companhia Fiação e Tecidos Sarmento nas décadas de 1950 e 1970. Entrevista realizada em Fevereiro de 2016, São João Nepomuceno (MG).

⁵² A orientação política dos diretores da Companhia Fiação e Tecidos Sarmento nas décadas de 1950 e 1960 era de apoio ao Partido Social Democrático (PSD) e rivalizava com setores que apoiavam a União Democrática Nacional (UDN) e, nas eleições de 1962, com o Partido Social Trabalhista (PST), partido adotado pelo então presidente do Sindicato, senhor Jair Rodrigues.

⁵³ ALÍRIO DOS REIS MEDEIROS. Funcionário do escritório do ponto da Companhia Fiação e Tecidos Sarmento na década de 1950. Entrevista realizada em Novembro de 2011, São João Nepomuceno (MG).

cenário industrial regional como importante veículo e vitrine de promoção política e social em São João Nepomuceno, conforme noticia o jornal “Voz de São João” de 1955:

Temos para nós, que só a Fábrica Sarmiento representa 50% da vida econômica dessa região. Ai! de nós se essa empresa fosse transportada para outra zona do país! Pobre São João Nepomuceno, como sofreria terrível colapso em sua economia! Felizmente, não se pensa em tal cousa.⁵⁴

Segundo o jornal, a fábrica é um empreendimento estratégico para São João Nepomuceno e região. Apesar de a estatística ser um mero palpite presente na matéria “Fábrica de Tecidos Sarmiento: Fator de progresso”, é possível inferir a importância da Companhia para a cidade aos olhos da imprensa e o seu caráter de pilar da economia sanjoanense.

A política girava, o comércio girava, os esportes giravam em torno da fábrica. Por que os esportes? O Operário Futebol Clube foi fundado dentro da Fábrica. Existia um escritório do ponto onde é hoje a Previdência Social - no Instituto Social de Previdência, na esquina que vai lá pra rua? Expedicionário Lopes. Aquilo ali era tudo da Fábrica, ali era a entrada de caminhão, oficina mecânica, tinha lá um poço enorme, tinha uma pequena Companhia de Força e Luz. A chegada do motor diesel aqui foi uma festa. Era um troço do tamanho de uma casa, o motor diesel. As festas natalinas pra criança eram todas promoção da fábrica.⁵⁵

⁵⁴ Jornal *Voz de São João*, 17 de Abril de 1955, p. 1.

⁵⁵ ALÍRIO DOS REIS MEDEIROS. Funcionário do escritório do ponto da Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento na década de 1950. Entrevista realizada em Novembro de 2011, São João Nepomuceno (MG).

Os fragmentos de memória presentes na narrativa do senhor Alírio demonstram a função social central desempenhada pela Companhia em São João Nepomuceno, e a forma como seus diretores penetravam nos mais diversos nuances do cotidiano operário, constituindo-se a fábrica numa importante representação do imaginário operário na cidade.

A fábrica faz-se presente, inclusive, nos momentos de lazer, como no Operário Futebol Clube, e em comemorações sociais importantes como o Natal. Por exemplo, a instalação de uma máquina – como o motor diesel – constituía-se em uma grande conquista e gerava ansiedade nos operários e moradores de São João Nepomuceno, revelando o grande interesse por “novidades” que a Companhia despertava no sanjoanense. Dessa forma, estabelece-se, paulatinamente, uma relação de reciprocidade entre operários e Companhia.

Chegava ao ponto, e aí eu falo que era um fato bastante pitoresco, porque eu não trabalhava na fábrica ainda, tinha 14 anos, 13 anos. Naquela época, o que nós fazíamos para impressionar as meninas? [...] Nós íamos nesse terreno, chegava lá, pegava pedaço de algodão, aquele pó de algodão, passava na cabeça e saía pra rua. Aí sim a gente ia pros jardins, para as meninas acharem que a gente trabalhava na fábrica pra poder ter cartaz com elas, senão nós não "tinha" não. Se não trabalhasse na fábrica não valia nada! (risos) [...] Era tão importante trabalhar na fábrica!⁵⁶

A narrativa do senhor Gilson transparece a importância simbólica da fábrica no cotidiano operário e da cidade. Ser funcionário da Sarmento, mesmo em funções pouco

⁵⁶ GILSON FRANCISCO ALVES. Sindicalista e operário da Companhia Fiação e Tecidos Sarmento nas décadas de 1950 e 1970. Entrevista realizada em Novembro de 2011, São João Nepomuceno (MG).

remuneradas, era sinônimo de *status*. Os operários eram respeitados e seu ofício encarado como de suma importância para manutenção da prosperidade da cidade. Além de empregar um número considerável de sanjoanenses, a Companhia cumpriu suas obrigações trabalhistas e aqueceu a economia local nos anos 1950 e 1960.

O jornal “Voz de São João”, na matéria “Agora a cidade é assim...”, destaca a CFTS como responsável pela elevação do nome da cidade e por seu progresso. Há um tom elogioso ao direcionamento dado pelos diretores aos negócios da fábrica. A reforma de antigas dependências, melhorando a estrutura do complexo fabril, chamava a atenção da cidade. Segundo o jornal, falar da Companhia demandaria um “número especial”, não comportando uma simples matéria toda a importância e relevância do empreendimento. A “Voz de São João” funcionou, nesse momento, como um apoiador da Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento e como um importante veículo na construção do *imaginário social*⁵⁷ das relações “fábrica e comunidade local”.

A fábrica recebeu elogios públicos sobre sua postura no que concerne ao cumprimento e respeito aos pagamentos do salário mínimo. Segundo o jornal “Voz de São João”, a conduta da Companhia reflete o caráter e a probidade de seus diretores. A matéria afirmava que, apesar do posicionamento favorável do jornal em relação aos trabalhadores, não deixaria de “fazer justiça ao empenho e competência da gerência da fábrica”. Destacava, ainda, o respeito e união entre patrão e empregados no processo de adaptação das relações trabalhistas à legislação varguista.⁵⁸

É digno de nota, inclusive, que a memória varguista é reafirmada pelo sindicato em festividades e homenagens. No dia do trabalho de 1956, a instituição organizou uma

⁵⁷ Cf. BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. In: LEACH, Edmund et Alii. *Anthropos-Homem*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

⁵⁸ Jornal *Voz de São João*, 22 de Abril de 1956, p. 3.

festividade para celebração da data. Além da reprodução do discurso do presidente Juscelino Kubistchek, proferido no estádio do Clube de Regatas Vasco da Gama no Rio de Janeiro, os operários e a comunidade sanjoanense pôde se entreter com números de música e atrações culturais. Em meio a risos e descontração, os presentes ouviam elogios à legislação trabalhista devida ao “saudosos presidente Getúlio Vargas”.⁵⁹

O mito em torno da figura varguista é compreensível quando considerada a experiência operária no mundo do trabalho em seu governo. As palavras de Vargas não se encerraram apenas no discurso, mas se concretizaram em ações que alteraram sensivelmente a vida dos trabalhadores. Os elogios proferidos pelos operários não eram frutos de manipulação política derivada de um modelo de poder onipotente.

Os operários tornaram públicas suas leituras e apropriações da realidade na qual estavam inseridos. O imaginário varguista expressava uma constante negociação trabalhista, haja vista a observação de perdas e ganhos por parte dos trabalhadores que agiam com reciprocidade aos estímulos emanados nas relações de poder.⁶⁰

Para além das festividades, o sindicato se posicionava como defensor legítimo dos interesses da classe operária. Sua articulação com lideranças de expressão nacional, como o senhor Clodesmidt Riani⁶¹, reforçava a imagem da instituição enquanto braço

⁵⁹ Jornal *Voz de São João*, 06 de Maio de 1956, p. 1.

⁶⁰ Sobre o trabalhismo, trabalhadores e imaginário Varguista: Cf. FERREIRA, Jorge. *Trabalhadores do Brasil - o imaginário popular (1930-1945)*. Rio de Janeiro: FGV, 1997; GOMES, Angela de Castro. *A Invenção do Trabalhismo*. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1988; JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. O imaginário sobre Getúlio Vargas. In: *História oral*. Revista da Associação Brasileira de História oral. Número 1, junho de 1998. MAIA, Andréa Casa Nova. *Encontros e Despedidas – História de Ferrovias e Ferroviários de Minas*. 1. ed. Belo Horizonte: Argymentvm, 2009.

⁶¹ Clodesmidt Riani foi importante líder sindical e político na cidade de Juiz de Fora (MG) na década de 1950, sendo um dos fundadores do Sindicato dos Trabalhadores da Energia Elétrica de Juiz de Fora. Foi nomeado pelo ministro do Trabalho João Goulart para integrar a Comissão do Salário Mínimo de Minas Gerais em 1954. Foi eleito deputado Estadual pelo Partido Trabalhista Brasileiro também em 1954. Na década de 1960 assumiu a vice-presidência da Confederação Nacional dos Trabalhadores da Indústria (CNTI) e propôs a criação do Comando Geral dos Trabalhadores (CGT). Fonte: *Dicionário Histórico*

forte das reivindicações operárias. Na matéria “Grande vitória do Sindicato e do deputado Riani”, por exemplo, o jornal “Voz de São João” noticiou a intervenção do sindicato e de Riani junto ao Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários, o IAPI, com o intuito de interferir na descentralização da prestação de seus serviços para aumentar a autonomia da agência sanjoanense.⁶²

Neste sentido, a figura de Jair Rodrigues, presidente do sindicato, se destacou com o apoio de Riani no cenário municipal para salvaguarda dos anseios de trabalhadores e operários sanjoanenses. Na matéria “O Sindicato trabalha em benefício da classe”, o jornal “Voz de São João” apresenta um sindicato ativo e decisivo no curso da defesa dos interesses dos operários sanjoanenses. Ainda cobrindo a descentralização dos serviços do IAPI e a conferência de maior autonomia à agência de São João Nepomuceno, graças “ao trabalho ativo e desinteressado do Sindicato”, é possível perceber o sindicato enquanto intermediador nas relações entre classe operária e o IAPI.⁶³

Mais do que interceder junto aos patrões em favor do operário, o sindicato se fez presente e necessário em outras esferas do cotidiano de trabalho sanjoanense. Sua atuação perante eventuais indisposições entre os trabalhadores e a Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento criou junto a estes uma relação pautada na confiança em relação às determinações do sindicato.⁶⁴

Biográfico Brasileiro pós 1930. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/clodesmidt_riani.

⁶² Jornal *Voz de São João*, 05 de Maio de 1957, p. 1.

⁶³ Jornal *Voz de São João*, 02 de Junho de 1957, p. 4.

⁶⁴ Sobre a relação entre sindicalismo e poder: Cf. D'ARAÚJO, Maria Celina. *Sindicatos, carisma e poder*: PTB de 1945-65. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

Os líderes sindicais amortecem o trato de questões polêmicas que lesam os direitos trabalhistas conquistados pelo operariado e procuram garantir, em diálogo com os diretores da fábrica, o cumprimento de suas obrigações legais perante os trabalhadores. Nesta relação a CFTS desponta como indústria idônea, cumpridora de suas obrigações e responsável pelo desenvolvimento econômico da cidade.

A Sarmento era uma indústria modelo na região. Independente de classe social, famílias mais ricas e bem sucedidas, famílias mais pobres, a Companhia concatenava sujeitos tão discrepantes num significante comum: o trabalho na fábrica. Além do tamanho do complexo fabril e da influência política e econômica, era importante, socialmente, trabalhar na CFTS. Não era um emprego qualquer, uma vez que trabalhar na fábrica transcendia a noção básica de compra e venda da força de trabalho.

Um fato muito interessante que eu gosto de contar, é até um fato pitoresco, a Sarmento, como dizia na época, a Sarmento não estava dentro de São João, era São João que estava dentro da Sarmento. Por quê? Porque as pessoas que trabalhavam na Sarmento, às vezes eu pego um livro de ata antiga aí, todas as famílias importantes de São João, seja ela pobre ou rica, doutores e tudo, sempre teve, ou a pessoa ou alguém da família, trabalhando na Sarmento. Porque era o melhor emprego que tinha em São João. Não tinha outro emprego, absorvia quase que a mão de obra toda. Porque São João era menor, né? [...] Então todo mundo queria trabalhar na Sarmento.⁶⁵

⁶⁵ GILSON FRANCISCO ALVES. Sindicalista e operário da Companhia Fiação e Tecidos Sarmento nas décadas de 1950 e 1970. Entrevista realizada em Novembro de 2011, São João Nepomuceno (MG).

A contadora da Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento, senhora Yorke, apresenta detalhes do funcionamento burocrático da fábrica e de sua eficiência na gestão dos negócios:

Saia tecidos que iam pra vários estados do Brasil. O movimento era muito grande naquela época. Os caminhões transportavam... Mas saia tudo daqui. Aí, normalmente, a fábrica ia crescendo, eles diziam até que São João é que estava dentro da fábrica, muitos empregados mesmo. Mil e não sei quantos empregados naquela época.⁶⁶

Mais uma vez é possível perceber a lógica de que era a cidade que se desenvolvia em função da fábrica, e não o contrário. Além de destacar o expressivo número de funcionários empregados pela Companhia, cabe perceber na narrativa da senhora Yorke a rotina contábil da fábrica no que se refere às suas obrigações patronais:

O pagamento era feito quinzenalmente. Todo dia 05 e todo dia 20 eles recebiam o pagamento. [...] As férias eram pagas mesmo ali em cima. Venceu as férias, recebiam as férias. De quinze em quinze eu colocava lá o nome das pessoas que iam entrar de férias a partir do dia tal, sabe? Era tudo muito legal. Tudo escrito, tudo mesmo bem feito.⁶⁷

⁶⁶ YORKE DE ALMEIDA CAMPOS. Contadora da Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento na década de 1950. Entrevista realizada em Fevereiro de 2013, São João Nepomuceno (MG).

⁶⁷ Idem.

O cumprimento das Leis Trabalhistas na Companhia aproximou o trabalhador, que se sentia bem quisto pelo patrão e valorizado enquanto operário. O sentimento de pertencimento construído nas relações cotidianas se escorou na prosperidade de uma indústria que se mostrava relevante no cenário industriário têxtil do país.

A fábrica, diferente da realidade econômica local que temos hoje, reinava soberana na economia da cidade. A polarização em torno da Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento era enorme e sua influência na região comparável ao tamanho do empreendimento. A matéria “S. João Nepomuceno está progredindo” relaciona o “extraordinário ‘salto’ que a ‘garbosa’ vem dando” à evolução estrutural da fábrica, tanto na instalação de novas máquinas, quanto na progressão de sua produção.⁶⁸

Então, realmente, era uma potência aqui na região. E encarava de frente aquelas uma ou duas fábricas que tinham lá em Cataguases... Juiz de Fora não tinha uma fábrica de tecidos do tamanho da nossa, não. Entendeu? A administração do Carlos Stiebler, um alemão, cara alto... Aquele tipo alemão... Incrível!⁶⁹

Os negócios da Companhia polarizavam a região no que diz respeito ao comércio de tecidos. Supera, inclusive, Juiz de Fora que, nos dias de hoje, influencia a região da Zona da Mata mineira, tendo ultrapassado em importância estratégica a cidade de São João Nepomuceno.

Continuei [em São João Nepomuceno], mas eu saí porque meu marido não concordou que eu trabalhasse fora, sabe? Era muito

⁶⁸ Jornal *Voz de São João*, 08 de Julho de 1956, p. 1.

⁶⁹ ALÍRIO DOS REIS MEDEIROS. Funcionário do escritório do ponto da Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento na década de 1950. Entrevista realizada em Novembro de 2011, São João Nepomuceno (MG).

difícil pra eu trabalhar também porque eu não tinha hora! Eu não tinha hora de entrar, hora de sair, porque tinha a estrada de ferro Leopoldina, chegava óleo diesel, às vezes, de madrugada, fora de hora... Eu tinha que atender porque tinha que pagar o frete na estação. Eu não tinha dia, não tinha hora, não tinha domingo, não tinha feriado, eu não tinha hora pra nada. No tempo que eu trabalhei lá eu nunca tirei férias, não podia tirar, não tinha como!⁷⁰

É com pesar que a senhora Yorke diz que precisou afastar-se do trabalho na Companhia em função de questões conjugais incompatíveis com a demanda de trabalho de sua função. A construção de sua narrativa permite perceber que a fábrica funcionava em ritmo intenso graças à dedicação de seus operários. A CFTS parecia viva e nunca dormia, produzindo seus fios e tecidos ininterruptamente. Funções chave – como a de contadora – inviabilizavam, muitas vezes, a possibilidade de tirar férias e descansar. O trabalho não poderia ser comprometido de forma alguma e os operários sabiam disso.

Era pagamento quinzenal, quinze em quinze dias... Era tão organizado que ela gozava de um prestígio que ultrapassava Juiz de Fora, entendeu? Mas exatamente nesse ou naquele ano, assim, não dá pra... Mas que foi no governo da fábrica de Carlos Stiebler, Carlos Frederico Stiebler, acho que é descendente de alemão, que a fábrica teve o seu apogeu. [...] E aquilo a pleno vapor! Eu trabalhava lá dentro no escritório, e eu naquela época tinha, sei lá, quinze anos. [...] Era ele que comandava... Punho de ferro! [...] Porque o Carlos Stiebler, se ele tinha aquela

⁷⁰ YORKE DE ALMEIDA CAMPOS. Contadora da Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento na década de 1950. Entrevista realizada em Fevereiro de 2013, São João Nepomuceno (MG).

rigidez, ele era um sujeito de boas intenções, de bom relacionamento com todo mundo...⁷¹

A rigidez e o grande volume de trabalho imprimidos sobre os operários, uma vez que a CFTS funcionava ininterruptamente, pesava sobre os ombros dos trabalhadores. Contudo, a solidez da Companhia atraía o interesse dos sanjoanenses que queriam trabalhar numa firma que pagasse os salários em dia e os respeitasse enquanto trabalhadores. A boa índole do senhor Carlos Frederico Stiebler refletia-se nos negócios da fábrica que prosperava e influenciava a vida dos trabalhadores e lares sanjoanenses.

Ele [Carlos Stiebler] tinha um sócio “entre aspas”, né? Genaro de Moraes Sarmiento. Você já viu que era da família. Morava no Rio de Janeiro, mas cada vez que ele vinha aqui, ele era tão disperso, tão... Ele vinha com uma mulher e apresentava como a namorada dele. [...] Esse aí eu conheci, eu falo porque eu conheci. [...] Ele esculhambou! Começou a esculhambação com ele, Genaro de Moraes Sarmiento. Não estou falando por ser mulherengo, mas inclusive... Quer dizer, um sujeito que a cada cinco, seis, dez vezes num ano vem numa empresa na qual ele é sócio, um dos sócios – mas quem manipulava mesmo era o Carlos Stiebler –, então realmente ele afundou a fábrica. Porque primeiro ele não tinha nem moral pra conduzir [...].⁷²

Após o afastamento do senhor Carlos Stiebler – quando do desentendimento com outros diretores da Companhia – começou, segundo o senhor Alírio, “a

⁷¹ ALÍRIO DOS REIS MEDEIROS. Funcionário do escritório do ponto da Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento na década de 1950. Entrevista realizada em Novembro de 2011, São João Nepomuceno (MG).

⁷² ALÍRIO DOS REIS MEDEIROS. Funcionário do escritório do ponto da Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento na década de 1950. Entrevista realizada em fevereiro de 2016, São João Nepomuceno (MG).

esculhambação” e problemas de má gestão da indústria comprometiam o sucesso do negócio. Apesar da importância econômica da Companhia, a “galinha dos ovos de ouro”, no início da década de 1960, começou a degradingolar.

E a mercadoria que vendia era tecido assim... riscado. Mas naquela época usava muito, né? Mas com o tempo eu acho que não foi mais bem aceito o que eles faziam... Má administração também! Eu já levo a má administração... Porque quando eu saí de lá as coisas ainda estavam em ordem, mas depois...⁷³

Insistindo na narrativa da senhora Yorque, é possível perceber que os produtos da fábrica eram bem aceitos e a produção era absorvida pelo mercado. Contudo, os produtos já davam sinais de problemas de aceitação e a má gerência da Companhia prejudicava os negócios da fábrica, fatores que serão determinantes para a eclosão da crise que apresentarei no capítulo seguinte.

⁷³ YORKE DE ALMEIDA CAMPOS. Contadora da Companhia Fiação e Tecidos Sarmento na década de 1950. Entrevista realizada em Fevereiro de 2016, São João Nepomuceno (MG).

CAPÍTULO 2 – O “drama da Sarmiento”

São-Joanense! O momento é de intranquilidade para a nossa terra. A Fábrica de Tecidos não pode e não deve parar. COOPERE por todos os meios e modos, para a salvação de nossa indústria mater. Lutemos mostrando a coesão de nosso povo e a nossa férrea vontade de sobrevivência. *Deus não nos desampará.*⁷⁴

A demanda por tecidos como um reflexo da Segunda Guerra Mundial foi conjuntural e não se sustentou por muito tempo. Ao final da guerra e com a reestruturação da economia europeia, a demanda do mercado externo, para a indústria têxtil brasileira, diminuiu.⁷⁵ O mercado interno, por sua vez, não conseguiu absorver a demanda por tecidos anteriormente aberta pela Europa.⁷⁶

Paralelo a esse processo, a Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento apresentou um maquinário obsoleto, sem condições para concorrer com a produção de empreendimentos têxteis mais desenvolvidos e modernos no mercado nacional. Tratava-se de um panorama preocupante para a indústria têxtil sanjoanense, situação que seria sentida com bastante intensidade pela CFTS na década de 1960.

⁷⁴ O trecho em epígrafe é um recorte do jornal “Voz de São João”, edição nº. 1.518, de 25 de Dezembro de 1966, que compõe uma coleção de documentos que registram a crise da Companhia, cedidos pelo senhor Gilson Francisco Alves. Grifo e caixa alta no original.

⁷⁵ Cf. MOURA, Gerson. *Relações exteriores do Brasil: 1939-1915, mudanças na natureza das relações Brasil-Estados Unidos durante e após a Segunda Guerra Mundial*. Brasília: FUNAG, 2012.

⁷⁶ Cf. LOPES, Juarez Rubens Brandão. *Crise do Brasil Arcaico*. Rio de Janeiro: Biblioteca Virtual de Ciências Humanas do Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009.

Essa conjuntura de crise é percebida com clareza na narrativa do senhor Gilson. Suas palavras adquirem um tom consternado quando este apresenta uma encadernação com a seguinte inscrição em caixa alta na capa: DRAMA DA SARMENTO.

Eu tenho até guardado aí uma encadernação falando sobre a fome que passou a existir em São João porque não tinha emprego... Pessoa tinha quatro, cinco filhos, normalmente trabalhava marido e mulher na mesma indústria. Então foi uma época difícilíssima. O povo de São João sofreu muito.⁷⁷

O fragmento da narrativa destacado acima apresenta o momento no qual o senhor Gilson agrega a seu depoimento o rico acervo documental colecionado por ele sobre a crise da Companhia. A epígrafe apresenta a transcrição de um dos vários documentos e recortes organizados em uma encadernação que contém anotações, folhetos, cópias de documentos diversos, jornais, enfim, fragmentos de memórias que fornecem indícios desse período de crise. Os documentos pessoais, reunidos nesse objeto biográfico⁷⁸, potencializaram a construção narrativa do entrevistado.

É possível perceber nas palavras do senhor Gilson e no discurso apresentado nos folhetos e jornais o pessimismo e o medo em relação ao destino da fábrica. No momento em que a indústria encontra-se em crise, seus operários e sanjoanenses de uma maneira geral foram convocados a unir forças para soerguer a Companhia. A crise foi encarada como a derrocada geral da cidade.

⁷⁷ GILSON FRANCISCO ALVES. Sindicalista e operário da Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento nas décadas de 1950 e 1970. Entrevista realizada em Novembro de 2011, São João Nepomuceno (MG).

⁷⁸ Cf. ALMEIDA, Juniele Rabêlo. *Performance e objeto biográfico: questões para a história oral de vida. Oralidades (USP)*, v. 2, p. 101-109, 2007.

A conjuntura de crise e o medo gerado pelo insucesso da CFTS começou a transparecer com o recrudescimento da participação de operários nas reuniões do sindicato, perceptível na análise de suas atas. Os primeiros anos da década de 1960 foram marcados por reclamações de reajuste salarial⁷⁹ em função do aumento no custo de vida⁸⁰ e atraso no pagamento de férias.⁸¹ A Companhia, conhecida pela pontualidade e por honrar seus débitos, começa a falhar com os trabalhadores.

Terminada a guerra em 1945, aí já começou a ficar meio difícil... Um ano ou dois ainda vendeu bem, porque as outras custaram a se organizar fora. Depois que organizou fora começou a ficar mais difícil no comércio e na indústria também. Você pode ver que aqui, oh, tinha Cataguases com várias indústrias boas, Leopoldina... [...] Até aquela que tinha pra cá em Três Rios já fechou também. Petrópolis fechou, não sei se tem alguma que funciona lá ainda, né? Mas a Cascatinha cá embaixo que era uma fábrica grande fechou. Então... Aqui em Juiz de Fora fechou aquela do centro ali... Grande, né! Aí houve mesmo uma recessão praticamente nesse setor.⁸²

O senhor Alírio associa o encerramento da Segunda Guerra Mundial e o restabelecimento da força econômica das potências europeias como principais fatores para os problemas econômicos e declínio da Companhia. A demanda de exportação de tecidos para a Europa arrefece com o passar dos anos. Tal movimento sinalizado em sua

⁷⁹ Livro de atas do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de São João Nepomuceno, 12 de Agosto de 1961.

⁸⁰ Livro de atas do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de São João Nepomuceno, 19 de Novembro de 1961.

⁸¹ Livro de atas do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de São João Nepomuceno, 25 de Janeiro de 1962.

⁸² ALÍRIO DOS REIS MEDEIROS. Funcionário do escritório do ponto da Companhia Fiação e Tecidos Sarmento na década de 1950. Entrevista realizada em Novembro de 2011, São João Nepomuceno (MG).

narrativa acarretou um estado de recessão e, conseqüentemente, a falência de importantes indústrias têxteis em cidades vizinhas, como Leopoldina, Três Rios e Juiz de Fora.

Eles ficavam três meses sem pagar a gente, tem que fazer uma pressão. Mas não adiantava também não. Como fazer uma greve? Eles não tinham dinheiro pra pagar também... Pra quê? Era muito difícil, foi uma época muito difícil.⁸³

A narrativa do senhor Alírio permite apreender que a ação esteve atrelada a uma escolha conformada que o peso desse contexto de crise forjou no cotidiano operário. A questão norteadora das entrevistas sempre foi a postura dos trabalhadores no calor dos eventos ao ver a Companhia se perdendo em dívidas, não honrando seus compromissos trabalhistas.

Toda vida eu fui a favor nas reuniões de explicar que a pessoa tem direitos mas tem obrigações. Porque não adianta você falar “a lei te dá essa e essa proteção”, não. Mas você tem um serviço, você tem que dar conta. [...] Você pediu o emprego, não vieram te oferecer emprego em casa. Então você tem que fazer tudo pra produzir pra indústria ficar melhor. [...] Quando eu conversava com as pessoas eu sempre dava essa dica. O que adianta sindicato se não tem fábrica, né? Acaba a fábrica, acaba o sindicato.⁸⁴

⁸³ ALÍRIO DOS REIS MEDEIROS. Funcionário do escritório do ponto da Companhia Fiação e Tecidos Sarmento na década de 1950. Entrevista realizada em Novembro de 2011, São João Nepomuceno (MG).

⁸⁴ CARLOS MARCHIORI. Sindicalista e operário da Companhia Fiação e Tecidos Sarmento nas décadas de 1950 e 1960. Entrevista realizada em Maio de 2013, São João Nepomuceno (MG).

O cotidiano operário não é dado pronto, acabado, mas vivido. Não há passividade, mas articulações e negociações constantes. O início da década de 1960 foi marcado pela carestia e dificuldade em se manter condições dignas de sobrevivência. Greves e paralisações de grande vulto não ocorreram.⁸⁵ Entretanto, isso não representou falta de coesão e consciência por parte dos operários da Companhia.

Tendo um sindicato atuante, uma classe bem organizada e coesa, é de se estranhar, num primeiro momento, o diálogo dos operários com os patrões, malgrado as falhas da Companhia e a possibilidade de realizarem manifestações de maior força e expressão. Entretanto, a fala do senhor Carlos Marquiori apresenta aspectos da conduta dos trabalhadores na fábrica. Havia um respeito pelo trabalho, um cuidado em se manter o ofício e a indústria funcionando a plenos pulmões, um desejo de negociação nas relações entre os pares e destes com o patrão.

Entretanto, ocorreu uma reunião no dia 13 de fevereiro de 1960 organizada pelo Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem e pelo Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Calçados de São João Nepomuceno em solidariedade a Jair Rodrigues de Oliveira, presidente do Sindicato, que fora ameaçado pela CFTS pelo simples fato de cumprir com suas atividades à frente desta instituição em defesa dos interesses dos operários.

A Assembleia contou com a presença de importantes líderes sindicais do estado de Minas Gerais, como Sinval Bambirra, Presidente da Federação dos Trabalhadores Têxteis de Minas Gerais e Jair Rehn, presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas

⁸⁵ Exceção “as greves de 1968”: a greve de Belo Horizonte e Contagem (MG); o 1º de Maio na praça da Sé (SP); e a greve de Osasco (SP). Cf.: NEVES, Magda de Almeida. *Trabalho e Cidadania: As Trabalhadoras de Contagem*. Petrópolis: Vozes, 1995; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. *Osasco 1968: a greve no feminino e no masculino*. 590 p. Tese (Doutorado em História Social) – USP, São Paulo, SP, 2012.

Indústrias Têxteis de Juiz de Fora. Contou, também, com a presença de mais de quinhentos trabalhadores.

Além da discussão de assuntos de interesse da classe trabalhadora, o ponto principal da reunião foi a ameaça de dispensa feita pelos diretores da CFTS a Jair Rodrigues. Nesta oportunidade, ficou definido que no dia 15 de fevereiro os operários compareceriam à sede do sindicato para acompanharem o presidente da instituição até a fábrica em sinal do reconhecimento de seu trabalho em defesa de seus interesses.⁸⁶

As demandas por melhorias nas condições de trabalho e no respeito às obrigações trabalhistas pelos diretores da Companhia era assunto de interesse comum dos sanjoanenses. No final de 1961, a fábrica teve a venda da totalidade de suas ações a um consórcio de São Paulo. A vultosa transação prendeu por várias semanas a atenção de toda a cidade que tinha naquele estabelecimento fabril a sua mola mestra, pois, como muitos defendiam e acreditavam, a vida de São João Nepomuceno girava em torno da Companhia Fiação e Tecidos Sarmento.

Os novos dirigentes da Companhia, que pretendiam assumir o controle dos negócios nos primeiros dias de novembro de 1961, planejavam fazer grande remodelação na estrutura da fábrica. A nova direção acreditava que renovar maquinários obsoletos substituindo-os por teares automáticos tornaria a produção mais barata e competitiva no cenário têxtil nacional. Através desse movimento se torna possível inferir que a dificuldade financeira pela qual passava a fábrica tinha por principal motivo a “precária e antiquada produção de fios e tecidos pela CFTS”.⁸⁷

⁸⁶ Jornal *Voz de São João*, 28 de Fevereiro de 1960, p. 3v.

⁸⁷ Jornal *Voz de São João*, 22 de Outubro de 1961, p. 1.

Ao passo que a nova diretoria assumia o controle dos negócios da Companhia e tentava empreender melhorias na linha de produção a fim de elevar o aproveitamento da força de trabalho empregada nas seções, os operários sentiam e reclamavam o abusivo aumento do custo de vida na cidade. Representantes do Sindicato dos Trabalhadores Têxteis de Juiz de Fora e autoridades do município reuniram-se na sede do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecidos de São João Nepomuceno para debaterem, juntamente com os operários, a carestia, inflação e o salário mínimo.

A intenção das lideranças sindicais era levar as reivindicações dos operários sanjoanenses ao conhecimento do governo federal, uma vez que era alarmante a precariedade na qual os trabalhadores começavam a viver na cidade. Segundo o jornal “Voz de São João”, a majoração do salário mínimo “foi uma simples utopia”, haja vista sua absorção pela “espiral inflacionista”.⁸⁸

A sessão foi encerrada com a leitura de um memorial a ser dirigido ao governo federal pelo presidente do sindicato, Jair Rodrigues, no qual pedia providências para “evitar que o povo brasileiro, decepcionado pelas falhas e fraquezas da democracia, venha a se enveredar para o comunismo”.⁸⁹

A crise da Companhia era dada como inevitável e suponho que, assim como seus companheiros de trabalho, o senhor Alírio tenta justificar e proteger a memória da fábrica de alguma forma, aceitando o contexto como inevitável e plausível, permanecendo firmes, em sua maioria, à frente dos teares da fábrica.

⁸⁸ Jornal *Voz de São João*, 22 de Outubro de 1961, p. 1.

⁸⁹ Jornal *Voz de São João*, 26 de Novembro de 1961, p. 1.

Nós fizemos uma paralisação de 10 minutos. Cada um numa máquina... Pra mostrar que o operário tava unido, parou dez minutos. [...] Foi naquela época que tava difícil, pagamento não saía... Talvez mais pra frente um cadinho... 1961, 1962... É a única, não teve mais nada! [...] Só dez minutos... Acabou, acabou!⁹⁰

Conforme narrado pelo senhor Alírio e corroborado nas memórias de outros operários, a articulação mais expressiva dos trabalhadores contra a Companhia foi uma paralisação de dez minutos. Não houve, portanto, manifestações corporificadas em greves, piquetes ou paralisações de maior vulto. Os operários seguiam fazendo, à sua maneira, seus arranjos e negociações.

Mas nunca houve... nenhuma máquina foi quebrada, nunca houve... nada, nada, nenhum prejuízo material, assim, provocado pelos empregados, não. Houve prejuízo porque parava, né. Aquele período não estava produzindo. Tudo foi sempre feito dentro de um bom senso, dentro de uma tranquilidade assim que... nada de quebra-quebra, nada disso. Isso nunca houve não. Houve paralisações? Houve. [...] Aí parava, a gente falava pro pessoal "pare, fica encostado na máquina lá, sem trabalhar, tranquilo, não faz 'bolo', não faz nada, pra nós não perdermos nosso direito, porque, se empatar, nós saímos perdendo. Então nós temos que estar por cima."⁹¹

⁹⁰ ALÍRIO DOS REIS MEDEIROS. Funcionário do escritório do ponto da Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento na década de 1950. Entrevista realizada em Novembro de 2011, São João Nepomuceno (MG).

⁹¹ GILSON FRANCISCO ALVES. Sindicalista e operário da Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento nas décadas de 1950 e 1970. Entrevista realizada em Novembro de 2011, São João Nepomuceno (MG).

O senhor Gilson apresenta um operariado que reconhecia a sua importância frente aos teares da Companhia. Nesse sentido, havia pressão por parte dos trabalhadores para que a situação de trabalho melhorasse sem, contudo, agirem de uma forma que desabonasse a imagem ilibada de seus pares. Os operários negociavam sua conduta diariamente e as lideranças sindicais exerciam o papel de delimitar o caminho a ser percorrido nos períodos de resistência.

O jornal “Voz do Povo”, veículo que daria origem futuramente ao jornal “Voz de São João”, em sua edição de 30 de Novembro de 1924, registrou a primeira “greve” na CFTS, ocorrida quase trinta anos após sua fundação, causada por um desentendimento entre patrões e empregados. À “Voz de São João” coube noticiar o segundo movimento “grevista” da fábrica, tendo como motivo o atraso no pagamento do 13º salário aos operários.

Segundo o jornal, por mais que tivesse respeito e estima pelos operários da principal indústria de São João Nepomuceno, a paralisação do trabalho foi uma atitude reprovável e infeliz por parte dos mesmos. Isso porque a fábrica teria se pronunciado e garantido o pagamento no dia 5 de janeiro de 1963, relacionando o atraso às dificuldades enfrentadas pela Companhia. Mas

[...] fazendo estourar a greve aos primeiros minutos do dia 2, com a paralisação total do serviço, mostraram os trabalhadores têxteis não terem ouvido a voz da razão, provocando um movimento antipático a que não está acostumado o operariado sanjoanense, pois como já foi referido, esta “greve” é a segunda que se processa naquela empresa em seus 68 de existência.⁹²

⁹² Jornal *Voz de São João*, 06 de Janeiro de 1963, p. 3.

O fragmento da matéria “Greve na Cia. Fiação e Tecidos Sarmiento – Motivo: 13º salário” nos dá sinais da organização dos operários e do incômodo que o silêncio da fábrica causava na cidade. A CFTS não podia parar. Contudo, segundo o jornal, os líderes sindicais sanjoanenses foram envolvidos num “trabalho subterrâneo” para provocarem o referido movimento. Veículos de imprensa, inclusive da capital mineira, teriam anunciado a articulação de greves semelhantes pelo estado, presumindo desfechos conciliatórios.

Neste sentido, os líderes sindicais não deram ouvidos às solicitações da direção da Companhia, fazendo com que a paralisação ocorresse à hora predeterminada, encerrando-se, apenas, com o desembarque do deputado Riani na cidade. A chegada do político fez com que o movimento “cessasse como por um milagre”, ficando acordado entre os operários que retomassem seus postos de trabalho e aguardassem o cumprimento do pagamento que foi previamente agendado, como de fato ocorreu.

Houve, no início da década de 1960, um recrudescimento em discussões que tocam o aumento salarial, atrasos de pagamentos e o exorbitante aumento do custo de vida nas reuniões do sindicato. Apesar da ênfase dada à paralisação citada anteriormente, os operários se organizavam de outras formas, negociavam constantemente sua condição de trabalho e vida. Um caso digno de nota foi a questão do aumento dos teares a serem trabalhados pelas tecelãs por parte da Companhia.⁹³

A CFTS propôs o aumento de um tear para produção por tecelã num contexto de desvalorização de seu salário e aumento do custo de vida. Essa questão foi discutida entre os operários e em reuniões organizadas pelo Sindicato. A reclamação tomou eco e proporção que demonstravam a organização e articulação dos trabalhadores da

⁹³ Livro de atas do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de São João Nepomuceno, 28 de Fevereiro de 1962.

Companhia. As mulheres foram convidadas a resistirem às exigências da fábrica e manterem o padrão de trabalho adotado até então.

Paralelamente, o sindicato negociaria junto aos diretores para equacionar o problema. Percebe-se uma direção disposta a ouvir as demandas dos trabalhadores, mais por temer a união dos operários do que propriamente concordar com os termos propostos.⁹⁴ A negociação foi um sucesso e as tecelãs permaneceram trabalhando em três teares, ao passo que a proposta inicial aumentaria um tear por operária.⁹⁵

As tecelãs da CFTS homenagearam os diretores do sindicato em agradecimento à sua atuação eficiente. Na cerimônia, muitos discursos foram trocados, tendo um dos oradores proposto a candidatura de Jair Rodrigues de Oliveira, presidente do sindicato, para prefeito nas eleições de 1962, sob a legenda do PTN.⁹⁶

Contudo, havia rumores de que o sindicato estaria prestes a fazer um acordo com o PSD⁹⁷, desde que o partido substituísse seu candidato a prefeito e incluísse, como vice-prefeito, sua indicação de nome.⁹⁸ O PSD apoia Carlos Frederico Stiebler, filho de Carlos Stiebler, ex-sócio da Companhia. Segundo Bráulio Braz de Freitas, candidato a

⁹⁴ Livro de atas do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de São João Nepomuceno, 24 de Março de 1962.

⁹⁵ Livro de atas do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de São João Nepomuceno, 01 de Abril de 1962.

⁹⁶ Partido Trabalhista Nacional (PTN): fundado por Romeu Campos Vidal em 1945. Reunia dissidentes do PTB. O partido foi extinto em 1965 pelo Ato Institucional n.2. Seus integrantes passaram para a ARENA e o MDB. Elegeram um presidente da República: o Jânio Quadros (1961), renunciou após 9 meses de mandato. Assumindo em seu lugar o vice, João Goulart do PTB. O partido retornou em 1995 com o número 19. Cf. CHACON, Vamireh. *História dos partidos brasileiros*. Brasília: Editora UNB, 1981; FLEISCHER, David (org.). *Partidos políticos no Brasil*. Brasília: Editora da UNB, 1981; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Introdução à história dos partidos políticos brasileiros*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008; SOUZA, Maria do Carmo Campello. *Estado e partidos políticos no Brasil (1930-1964)*. São Paulo, Editora Alfa Ômega, 1983.

⁹⁷ Cf. HIPÓLITO, Lúcia. *De raposas e reformistas: o PSD e a experiência democrática brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985; OLIVEIRA, Maria Lúcia Lippi. "O Partido Social Democrático". In: FLEISCHER, David (org.). *Os Partidos Políticos no Brasil*. Brasília: Editora UNB, vol I, 1981.

⁹⁸ Jornal *Voz de São João*, 08 de Abril de 1962, p. 1.

vereador filiado à UDN⁹⁹, a CFTS sempre apoiou o PSD, devido as relações de amizade entre seus diretores, as famílias do presidente do diretório, senhor Nagib Camilo Ayupe e a família Stiebler.¹⁰⁰

Quando ela era Sarmento, por exemplo, realmente ela tinha [vinculação política]... e tem uma coisa! Aconteciam até fatos, coisas assim que não poderiam acontecer mas aconteciam. Eles chegavam no eleitor, chamava ele lá dentro, chegava até a enfiar a mão no bolso deles pra ver a cédula que eles tinham, tirava aquela cédula, davam outra. Quer dizer, eles tinham uma posição política completamente contrária ao trabalhador, né. Mas eles tinham posição política, sim. Sempre! [...] Naquela época me parece mais que era o PSD, né. Partido Social Democrático. [...] Eles tentavam, levavam lá pra dentro, davam comida, davam as coisas, pra poder influenciar o eleitor... Mas não era só operário, não. Eles pegavam até alguém da roça aí e tudo, levavam lá pra dentro e tentava... Mas não era só eles que faziam. Outros faziam também, né?¹⁰¹

A forma que o senhor Gilson constrói sua narrativa sobre as estratégias eleitorais em São João Nepomuceno chama atenção pela riqueza de detalhes, transparecendo, com maior clareza, o envolvimento da Companhia em questões políticas na cidade. Os diretores da fábrica coagiam os operários a votarem em seus candidatos, inutilizando cédulas de votação, substituindo-as por seus candidatos de preferência. Contudo, os

⁹⁹ Cf. BENEVIDES, Maria Victória. *A UDN e o udenismo: Ambiguidades do liberalismo brasileiro (1945-1965)*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981; DULCI, Otávio. *A UDN e o anti-populismo no Brasil*. Belo Horizonte, Ed. da UFMG, 1986.

¹⁰⁰ BRÁULIO BRAZ DE FREITAS. Comerciante e vereador em São João Nepomuceno na década de 1960. Entrevista realizada em fevereiro de 2016.

¹⁰¹ GILSON FRANCISCO ALVES. Sindicalista e operário da Companhia Fiação e Tecidos Sarmento nas décadas de 1950 e 1960. Entrevista realizada em Fevereiro de 2016, São João Nepomuceno (MG).

trabalhadores pareciam ter consciência de que o PSD e seus apoiadores não defendiam verdadeiramente seus interesses.

De fato, Jair Rodrigues se lançou candidato a prefeito nas eleições municipais de 1962, mas pelo Partido Social Trabalhista (PST).¹⁰² Em entrevista concedida ao jornal “Voz de São João”, ele disse que sua candidatura não teve sentido pessoal, uma vez que se candidatou por ter sido impelido pelos operários da CFTS e pelo povo trabalhador que, estando tomados pela “consciência de classe”, duramente explorado, via em sua candidatura um meio de dirigirem seus “gloriosos destinos”. Segundo o senhor Gilson, apesar do apreço que o sindicato nutria pelo “partido de Getúlio Vargas”, uma contenda local entre o presidente da instituição e o presidente do diretório do PTB¹⁰³ em São João Nepomuceno inviabilizaram a aproximação entre as duas entidades para o pleito.¹⁰⁴

O presidente do sindicato defendia a autenticidade e legitimidade da chapa organizada pelo PST como representante dos trabalhadores e do povo. “Minha candidatura saiu do seio do povo sofredor”, anunciaria Jair Rodrigues, que se negou a estabelecer coligações, dizendo primar, apenas, pela defesa da soberania da vontade do povo. Segundo ele, sua gestão, caso eleito, seria pautada em torno do “verdadeiro

¹⁰² O PST existiu entre 1946 e 1965 e foi criado por dissidentes do PTB (foi extinto pelo AI nº. 2). Cf: CHACON, Vamireh. *História dos partidos brasileiros*. Brasília: Editora UNB, 1981.

¹⁰³ Cf. BENEVIDES, Maria Victória. *O PTB e o trabalhismo: Partido e sindicato em São Paulo (1945-1964)*. São Paulo: CEDEC/Brasiliense, 1989; D'ARAUJO, Maria Celina. *Sindicatos, carisma e poder: O PTB de 1945-65*. Rio de Janeiro: FGV, 1996; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *PTB: do getulismo ao reformismo*. São Paulo: Marco Zero, 1989; FERREIRA, Jorge. *O imaginário trabalhista: Getulismo, PTB e cultura política popular*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005; GOMES, Angela de Castro. *Trabalhismo e democracia: o PTB sem Vargas*. In: Idem (org.). *Vargas e a crise dos anos 50*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994; PANDOLFI, Dulce Chaves. *O velho PTB: Novas abordagens*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 3, n. 6, 1990.

¹⁰⁴ GILSON FRANCISCO ALVES. Sindicalista e operário da Companhia Fiação e Tecidos Sarmento nas décadas de 1950 e 1960. Entrevista realizada em Fevereiro de 2016, São João Nepomuceno (MG).

trabalhismo” do “grande e imortal” presidente Getúlio Vargas e dos “princípios sindicalistas”.¹⁰⁵

Segundo o jornal “Voz de São João”, no pleito de 07 de Outubro de 1962, como previsto pela comunidade, foi perceptível o apreço popular arregimentado em torno do candidato a prefeito, senhor Jair Rodrigues. Este obteve nas 16 seções da cidade 1.556 votos, seguido pelo senhor Marcelino Dias Barbosa, candidato pela coligação PR/UDN/PTB, com 1.164 votos. Em terceiro lugar no pleito restou Carlos Frederico Stiebler, o Jujuba, candidato pelo do PSD, com 946 votos.

Aqui em São João ele foi muito bem votado, mas nos distritos ninguém conhecia ele. [...] Ainda mais que eles tinham medo do sindicato, pessoal da roça, né? “O sindicato era comunista”! Pra todos os efeitos... Então, ninguém votava nele, não votaram nele.¹⁰⁶

O senhor Gilson chama a atenção para a expressiva votação de Jair Rodrigues. A eleição, contudo, foi decidida nos distritos, tendo o candidato da coligação PR/UDN/PTB saído vitorioso no pleito. Vale ressaltar o temor que setores da sociedade nutriam pelo sindicato e sua suposta inclinação ao comunismo.¹⁰⁷ De qualquer forma, a votação auferida pelo presidente do sindicato, candidato pelo PST, demonstrou a simpatia que os trabalhadores sanjoanenses nutriam por ele, assombrando “ao mais

¹⁰⁵ Jornal *Voz de São João*, 20 de Maio de 1962, p. 6.

¹⁰⁶ GILSON FRANCISCO ALVES. Sindicalista e operário da Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento nas décadas de 1950 e 1960. Entrevista realizada em Fevereiro de 2016, São João Nepomuceno (MG).

¹⁰⁷ Cf. MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em Guarda Contra o Perigo Vermelho: O Anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

otimista observador das classes conservadoras, que tiveram assim ciência da força que representa a unida classe operária” de São João Nepomuceno.¹⁰⁸

As estratégias dos diretores da Companhia em influenciar a votação, bem como o poder das elites locais, não inibiram a manifestação da vontade operária nas urnas. Os trabalhadores conscientes de sua realidade, apropriaram-se dos discursos dominantes e reagiram a eles à sua maneira. Não fica claro nas narrativas, tampouco nas fontes documentais, se os operários estabelecem um paralelo explícito entre os ganhos materiais e simbólicos auferidos em Vargas e o posicionamento favorável do sindicato à sua causa. Mas são nítidas as formas de resistência desses sujeitos no pleito, os quais resistiram às articulações dos diretores da fábrica.

A força operária demonstrada nas eleições de 1962 não alterou, contudo, a condição delicada de vida dos trabalhadores e da CFTS. Muitos não resistiram à pressão e abandonaram não somente a fábrica, mas a cidade que desfalecia juntamente com a Companhia. Contudo, a maior parte dos trabalhadores seguiu à frente dos teares unidos em prol de uma causa maior: a salvação da “indústria mater” de São João Nepomuceno. Retomando a narrativa do senhor Alírio, é possível perceber que a opção por continuar trabalhando partiu dos próprios operários.

O único sindicalista que eu encontrei me deu a dica da seguinte maneira: que não era possível fazer greve porque a greve só surte efeito se a indústria tiver jeito de pagar. O que que adianta você fazer uma greve numa coisa falida? Praticamente à beira da

¹⁰⁸ Jornal *Voz de São João*, 14 de Outubro de 1962, p. 1.

falência? Não adianta! Você só vai tumultuar. Aí a gente ficava naquela, recebendo um cadinho a cada dia.¹⁰⁹

O rezoneamento de São João à 1ª categoria, elevando o valor do salário mínimo, representou “verdadeiro golpe de morte” nas indústrias uma vez que diminuiu o poder de concorrência frente aos outros estados, enquadrados em outras categorias, com salários mínimos menores. Assim, ao invés de favorecer a classe operária, que terá a impressão de um ilusório e substancial aumento em seu ordenado, trar-lhe-á o novo salário mínimo desemprego em massa, a miséria e a fome.

Segundo o jornal “Voz de São João”, tal medida motivou a dispensa de operários e o fechamento de pequenas indústrias em São João Nepomuceno. A pequena fábrica de calçados Silka encerrou suas atividades. A fábrica “Dragão”, outra fábrica de calçados, dispensou 17 trabalhadores em um universo de 90 operários. A CFTS dispensou perto de 100 operários em função do aumento de sua folha de pagamento.¹¹⁰

São João Nepomuceno, que se gabava de seu florescente parque industrial, cuja configuração abarcava inúmeras fábricas, com os mais variados tamanhos e perfis, tinha, em sua maioria, pequenas indústrias, como as de calçado, que chegaram a atingir o número de quinze e que empregavam número considerável de trabalhadores, aquecendo o comércio. Não era somente a CFTS que enfrentava problemas financeiros no início da década de 1960.

A cidade via com bastante preocupação fecharem-se, em pouco menos de um semestre, oito pequenos empreendimentos do ramo de calçados. Segundo o jornal “Voz

¹⁰⁹ ALÍRIO DOS REIS MEDEIROS. Funcionário do escritório do ponto da Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento na década de 1950. Entrevista realizada em Novembro de 2011, São João Nepomuceno (MG).

¹¹⁰ Jornal *Voz de São João*, 01 de Março de 1964, p. 1.

de São João”, o motivo para o elevado número de falências era a “crise em que se debatia o país, resultante da contenção do crédito bancário, dificuldades em recebimentos, concorrência enorme, vendas difíceis, etc., etc.”¹¹¹

Os trabalhadores da CFTS assistiam à falência de indústrias menores e temiam pelo seu futuro. Era consenso entre os operários que não adiantaria, de fato, encrudescer o discurso de protesto contra a Companhia. Eles tinham consciência de sua organização, união e poderio de argumentação, mas optavam pela parcimônia, a fim de soerguer a indústria que lhes era tão cara. O senhor Carlos analisa o que contribuiu para a derrocada de uma indústria imponente e próspera num espaço de tempo tão curto:

A energia era muito fraca, costumava faltar energia... Comprou um transformador grande a óleo... Quer dizer, tudo são despesas caras, eles começaram a querer modernizar a indústria, modernizou uma parte mas não deu seguimento... [...] E isso aí vem criando desgaste do patrimônio, porque o patrimônio físico dela, no caso os prédios, é grande, mas o maquinário vai acabando, maquinário vai ficando velho, vai ficando sem condições de funcionamento, né? [...] Enquanto aqui uma moça tocava quatro teares, lá na Coréia, eu vi uma reportagem, elas tocam cinquenta, sessenta, elas usam patins, e aí como é que você vai competir? É difícil... [...] A fábrica era meio inviável. É um maquinário todo inglês, antigo, né? E gasta muita gente pra produzir pouco. Então foi a razão pra ela começar a fracassar. Na época da guerra vendia muito. Mas depois a fábrica não conseguia concorrer com os produtos de fora.¹¹²

¹¹¹ Jornal *Voz de São João*, 31 de Março de 1963, p. 1.

¹¹² CARLOS MARCHIORI. Sindicalista e operário da Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento nas décadas de 1950 e 1960. Entrevista realizada em Maio de 2013, São João Nepomuceno (MG).

A Companhia Sarmiento não conseguiu, assim como diversos empreendimentos têxteis no Brasil, redirecionar seus negócios para o mercado interno e/ou concorrer com os tecidos produzidos no exterior. O maquinário ultrapassado e a precariedade no fornecimento de energia para alimentar a fábrica, aliados à falta de habilidade na gestão do empreendimento por parte dos diretores, foram aspectos decisivos nos rumos que a Companhia tomou na década de 1960 em direção à falência. A CFTS se tornou uma fábrica com pouco potencial competitivo, sucumbindo à concorrência externa no cenário têxtil nacional.

Tudo hoje você tem que ter capital de giro, qualquer empresa, se você não tiver um capital de giro não funciona. A fábrica aqui, quando o senhor Daniel comprou, ele não tinha dinheiro. Tomou trezentos mil emprestado no banco de Crédito Real, depois não tinha dinheiro pra pagar. Pediu a gente pra ir a Brasília. Eu e o Jair fomos a Brasília conseguir empréstimo pra fábrica.¹¹³

Ecoa nas narrativas dos operários que o maquinário da Companhia era ultrapassado e que sua obsolescência comprometia a produção e a saúde do empreendimento, não restando condições de concorrência com produtos mais baratos que inundavam o mercado brasileiro principalmente na década de 1960. Nesse sentido, houve envolvimento do sindicato e operários junto aos diretores da fábrica para tentar reverter esse quadro de crise.

Jair Rodrigues, presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem, e o senhor Carlos Marchiori são convidados pela direção da

¹¹³ CARLOS MARCHIORI. Sindicalista e operário da Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento nas décadas de 1950 e 1960. Entrevista realizada em Maio de 2013, São João Nepomuceno (MG).

Companhia a comporem uma comissão para representá-la nas resoluções de questões em órgãos públicos e instituições financeiras a fim de conseguirem capital para injetar nos negócios da fábrica, para tentar resolver, assim, o problema da falta de pagamento do operariado. A grande questão, porém, foi a falta de crédito que a CFTS passou a ter no mercado por ser considerada uma má credora.

Segundo Carlos Marchiori, apesar de o presidente João Goulart ter despachado favoravelmente ao pedido de empréstimo submetendo-o para estudo nas comissões técnicas e contábeis do Banco do Brasil, ele e o senhor Jair Rodrigues foram encaminhados ao Rio de Janeiro pela direção da Companhia para acompanhar o processo com mais proximidade, haja vista a morosidade em atender o pedido por parte da instituição.

O empréstimo, vale ressaltar, tinha destinos muito bem delineados e atenderia às necessidades de giro e pagamento de dívidas pendentes da Companhia, incluindo, nesse quesito, os salários atrasados de seus operários. Sem o empréstimo, a direção da CFTS não teria fôlego para continuar a conduzir os negócios da fábrica.

Ele pedia 350 mil emprestado [...]. Aí quando passou mais ou menos um mês e meio o senhor Daniel me chamou lá: “o sr. Marchiori, você podia ir no Rio ver se achava... se não saía esse dinheiro, sem esse dinheiro não tinha as mínimas condições de tocar uma indústria”. Eu fui pra Juiz de Fora, fui pro Rio. Aí cheguei no Rio, me deram um advogado da Confederação, começamos a procurar na agência do Catete e lá estava o pedido, mas indeferido. E o homem começou a rir. Falei “oh

meu filho, o negócio lá não é de rir” porque aí que a coisa tava difícil.¹¹⁴

A narrativa do senhor Carlos assume um tom consternado ao comentar os trâmites para conseguir o referido empréstimo para a fábrica. Há duas marcas importantes no fragmento destacado acima: o escárnio por parte do banco e o desespero dos operários. A risada debochada do funcionário do Banco do Brasil denota a falta de credibilidade que a Companhia conquistou em função de seus maus negócios e da crise que castigava os trabalhadores da CFTS e seus dependentes.

“Tem muita gente passando dificuldade, nunca que saía pagamento”. Aí, ele: “Não, o senhor me desculpa”. Porque ele [Daniel Nachman] não tirava nem um tostão. Não é no Banco do Brasil não, é em banco nenhum mais, porque a ficha dele não dava pra tirar dinheiro de maneira nenhuma.¹¹⁵

O bom nome da “galinha dos ovos de ouro” se tornou apenas uma lembrança distante nesse contexto de crise pelo qual passavam os operários da fábrica. A falta de crédito da Companhia e de seus diretores inviabilizou acordos e alternativas financeiras para amenizar o drama da Sarmento. Como rememora o senhor Carlos, o gerente da fábrica “não tirava nem um tostão, [...] a ficha dele não dava pra tirar dinheiro de maneira nenhuma!”.

¹¹⁴ CARLOS MARCHIORI. Sindicalista e operário da Companhia Fiação e Tecidos Sarmento nas décadas de 1950 e 1960. Entrevista realizada em Maio de 2013, São João Nepomuceno (MG).

¹¹⁵ Idem.

Mas se ele pega esses 250 mil cruzeiros, ele ia tocar mais uns tempos. Porque ela é uma fábrica... era meio inviável, sabe? [...] era um maquinário inglês antigo que gasta muita gente pra produzir pouco. Então foi essa a razão dela começar a fracassar. [...] A razão que levou [...] é a falta de capital de giro. Não tinha! Então era muito difícil, uai. Aí quando ele ficou sabendo que o dinheiro não saía, ele começou a comprar carreta de algodão, só trocava nota fiscal, comprava fiado porque tinha crédito da Sarmento e vendia a dinheiro. Aí que enterrou mesmo...¹¹⁶

O senhor Alírio, além de apresentar a precária situação da Companhia no que se refere à infraestrutura, desnuda a diretoria da fábrica e a apresenta como inábil e irresponsável, duas características fatais para uma gestão que pretende reerguer do abismo um empreendimento fadado ao fracasso. Os operários seguiam fiéis, de uma maneira geral, trabalhando, cumprindo com o seu papel de trabalhadores e cidadãos sanjoanenses. Os diretores da fábrica, por sua vez, não tinham habilidade para se utilizar da força e disposição de trabalho desses operários para soerguer o empreendimento.

Não foi só a Sarmento que parou. Você vê aqui esse parque industrial de fiação em Juiz de Fora, tecelagem, praticamente parou tudo. Cataguases, essas grandes... Petrópolis, Rio, Bangu, tudo! Quer dizer, isso aqui, dentro do contexto do tecido, é um pingão d'água, né?¹¹⁷

¹¹⁶ ALÍRIO DOS REIS MEDEIROS. Funcionário do escritório do ponto da Companhia Fiação e Tecidos Sarmento na década de 1950. Entrevista realizada em Novembro de 2011, São João Nepomuceno (MG).

¹¹⁷ Idem.

A fábrica trilhava um caminho sem volta e estava envolvida em uma trama muito maior, que envolvia outras cidades na região. Percebe-se que a ajuda solidária de sanjoanenses e esporádicos créditos auferidos em instituições financeiras, apenas forneciam pequenos lampejos de esperança ao empreendimento, mas logo se esvaíam. A questão da fábrica tocava sua infraestrutura. Havia problemas de defasagem de maquinário e técnicas industriais.

Com o desenrolar dos fatos e a dificuldade para levantar recursos e sanar os problemas por parte de sua direção, a Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento entrou em juízo, com petição datada de 25 de Outubro de 1963, com um pedido de concordata preventiva. A indústria, em torno da qual gravitavam os demais empreendimentos e o comércio sanjoanense, chegou ao limite de propor aos seus credores o pagamento integral de seu passivo, que girava em torno de Cr\$900.000.000,00, dentro de um prazo de dois anos.

O pedido de concordata foi mal recebido pela comunidade. O futuro incerto da Companhia e, aos olhos dos sanjoanenses, da cidade de uma maneira geral causou sofrimento e apreensão. O contexto inflou o fantasma da falência e do medo da fome nos lares dos operários. Houve grande comoção em torno do referido processo.

Praza aos céus para que os credores aceitem as razões apresentadas pelos diretores da companhia concordatária e possa essa, vencidos os primeiros obstáculos, e contando com a cooperação de seus operários, continuar o seu trabalho diuturno

evitando, desta forma, o colapso total que levar-nos-á a um verdadeiro caos.¹¹⁸

O jornal “Voz de São João” publicou o edital do pedido de concordata preventiva da Companhia Fiação e Tecidos Sarmento. Segundo o documento, a razão que teria levado a direção da Companhia a impetrar tal pedido foi a situação financeira difícil justificada pela “conjuntura e as bases econômicas e financeiras do país nos dias que correm com reflexos especialmente danosos à indústria e ao comércio, setores que mais de perto e profundamente têm-se ressentido da anormal evolução do fenômeno inflacionário.”¹¹⁹

O edital publicado na edição em questão expõe que, malgrado os esforços de modernização da fábrica, com o passar dos anos, os equipamentos se desgastaram pela ação do tempo e do uso continuado. A fábrica se encontrava com restrição de crédito bancário e o pedido de concordata preventiva visava evitar o processo falimentar da Companhia, uma vez que a direção estava impedida de honrar seus compromissos dentro dos prazos acordados com trabalhadores e fornecedores.

O jornal “Voz de São João” veiculou, em sua edição do dia 10 de novembro de 1963, a cobertura de uma visita às dependências da fábrica, objetivando analisar de perto a situação de crise. Segundo Daniel Nachman, diretor da CFTS, não obstante a realização de obras e a renovação de equipamentos, a fábrica encontrava-se com maquinário obsoleto, arcaico, que garantia uma produção deficiente, mal honrando com os compromissos financeiros rotineiros da fábrica. Ao assumir a direção do

¹¹⁸ Jornal *Voz de São João*, 02 de Novembro de 1963, p. 1.

¹¹⁹ *Idem*, p. 3.

empreendimento, Nachman entendia que a fábrica necessitava de uma transformação radical para se manter ativa e saudável.

O diretor levou a redação do jornal a uma seção a qual julga ser a “pedra no sapato” da fábrica. Uma seção de tecelãs mais velhas, perto de se aposentar, trabalhando em teares antigos, com baixa produção.

A hora que ali chegávamos muitas das tecelãs estavam em boa prosa, deixando os teares rodando a seu bel prazer. Deparando com a presença do patrão dissolveu-se o grupo, não sem antes receber uma reprimenda, mandando o sr. Daniel uma delas para o escritório, onde possivelmente sérias admoestações lhe foram feitas.¹²⁰

Segundo o diretor, o problema do operariado é o mais urgente e delicado com que lida no dia a dia fabril. Nachman afirma que o operário não queria compreender a importância de sua função frente aos teares da Companhia, defendendo que a fábrica não é apenas do acionista, mas dos trabalhadores de uma maneira geral. Tendo em vista as dificuldades testemunhadas pelo jornal e a inutilidade de seus apelos, e a fim de se evitar a falência, “que seria uma verdadeira desgraça para o município de São João Nepomuceno”, a concordata foi a única solução encontrada, posicionou-se o diretor da CFTS.

Em reunião na Câmara Municipal, foi convocada a presença do diretor da CFTS para esclarecimentos sobre a concordata preventiva e as possibilidades de contornar as

¹²⁰ Jornal *Voz de São João*, 10 de Novembro de 1963, p. 1.

dificuldades da fábrica, encontro idealizado pelo vereador Hélio Nogueira. Foi declarado por Nachman que a concordata se deve ao fato de ter sido gasta uma cifra considerável para benfeitorias nas instalações da Companhia, bem como modernização de equipamentos. Somou-se a isso o insucesso frente ao Banco do Brasil quando pleiteou empréstimo a esta instituição financeira. Encerrou sua fala reclamando, novamente, a falta de cooperação por parte dos operários, salvo “algumas exceções”.¹²¹

Sem a fábrica, o que será dessas centenas de famílias que dali tiram o seu sustento? E o nosso comércio, tão movimentado e ativo, onde apenas o dizer “sou operário da Fábrica” era o “abre-te sésamo” para que tudo lhe fosse facilitado, inclusive o crédito amplo, esse crédito que só se lhe dá o devido valor quando se o perde!¹²²

O diretor da fábrica, Daniel Nachman, reiteradas vezes critica a postura dos operários em seu trabalho cotidiano. O jornal “Voz de São João” ironicamente toma partido em favor da Companhia criticando a postura de seus trabalhadores e indicando o futuro que os esperava caso não contribuíssem para a recuperação da CFTS.

A cidade está abalada. As raízes que a sustentam sofrem a ação deletéria de forças sobre-humanas que, traiçoeiramente, tentam engoli-la em mísero torvelinho. É evidente que estamos sentindo em nossa própria carne os efeitos da situação geral do país menos do que vivendo um papel especialmente criado para nós.

¹²¹ Jornal *Voz de São João*, 24 de Novembro de 1963, p. 1.

¹²² Jornal *Voz de São João*, 10 de Novembro de 1963, p. 1.

Mas, como enfrentar a dura realidade que temos pela frente? Como vencer esta crise que a todos se nos afigura como de consequências imprevisíveis, não apenas no setor financeiro como, também, e principalmente, no que diz respeito aos problemas sociais?

[...]

Não se quer galinha de ovos de ouro! Quer-se apenas uma galinha comum, que ponha ovos simples, de cascas frágeis que abrigam, contudo, os elementos nutritivos não somente da classe trabalhadora, mas, de toda a comunidade são-joanense!¹²³

O mês de dezembro de 1963 encerrou um ano conturbado e iniciou um ano de incertezas para a Companhia e o operariado. Apesar da consciência local de que a crise da Sarmiento não era um fato isolado na indústria têxtil nacional, a realidade que se apresentava aos olhos da cidade causava temor pelas consequências imprevisíveis que a possível falência da fábrica poderia trazer para a cidade. Já não se esperava o retorno da “galinha dos ovos de ouro” aos tempos áureos. Havia esperança em se ver, apenas, a indústria funcionando, nutrindo a classe trabalhadora e a cidade de uma maneira geral.

¹²³ Jornal *Voz de São João*, 01 de Dezembro de 1963, p. 1.

CAPÍTULO 3 – “A Revolução não chegou a São João”

O senhor José Rodrigues de Souza, 2º secretário do Sindicato Têxtil e presidente em exercício, [...] disse também que o nosso sindicato não iria fazer greve e que os operários deviam trabalhar normalmente e que estavam em reunião permanente a fim de ficar sempre em dia com os acontecimentos nacionais.¹²⁴

O ano de 1964 iniciou-se com boatos de que a Companhia teria sua falência decretada em 31 de janeiro, uma vez que percebia-se a falta de matéria-prima básica para a produção da fábrica, como algodão, lubrificantes para as máquinas, polvilho, anilina, peças sobressalentes, bem como o atraso no pagamento dos salários dos trabalhadores. Segundo o diretor da Companhia, todas as medidas para sanar os problemas foram tomadas e a fábrica iria retomar o crescimento e a tranquilidade dos negócios. Tanto acreditava no futuro da Companhia que rejeitou ofertas de compra da CFTS.¹²⁵

Aparentemente seria um ano de luta e negociação, mas o cenário político nacional expresso no “golpe de 1964” – que instituiu a ditadura militar – inibiu a ação do sindicato e manifestações por parte dos operários.¹²⁶ Em março, pouco mais de uma

¹²⁴ Livro de atas do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de São João Nepomuceno, 01 de Abril de 1964.

¹²⁵ Jornal *Voz de São João*, 02 de Fevereiro de 1964, p. 1.

¹²⁶ Um balanço historiográfico sobre o golpe de 1964: Cf. DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *O governo João Goulart e o golpe de 1964: memória, história e historiografia*. Tempo. Revista do Dept. de História da UFF. 2010, vol.14, n.28, p.123-143; FICO, Carlos. *Além do golpe: Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar*. Rio de Janeiro: Record, 2004; GOMES, Ângela de Castro; FERREIRA,

semana antes da instituição da ditadura no Brasil, a pauta das reuniões do sindicato foi o alto custo de vida e o atraso no pagamento de salários dos operários pela Companhia.

Falava-se em greve enquanto uma ferramenta de reivindicação, mas prevaleceu o aconselhamento aos operários a não utilizarem esse artifício, uma vez que a Companhia apresentava um agravamento considerável de sua crise. Paralisar os trabalhos a fim de reivindicar melhores condições de trabalho configuraria, certamente, um golpe fatal na fábrica. Havia apreço pela CFTS, mas houve negociação. Os operários desenhavam, dia após dia, sua estratégia de trabalho e resistência frente à dura situação imposta pela crise da Sarmento.

O fragmento em epígrafe na abertura do capítulo apresenta a transcrição da ata da reunião do sindicato no primeiro dia de vigência da ditadura. É interessante perceber que, mesmo com a presença autoritária dos militares no poder, os operários permaneceram negociando diariamente e traçando suas estratégias para se manterem trabalhando na fábrica. A possibilidade de greve cogitada semanas antes do golpe, por sua vez, cedeu lugar a um tom mais comedido por parte do sindicato.

A orientação dada pela instituição aos operários é que continuassem a trabalhar, não levando em consideração o atraso no pagamento dos salários e a precária condição de vida dos mesmos. Vale ressaltar que foram suspensas quaisquer atitudes por parte do sindicato “até que normalizasse a situação no país”.¹²⁷

A Câmara municipal, representada por seu presidente Nagib Ayupe (PSD), externou apoio ao novo regime, encaminhando telegramas ao presidente interino

Jorge. *1964: o golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014; REIS, Daniel Aarão; RIDENTE, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. (orgs). *A Ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do Golpe de 1964*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2014.

¹²⁷ Livro de atas do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de São João Nepomuceno, 01 de Abril de 1964.

Ranieri Mazilli, ao governador do estado de Minas Gerais, Magalhães Pinto, e ao General Olímpio Mourão Filho, comandante da 4ª Região Militar em Juiz de Fora (MG), que “tão bem encarnou espírito de Caxias, restabelecendo tradições disciplina glorioso exército nacional, para orgulho de todos nós”.¹²⁸

O prefeito Marcelino Dias Barbosa enviou telegramas ao presidente em exercício Ranieri Mazilli e ao governador Magalhães Pinto, apoiando o regime instaurado com o golpe, atribuindo ao regime militar a paz e tranquilidade que passariam, em tese, a vigorar no país. O apoio de setores da sociedade sanjoanense viria com a expressão local da “Marcha da Família”¹²⁹, em comemoração à vitória do golpe militar. Participaram como oradores da Marcha o dr. Nagib Camilo Ayupe, presidente do diretório do PSD em São João Nepomuceno, membros da comunidade e representantes das mais diversas religiões.¹³⁰

Estimou-se que 15 mil pessoas reuniram-se em praça pública na cidade para a Marcha. Novamente fala-se em vitória da democracia, “ao estrondo de foguetes, ao som de hinos e canções patrióticas”. O número elevado de participantes, considerando o reduzido número de habitantes da cidade, sugere uma valorização do episódio por parte da imprensa, animados com a possibilidade de reformas em benefício de São João Nepomuceno. Segundo o jornal “Voz de São João”, oradores dotados de “espírito

¹²⁸ Jornal *Voz de São João*, 05 de Abril de 1964, p. 1. Para as discussões sobre o imaginário militar e símbolos do Exército – em especial o culto a Caxias como seu patrono: cf. CASTRO, Celso. *A invenção do exército brasileiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002

¹²⁹ Ciclo de manifestações públicas, permeadas pela cultura política conservadora, ocorrido entre 19 de março e 8 de junho de 1964 no Brasil (em resposta a suposta ameaça comunista). Cf. MENDES, Ricardo Antonio Souza. *Marchando com a Família, com Deus e pela Liberdade: o “13 de março” das direitas*. *Varia História*. n. 33.

¹³⁰ Jornal *Voz de São João*, 12 de Abril de 1964, p. 1.

patriótico e de verdadeiro amor à democracia que esteve a pique de nos ser arrebatada pelos satânicos prosélitos da doutrina moscovita” conduziram a marcha.¹³¹

Segundo o jornal, seus votos,

[...] como de todos os brasileiros de boa vontade, são para que o ínclito nordestino, possuidor da fibra inquebrantável dos heroicos filhos da terra de Iracema, nos dê um governo onde campeie a liberdade para um trabalho fecundo e possa o Brasil, ao fim de seu período governamental, bendizer a Deus o nome do Marechal Castelo Branco.¹³²

O apoio da imprensa, dos poderes legislativo e executivo municipais, bem como setores da comunidade sanjoanense, em nome da boa vontade para com os rumos do Brasil, apoiaram o regime militar. Segundo o jornal, o Ato Institucional nº. 1 baixado em 9 de Abril de 1964 facilitaria o trabalho da polícia no combate sistêmico aos comunistas da cidade, que pretendiam “transformar o Brasil numa colônia da Rússia.”¹³³

Para o jornal “Voz de São João”, a tomada do poder pelos militares foi uma vitória da democracia frente à ameaça do “polvo que nos procurava envolver com seus tentáculos vermelhos” e comunistas, personificada em João Goulart.¹³⁴ Acreditava que

¹³¹ Jornal *Voz de São João*, 19 de Abril de 1964, p. 1. Sobre os pressupostos da Doutrina de Segurança Nacional (institucionalização do anticomunismo): Cf. BORGES, Nilson. “A Doutrina de Segurança Nacional e os Governos Militares”. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. (orgs). *O Brasil Republicano: o tempo da ditadura – regime militar e movimentos sociais em fins do século XX (1964-1985)*, v. 04, Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

¹³² Jornal *Voz de São João*, 19 de Abril de 1964, p. 1.

¹³³ Jornal *Voz de São João*, 12 de Abril de 1964, p. 4.

¹³⁴ Sobre a trajetória política de João Goulart: Cf. FERREIRA, Jorge. *João Goulart: uma biografia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

os militares tinham protagonizado uma revolução que solucionaria os problemas políticos, econômicos e sociais da cidade.¹³⁵

A matéria “A Revolução não chegou a São João” apresentou uma reclamação do jornal sobre a aparente passividade da polícia no que tocava a perseguição de supostos comunistas em São João Nepomuceno. Havia a caracterização do PST, “partido reconhecidamente da esquerda”, como um partido comunista. A “Voz de São João” defendia, ainda, a cassação do mandato de vereadores tidos como esquerdistas. Várias pessoas supostamente ou declaradamente comunistas foram inquiridas em São João Nepomuceno.¹³⁶

Cidadãos começaram a utilizar o jornal para se declararem contrários ao regime comunista a fim de se protegerem dos pré-julgamentos que os tempos iniciais do regime militar impunham. O jornal, por sua vez, assumiu um tom agressivo e de deboche. “Nós de fato nos enganamos. Em São João, terra milagrosa, não existem... comunistas. São todos autênticos democratas. Talvez a única pessoa que aqui professa as ideias extremistas seja o diretor de VOZ DE S. JOÃO. Cadeia pra ele”.¹³⁷

O anticomunismo não é uma exclusividade da cidade de São João Nepomuceno, mas um discurso com considerável incidência no Brasil, principalmente em momentos de radicalização política como o golpe de 1964. Tal discurso encontrava eco, por exemplo, em concepções religiosas, haja vista a propagação no senso comum de que a filosofia comunista era contra a instituição da família, criticava a moral cristã e negava a existência de Deus. Enxergava-se o comunismo como um inimigo externo a serviço da

¹³⁵ Jornal *Voz de São João*, 05 de Abril de 1964, p. 1.

¹³⁶ Jornal *Voz de São João*, 19 de Abril de 1964, p. 4.

¹³⁷ Jornal *Voz de São João*, 26 de Abril de 1964, p. 1.

União Soviética, indo de encontro ao conservador sentimento nacionalista, tido como uma ameaça à democracia personificada como “perigo vermelho”.¹³⁸

Uma reunião extraordinária foi convocada pelo então presidente da Câmara dos Vereadores, vereador Nagib Ayupe, para discussão das inquirições promovidas pela Polícia no que tange a existência de quadros daquela casa envolvidos ou supostamente envolvidos com o comunismo e com causas subversivas.

Pelo senhor Presidente foi lido o ofício de renúncia do vereador Carlos Marchiori e suplentes Joaquim Paulo de Oliveira e Elpídio Luiz de Souza, componentes do chamado “grupo dos onze”, de inspiração brizolista.¹³⁹ O interesse da Câmara era tomar conhecimento dos depoimentos produzidos pelos vereadores à Polícia para votarem pela cassação ou não dos mesmos.¹⁴⁰

No documento que oficializou a renúncia dos vereadores, foi declarado que os mesmos são contrários à causa comunista, compartilham de sentimentos cristãos, e que faziam parte do referido “grupo dos onze” sem saber ao certo de sua real finalidade. Requereram, também, o desligamento do PST pelos mesmos motivos elencados anteriormente.¹⁴¹

O inquérito militar presidido pelo Major Nilson Sabino de Oliveira, instaurado pela 4ª Região Militar, considerou como tendo atitudes subversivas os vereadores Hélio Nogueira da Silva (PST) e Gabriel Procópio Loures (PR). A Câmara dos vereadores

¹³⁸ Sobre as justificativas anticomunistas para o Golpe de 1964: CF. MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em Guarda Contra o Perigo Vermelho: O Anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002, p. 193.

¹³⁹ BALDISSERA, Marli de Almeida. *Onde estão os grupos de onze: Os comandos nacionalistas na região do Alto Uruguai – RS*. Passo Fundo: UPF, 2005.

¹⁴⁰ *Jornal Voz de São João*, 26 de Abril de 1964, p. 1.

¹⁴¹ *Idem*, p. 4.

decidiu pela cassação dos referidos mandatos, pela cumplicidade e simpatia à atuação “esquerdista e radical”.¹⁴²

Contudo, perseguições políticas não ajudaram a Companhia a se reestruturar. A fábrica sofria golpes diários em sua infraestrutura, pois além da diminuição de mão-de-obra operária e da falta de capital de giro para nortear seus trabalhos, execuções fiscais impetradas em desfavor da Companhia transitavam em julgado e espoliavam paulatinamente os bens móveis da fábrica. As melhores máquinas da CFTS foram à praça para saciar uma execução fiscal, por exemplo, movida pelo Instituto Nacional de Previdência Social, o INPS.

Uma comissão de operários tarefeiros procurou a redação do jornal “Voz de São João” para reclamar o descumprimento da lei no tocante ao pagamento do que lhes era devido. Interessante perceber que a reivindicação não se deu através do sindicato, mas através de comissão formada pelos próprios operários.¹⁴³

São João Nepomuceno, pela proximidade geográfica que mantém com o Rio de Janeiro, acompanhava as notícias provenientes daquele estado e, até mesmo, reproduzia trechos de jornais em suas páginas. A crítica do jornal, nesse momento, era quanto à carestia dos alimentos na cidade. Segundo a redação, desde a instauração do regime militar, poucas mudanças foram perceptíveis em São João Nepomuceno.¹⁴⁴

O jornal tomou partido e apoiou o regime militar. Contudo, não negligenciava que a mudança imposta pela ditadura militar não provocou alteração substancial na vida dos sanjoanenses. “Os verdadeiros injustiçados sociais, tão defendidos espuriamente por

¹⁴² Jornal *Voz de São João*, 31 de Maio de 1964, p. 1.

¹⁴³ Jornal *Voz de São João*, 03 de Maio de 1964, p. 1.

¹⁴⁴ *Idem*, p. 4.

Jango, terão, desta vez, sua chance de se integrarem na vida humana que bem merecem? É o que, neste instante, nos preocupa, como também a todos os que almejam a igualdade social [...].”¹⁴⁵

Em conversa entre a redação do jornal e o senhor José Coelho Pinto, sócio-gerente da Fábrica de Calçados “Volga”, a classificação de São João Nepomuceno como parte da 1ª sub-região e a conseqüente equiparação aos grandes centros econômicos do país foi “um verdadeiro e inominável desastre”. Alegou, assim como já constatado, a precariedade da indústria de São João Nepomuceno, com maquinário obsoleto e dificuldade de acesso à matéria-prima. O gerente apresentou dados de majoração no preço final dos produtos na ordem de 80%, fato que reduziu as vendas a pouco mais de zero.¹⁴⁶

Daniel Nachman, junto a um “poderoso grupo industrial e comercial de São Paulo” que o estava supervisionando, começou o ano de 1965 conseguindo honrar seus compromissos com os operários, comprando matéria-prima necessária para o pleno funcionamento da fábrica, reformando maquinários para melhoria na qualidade da produção, atitudes que trouxeram tranquilidade à cidade que viu nesse começo de ano um recomeço da Companhia.¹⁴⁷

Foi perceptível durante um tempo a paulatina recuperação da Companhia devido à habilidade de Nachman frente à direção da fábrica. Houve a regularização de compromissos, um aumento da produção que quase atingiu sua escala máxima, produção essa voltada à exportação. O movimento de recuperação e crise da Companhia era tratado como capítulo de uma história que a cidade preferiria não ter vivido, e as

¹⁴⁵ Jornal *Voz de São João*, 31 de Maio de 1964, p. 1.

¹⁴⁶ Jornal *Voz de São João*, 10 de Maio de 1964, p. 1.

¹⁴⁷ Jornal *Voz de São João*, 28 de Fevereiro de 1965, p. 1.

conquistas da fábrica não se sustentavam por falta de uma base concreta, eram efêmeras.¹⁴⁸

O jornal “Voz de São João” reproduziu em suas páginas a nota “Ninguém se entende em São João” do jornal “Diário Mercantil” de Juiz de Fora (MG). A matéria documentou que a CFTS não cumpria acordos de pagamento de salários estabelecidos com os operários, fato que motivou paralisação de quatro horas dos trabalhos na fábrica. Segundo o presidente do sindicato, além de atrasar os pagamentos, a Companhia não recolheu aos cofres do Sindicato, desde 1964, a importância referente ao imposto sindical.¹⁴⁹

A inadimplência da Companhia gerou intranquilidade entre os operários que viviam a incerteza do futuro da fábrica, e no comércio local, notadamente o de gêneros alimentícios, uma vez que as dívidas dos trabalhadores iam se avolumando e as possibilidades de seu recebimento eram remotas. Neste sentido, em 22 de Setembro de 1966, realizou-se, nos salões da Câmara Municipal de São João Nepomuceno, uma reunião para discussão e estudo dos próximos passos a serem dados pela CFTS.¹⁵⁰

O encontro contou com a presença de operários, de Aquiles Bondesan, diretor da empresa em São Paulo, José Maria do Nascimento, advogado do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de São João Nepomuceno, Marcelino Dias Barbosa, prefeito municipal, Cristóvão Dias, delegado de polícia, José Horácio Fernandes, chefe do Posto de Fiscalização do Trabalho em Juiz de Fora, Manoel Martins Lopes, sub-chefe do referido posto, Walter Cavalieri de Oliveira,

¹⁴⁸ Jornal *Voz de São João*, 18 de Julho de 1965, p. 1.

¹⁴⁹ Jornal *Voz de São João*, 14 de Agosto de 1966, p. 3.

¹⁵⁰ Jornal *Voz de São João*, 25 de Setembro de 1966, p. 1.

advogado do Sindicato dos Mestres e Contra Mestres de Juiz de Fora, e Orlando Gramiani Celeste, presidente do mesmo sindicato.

Ficou acordado que a CFTS pagaria os salários vencidos do mês de Julho de 1966 até o dia 10 de outubro, bem como realizaria os pagamentos dos demais salários vencidos até o dia 10 de cada mês. A partir de 1967, a Companhia se comprometeu a pagar, além dos salários atrasados, mais 50% dos salários do mês seguinte, até que fosse normalizada a situação em atraso. A fábrica se comprometeu, também, a pagar em quatro parcelas o 13º salário referente ao ano de 1966. Facultou ao Sindicato, em caso de inadimplemento, reter o estoque, produção e matéria-prima da fábrica, até que se regularizassem os termos acordados na reunião.

Contudo, José Maria do Nascimento, advogado do Sindicato, requereu a falência da Companhia alegando o descumprimento do acordo firmado sobre o pagamento dos salários devidos aos operários. A soma devida aos trabalhadores alcançou a cifra de Cr\$201.000.000,00, tendo a justiça dado o prazo de 24 horas para o pagamento daquela importância, sob pena de decretação da falência.¹⁵¹

Tendo um número de operários que ultrapassava mil trabalhadores, conseqüentemente uma terça parte de sua população dependendo daquela indústria que há 3 para 4 meses não paga os salários devidos nem as férias de seus trabalhadores, e estes, concomitantemente, não podendo liquidar suas contas nos armazéns, criou-se uma situação de dificuldades intransponíveis junto ao comércio que se vê em apuros para a renovação de seus estoques, sabendo-se que a maioria das

¹⁵¹ Jornal *Voz de São João*, 18 de Dezembro de 1966, p. 2.

compras, notadamente de gêneros alimentícios, são feitas a dinheiro à vista.¹⁵²

A matéria “Natal de Fome” do jornal “Voz de São João” talvez componha a edição que melhor cristaliza o drama da Sarmento. A indústria, que mantinha em seus quadros número suficiente de trabalhadores para influenciar diretamente a terça parte da população de São João Nepomuceno, somava quatro meses de inadimplência em relação ao pagamento de salários e férias devidas aos trabalhadores. A realidade da fábrica impactava empreendimentos menores e o comércio, uma vez que o poder de compra dos operários se tornou insignificante com o tempo.

Apenas a retidão e comprometimento demonstrados no dia a dia fabril pelos operários não conseguia manter a Companhia funcionando em condições satisfatórias de trabalho. O estado de insolvência atingiu níveis críticos e insustentáveis. O jornal “Voz de São João” acompanhava o “drama da Sarmento” de perto e a manchete publicada no Natal de 1966 teve por intencionalidade visual chocar o leitor.

A diagramação é marcante e foi digna de destaque, por exemplo, nos recortes colecionados pelo senhor Gilson em sua encadernação “Drama da Sarmento”. O jornal exige “providências imediatas e não conversa fiada”, fazendo uma alusão ao caráter dos dirigentes da CFTS.¹⁵³

¹⁵² Jornal *Voz de São João*, 25 de Dezembro de 1966, p.1.

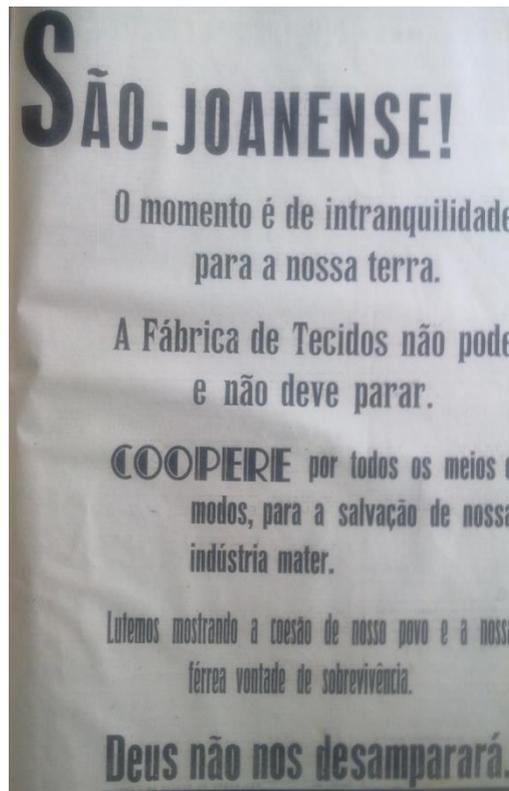
¹⁵³ Idem.



Jornal "Voz de São João", 25 de Dezembro de 1966

Ocupando quase metade da capa do jornal, o título da matéria "Natal de Fome" documentou o quadro desesperador que se apresentava e o comprometimento do jornal com o sucesso da Companhia, crescimento da cidade e, consequentemente, com a causa operária, nítido na forma como são redigidas e publicadas as notas. O insucesso nos negócios da fábrica era temido pela cidade e visto como uma carta precipitando a queda de todo um castelo.

A capa do jornal em questão chama a atenção pela diagramação em letras marcantes e grave enunciado. A Companhia levou os operários à situação limite da fome e a "ex-Garbosa", referência ao apelido da cidade nos tempos áureos da fábrica, nada conseguia fazer para atenuar o quadro de estagnação da CFTS.



Jornal "Voz de São João", 25 de Dezembro de 1966

O jornal "Voz de São João" emplacou uma espécie de militância em prol dos operários e da Companhia, trazendo em suas edições matérias sobre a crise, sempre com grande destaque. Destaco acima uma página do interior da mesma edição na qual é possível perceber a preocupação e a importância dada pela imprensa ao "drama da Sarmento".

A nota inflamada conclamava não tão somente o operário em si, mas o sanjoanense de uma maneira geral, uma vez que a "indústria mater" dava sinais de que não resistiria por muito tempo. A sobrevivência da cidade dependia do sucesso da Companhia. O Natal de 1966 foi marcante em função do espectro da fome que rondava os lares dos operários, que não percebiam seus salários há quatro meses, conforme noticiado na matéria em tela.

O único meio da gente forçar era pressão, né? Não tinha como ser diferente. O que que nós podíamos fazer? Justiça é muito importante, eu aconselho sempre a pessoa ir pra justiça, mas quando tem tempo pra ir pra justiça, porque você ia pra justiça demorava dois, três meses, um ano [...]. Como é que a pessoa ia viver esperando esse pagamento? A única solução nossa era a pressão. [...] Ameaçava, porque do contrário... A gente estava ameaçado de morrer de fome! Então a gente tinha que ameaçar e ele arrumava o dinheiro.¹⁵⁴

O fragmento de memória do senhor Gilson nos permite vislumbrar a paralisia provocada pela grave situação da Companhia. Apesar da consciência e articulação dos operários, as pressões exercidas por eles visavam, neste momento, apenas à sobrevivência. Os trabalhadores eram inibidos a se articularem com a Justiça do Trabalho ou assumirem posicionamentos mais ofensivos devido à morosidade da resolução dos processos e à urgência da fome.

Voz de S. João, a fim de que os mais necessitados não fizessem cruz na boca, deliberou fazer uma campanha em benefício desses operários, campanha essa aplaudida por uns e criticada por outros. E conseguiu-se entre firmas comerciais desta praça e pessoas de boa vontade, arrecadar a importância de Cr\$ 559000,00. Dita importância foi depositada no Banco Ribeiro Junqueira à disposição da Junta Interventora do Sindicato, que a distribui em pequenas parcelas entre aqueles reconhecidamente necessitados dessa ajuda.¹⁵⁵

¹⁵⁴ GILSON FRANCISCO ALVES. Sindicalista e operário da Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento nas décadas de 1950 e 1970. Entrevista realizada em Novembro de 2011, São João Nepomuceno (MG).

¹⁵⁵ Jornal *Voz de São João*, 01 de Janeiro de 1967, p. 1.

O jornal “Voz de São João”, em sua primeira edição do ano, prestou contas sobre uma campanha que encampou para arrecadação de donativos aos operários da CFTS, demonstrando o empenho de seus proprietários e de “firmas comerciais desta praça e pessoas de boa vontade” em prol dos trabalhadores.

Interessante destacar que a Confecções Marlu Ltda. contribuiu com a campanha empreendida pelo jornal com a quantia de Cr\$30.000,00, a maior contribuição registrada entre as doações recebidas. Acredito que tal fato corporifique o início de um processo de mudança no perfil fabril sanjoanense: o surgimento de confecções como espólio da Companhia Fiação e Tecidos Sarmento.

As promessas de pagamento de salários devidos e de resolução dos problemas da CFTS proferidas pela direção da fábrica a Hélio Velasco, colaborador do jornal “Voz de São João”, não se concretizaram. Esse “chove não molha” continuava a deixar os operários em sérias dificuldades para honrar compromissos e sobreviver dignamente. O comércio, por sua vez, sofreu com a queda em seus negócios e a diminuição da entrada de capital para renovação de estoques.

Havia promessas de negociações de empréstimo com a Caixa Econômica para saldar as dívidas com os operários de forma imediata. Contudo, tais promessas visavam apenas controlar os ânimos dos operários. “Promessas não enchem barriga. [...] E quem poderá conter uma onda de pessoas alucinadas, revoltadas por trabalharem quatro meses a fio (sem contar férias e 13º salário), sem ver a cor do dinheiro, com seu crédito suspenso e a fome rondando-lhes o lar?”¹⁵⁶

¹⁵⁶ Jornal *Voz de São João*, 08 de Janeiro de 1967, p. 1.

A Junta Interventora do Sindicato propôs ao senhor João Sapienza, um dos diretores da Companhia, um memorial relatando os problemas do operariado local, reivindicando, de forma compreensiva e colaborativa, o pagamento imediato de dois meses de salários, escalonando-se o restante para pagamento em prestações mensais, não se responsabilizando pelo que viria a acontecer caso a justa proposta não fosse imediatamente acatada.

As primeiras edições do jornal “Voz de São João” do ano de 1967 apresentavam um contexto estático da crise. Marcada, ainda, por uma diagramação exagerada e chamativa, a capa da edição abaixo sinalizava para a continuação da inadimplência da fábrica perante seus operários. Os diretores da Companhia se tornaram alvo de críticas por prometerem melhorias, mas executar gestão de eficiência duvidosa.



Jornal “Voz de São João”, 08 de Janeiro de 1967

Por maior que tenha sido a gravidade da situação dos operários, não houve registros de que alguém tenha, de fato, morrido de fome. Malgrado a dificuldade pela qual a cidade passara, uma rede de solidariedade foi ativada para auxiliar os operários na dura missão de sustentar a Companhia.

Montaram um negocinho pra distribuir alimento de graça, a dona Xepa que eles falavam. Nós fomos, eu e o Zé Marchiori meu primo, com o padre Osvaldo na época, fomos na Força e Luz pra tentar não cortar a luz dos empregados, até isso chegou quase a cortar.¹⁵⁷

O fragmento da narrativa do senhor Carlos em destaque apresenta elementos importantes para se compreender o cotidiano operário e sua negociação diária com a direção da Companhia. É notável, primeiramente, o engajamento para além dos teares da fábrica. Ao promoverem a formação de comissões e o envolvimento do próprio sindicato para representação da fábrica em contextos vários, os trabalhadores extravasavam suas demandas aos muros da fábrica e envolviam a cidade em suas questões.

Mais importante do que a dificuldade em se conseguir capital para financiar o soerguimento da Companhia é perceber, na narrativa do senhor Carlos, um aspecto social que unia e dava sentido à luta e sofrimento dos operários em seu cotidiano na fábrica: a solidariedade. A “dona Xepa” foi um mecanismo de captação de mantimentos

¹⁵⁷ CARLOS MARCHIORI. Sindicalista e operário da Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento nas décadas de 1950 e 1960. Entrevista realizada em Maio de 2013, São João Nepomuceno (MG).

muito eficaz e fundamental para manter os operários minimamente firmes em seus postos de trabalho.

Eu tenho até guardado aí um... falando sobre a fome que passou a existir em São João porque não tinha emprego... pessoa tinha quatro, cinco filhos, normalmente trabalhava marido e mulher na mesma indústria. Então foi uma época difícilíssima. O povo de São João sofreu muito. Aí nós criamos a Dona Xepa. Pegava a Kombi e ia pra essas cidades perto pedindo ajuda pros trabalhadores. [...] Vinha ajuda de São Paulo, do Rio, dessa região todinha aqui, o pessoal ficava sabendo e mandava ajuda pra gente. Ninguém morreu de fome por causa desse trabalho que foi feito e principalmente por causa da ajuda do povo. Então foi uma demonstração de amor muito grande porque todo mundo ajudou, todo mundo colaborou. Foi realmente um exemplo pra gente que estava naquele meio ali ver a solidariedade que existiu naquela época.¹⁵⁸

Havia uma articulação da cidade em prol da causa operária, corroborando a ideia de que São João Nepomuceno realmente estava dentro da fábrica, e não o contrário. A fome ameaçava os lares dos operários e iniciativas como a “Dona Xepa” alimentavam a esperança de dias de maior prosperidade na Companhia. Sedimentando esse ambiente de espera temos a figura do sindicato enquanto Junta Interventora atuando, ao mesmo tempo, em defesa do operário e da fábrica.

No desenrolar da palestra o presidente da Junta Interventora dirigiu aos operários, em suas palavras, explicando que o

¹⁵⁸ GILSON FRANCISCO ALVES. Sindicalista e operário da Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento nas décadas de 1950 e 1970. Entrevista realizada em Novembro de 2011, São João Nepomuceno (MG).

interesse maior seria que todos os operários unidos pelo mesmo sentimento de solidariedade, trabalham com afinco, pois o futuro da Cia., em grande parte, dependia deles, e com a colaboração unânime mais atenuada ficaria a solução dos problemas.¹⁵⁹

A fábrica, em seus momentos de prosperidade, tinha em seus operários a expressão de dedicação que sustentava o desenvolvimento da Companhia e, por consequência, da cidade. Contudo, a partir do momento em que a indústria começa a definhar, os operários são convidados a manter a fábrica erguida, mesmo que isso custe o sacrifício de trabalhar meses a fio sem receber salário, sendo assombrados pela fome e pela incerteza de dias melhores. Os interesses dos diretores e do operariado se confundiam e entrelaçavam em torno da fábrica.

Era tenebrosa a situação. Você vê... Vicentinos ajudavam a gente aqui, empregados da fábrica também. Eu me lembro de alguns heróis que às vezes estavam sem receber lá e ajudavam os pobres ainda. Ajudava na repartição das coisas... Era doloroso! A situação que nós passamos era dolorosa.¹⁶⁰

O fragmento da narrativa do senhor Bráulio resume o cotidiano operário em poucas palavras. A crise imprimia dor na vida dos trabalhadores mas, ao mesmo tempo, revelava a quem observa pessoas de bem, que se uniam e se apoiavam uns nos outros em torno de um interesse comum: o trabalho na Companhia. Como muito bem

¹⁵⁹ Livro de atas do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de São João Nepomuceno, 19 de Fevereiro de 1967.

¹⁶⁰ BRÁULIO BRAZ DE FREITAS. Comerciante e vereador em São João Nepomuceno na década de 1960. Entrevista realizada em fevereiro de 2016.

construído no fragmento de memória destacado, muitos operários agiam como verdadeiros heróis, aliviando as tensões e a urgência que as privações às quais estavam submetidos infligiam sobre eles.

Eu vou te contar uma história... Na época que eu era vereador, presidente da Câmara, eu fui ao Rio com o vice-prefeito Nilo Rocha, que era o vice do Mauro Nogueira, e o presidente do sindicato que era o Nelson Marinho, sujeito bom, [...] tentar dinheiro pra fábrica. E eu guardei muito a frase de um dos funcionários lá. “Nós estamos a par da situação de São João, tem muitas cidades iguais, não é só São João, não temos dinheiro pra isso”, porque a CNI, Confederação Nacional da Indústria, a gente esperava arrumar alguma verba, alguma coisa lá, mas também não saiu. Aí eles alegaram que não podia mesmo, sabe? Mas aí ele usou uma frase que nunca me saiu da memória: “Enquanto São João não diversificar a indústria, não tiver outras indústrias, vão sempre passar por esse tipo de situação...”.¹⁶¹

Era interesse da cidade ver a Companhia desenvolvendo bem seu trabalho. O senhor Bráulio apresenta, em sua narrativa, o engajamento dos poderes legislativo e executivo, juntamente com o sindicato, para interferir positivamente nos negócios da fábrica. Em visita à Confederação Nacional da Indústria, tentaram, sem sucesso, levantar fundos para socorrer a CFTS. É importante destacar a visão que a CNI tem da conjuntura sanjoanense, uma vez que atribuíam a gravidade da crise à existência de apenas um grande empreendimento na cidade.

¹⁶¹ BRÁULIO BRAZ DE FREITAS. Comerciante e vereador em São João Nepomuceno na década de 1960. Entrevista realizada em fevereiro de 2016.

Houve crise terrível! Com aquela quebradeira deles aí... O negócio era de espantar mesmo! Comércio... a gente tinha loja... vender pra quem? Situação dolorosa, viu. O comércio vive da indústria, né? Aqui é a indústria, porque a zona rural, agricultura era muito frágil em São João, sempre foi. Então, cada dia ela vinha caindo mais... A gente dependia muito da indústria e a indústria era só a fábrica, praticamente. É doloroso...¹⁶²

Ainda me debruçando sobre a narrativa do senhor Bráulio, antes de ser vereador, o mesmo trabalhou como comerciante em São João Nepomuceno. A Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento era única para o sanjoanense. Sua crise, de fato, afligia a todos. Ao passo que a cidade se escorava na CFTS como maior empregadora e geradora de riquezas, o insucesso de seus negócios reverberava negativamente nos empreendimentos comerciais que via seu público alvo não tendo recurso nem para se alimentar.

Esse é outro fato interessante... tinha um senhor, o doutor João Sapienza, que era o gerente da fábrica. O que o doutor João fazia? Eu descobri isso porque lidava muito com ele, aí um dia eu falei com ele que eu cheguei em casa e minha esposa falou comigo assim “oh Tute, não tem dinheiro pra comprar nem leite e nem maizena pra fazer mingau pros meninos”. O menino era novo ainda. Aí eu falei assim “uai, eu vô lá ver”. [...] O fato interessante, e depois eu descobri que ele fazia isso sempre, aí ele pegou e falou “não! Eu não tenho dinheiro também não. O único dinheiro que eu tenho aqui é cinco mil réis”, que era cinco cruzeiros, seria cinco cruzeiros [reais] hoje. “O único dinheiro que eu tenho é esse aqui. Mas eu fico sem ele e passo pra você”. Mas aí eu descobri depois que ele sempre colocava cinco reais

¹⁶² BRÁULIO BRAZ DE FREITAS. Comerciante e vereador em São João Nepomuceno na década de 1960. Entrevista realizada em fevereiro de 2016.

ali, vamos por nos dias de hoje, punha ali pra poder... era o jeito dele ajudar o trabalhador e era o jeito também dele mostrar que estava fazendo o máximo para o trabalhador. Porque o trabalhador ficava satisfeito com ele, “o dr. João não tinha dinheiro e me deu o que ele tinha”. Depois eu descobri e até falei com ele, ele ria e tal. Falava assim “era o jeito, né Gilson. Eu tinha que fazer. Porque se o trabalhador achasse que eu tivesse muito dinheiro...”.¹⁶³

“Não! Eu não tenho dinheiro também não. O único dinheiro que eu tenho aqui é cinco mil réis”. O discurso do patrão entranhado na narrativa do senhor Gilson apresenta outra faceta da solidariedade enquanto analgésico para a dificuldade cotidiana do operário.

A representação teatral do senhor João Sapienza, além de aliviar e suprir pontualmente as necessidades mais elementares do trabalhador, criava uma relação de dependência e obrigação entre Companhia e operário, que demonstrava sua gratidão à frente dos teares, mesmo com salários atrasados.

A Junta Interventora, bem como os diretores da Companhia, se utilizava do lugar que a fábrica ocupa no imaginário do trabalhador a fim de convencê-lo que, de fato, os rumos da cidade estavam em suas mãos, dependendo apenas de seu senso de solidariedade e altruísmo. Entretanto, infelizmente, não era a predisposição ao trabalho por parte dos operários que comprometia o sucesso da fábrica. As questões eram maiores e mais complexas.

¹⁶³ GILSON FRANCISCO ALVES. Sindicalista e operário da Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento nas décadas de 1950 e 1970. Entrevista realizada em Novembro de 2011, São João Nepomuceno (MG).

Manifestação havia sempre, né. Porque nós reuníamos com a empresa, fazíamos [reuniões] com os patrões, o sindicato ia lá, discutia, falava. Chegou uma época que a gente ia lá chamar o pessoal de São João, fizemos uma reunião lá na fábrica com os grandes empresários de São João pra ver se eles nos ajudavam, né? [...] Mas havia manifestação sempre, nós íamos lá pro escritório, brigava, falava... Brigava no bom sentido. Nunca houve, assim, quebra-quebra, não. Só discutia, falava... Mas nunca teve, assim, nunca teve... graças as situações de solidariedade que existiam, a pessoa também não perdeu a cabeça, não teve que partir pra ignorância.¹⁶⁴

A aproximação com o cotidiano operário sanjoanense, num primeiro momento, sugere que esses trabalhadores não possuíam força de vontade para reclamar seus direitos frente à precariedade da Companhia, uma vez que não acirravam suas reivindicações a níveis mais exaltados. Contudo, o senhor Gilson insiste em sua narrativa em defender a articulação de seus companheiros de trabalho, bem como suas estratégias perante a direção da fábrica.

O sindicato figurou como entidade fundamental na mediação de contendas e na proposição de soluções para a crise. A “Dona Xepa” cumpriu o seu papel paliativo em suprir as demandas dos operários. Os líderes sindicais interferiam, por outro lado, na canalização dos esforços e estratégias do operariado.

Às vezes, o fulano de tal, tem um grupinho, por exemplo, na fiação, tá nervoso e tal. A gente ia lá, conversava com a pessoa, aí mudava o pensamento. Porque a pessoa às vezes estava

¹⁶⁴ GILSON FRANCISCO ALVES. Sindicalista e operário da Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento nas décadas de 1950 e 1970. Entrevista realizada em Novembro de 2011, São João Nepomuceno (MG).

faltando as coisas em casa, tava revoltado, é aquilo que eu te disse, aconteceu comigo, né? Não tinha comida pros filhos, às vezes as pessoas começavam a se revoltar um pouquinho e tal, mas não, não... Assim, fatos extremos não teve não. Paramos algumas vezes, né? As máquinas foram paradas várias vezes, mas parava, a gente ia lá, conversava, discutia. Por exemplo, quando a gente precisava de um apoio maior, né? Então a gente parava e ia lá pro escritório. Aí parava, mas depois voltava.¹⁶⁵

O recorte anterior apresentado pelo senhor Gilson reforça a autonomia que os operários possuíam para pensar e se articular. O sindicato congregava uma parcela significativa do operariado que seguia suas sugestões. Contudo, era perceptível a existência de disputas internas, grupos que discutiam sua situação e os rumos da Companhia desatrelados do sindicato. O complexo fabril era um lugar prenhe de discussão política por parte dos operários que sentiam as mazelas que a crise da fábrica impunha em seus respectivos lares.

Insistindo, ainda, na narrativa do senhor Gilson, penso que o operário, ao mesmo tempo que se exaltava e reclamava por melhores condições de trabalho e vida, se mostrava sempre preocupado com o bom andamento dos negócios da Companhia e pela qualidade de seu trabalho. Eles interrompiam suas funções e trabalho para responderem algum tipo de demanda reivindicativa, mas temporariamente: a fábrica não podia parar. Entretanto, a boa vontade e afínco dos operários não superavam a má gestão da fábrica aliada à dificuldade dos negócios. Agravava-se, cada vez mais, a dificuldade de soerguimento do empreendimento.

¹⁶⁵ GILSON FRANCISCO ALVES. Sindicalista e operário da Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento nas décadas de 1950 e 1970. Entrevista realizada em Novembro de 2011, São João Nepomuceno (MG).

São João Nepomuceno era uma cidade dinâmica, com comércio bastante aquecido em função do giro de capital propiciado pela Companhia Fiação e Tecidos Sarmento, a maior indústria e melhor pagadora da cidade. Contudo, não é de se assustar que a crise da fábrica levasse a uma alteração na dinâmica econômica da cidade.

Como o “Time-Square”, a esquina da rua do Sarmento com a Praça Dr. Carlos Alves, tendo à sua frente o edifício Lamah, agora, com a sua parte comercial de portas cerradas, com a saída das “Casas Pernambucanas” de S. João Nepomuceno, porque o seu índice numérico é de dez milhões de cruzeiros antigos mensais, está privado daquele burburinho humano que se postava naqueles logradouros à cata de novas e de negócios, funcionando como a bolsa de valores da cidade. Hoje, verifica-se, que os sábados na “garbosa”, vão perdendo aquele calor contaminante que estimulava a todos que por ali passavam e iam parando para o habitual bate-papo; é, como veem, um termômetro que nos capacita das perdas que sentimos, tendo em vista o garbo que a “garbosa” refletia e agora, se mostra cética.¹⁶⁶

É sintomático o fragmento recortado da matéria “Nossa Terra: ‘Garbosa’ sem garbo”. Como o próprio título sugere, a cidade já não se parece com os tempos de outrora. Casas comerciais, como a Pernambucanas, tiveram suas portas fechadas uma vez que viam refletida em seus negócios a crise pela qual passava a CFTS. O ar de cidade grande, centro comercial e industrial, enfim, o ar de cidade garbosa cedeu lugar ao silêncio e esvaziamento de suas praças.

¹⁶⁶ Jornal *Voz de São João*, 30 de Abril de 1967, p. 02.

[...] infelizmente, por circunstâncias várias que não é oportuno recordar, a importante indústria, outrora próspera, veio se estiolando em ritmo crescente, chegando a uma situação desesperadora - seus operários encontram-se com três meses de salários em atraso; dois períodos de férias sem pagamento, assim como o 13º salário de 1966 e o de 1967 a vencer-se proximamente! Além disso, e o que mais agrava a situação, é a falta de crédito no comércio, que, numa justa defesa de seus interesses, suspendeu a entrega de mercadorias de uso obrigatório - alimentação e vestuário, a prazo aos trabalhadores têxteis, que assim veem a ronda sinistra da fome a circundar seus lares...¹⁶⁷

A situação financeira do operariado em função da crise da Companhia destacada acima é denunciada em ofício expedido pelo então prefeito Mauro Elpídio Nogueira, endereçado à senhora Yolanda da Costa e Silva, Presidente da Legião Brasileira de Assistência e esposa do então presidente Costa e Silva. Esse documento documentou o envolvimento do poder executivo bem como sua preocupação com os rumos que a fábrica teria, haja vista que o insucesso da Companhia acarretaria prejuízos para a sua administração enquanto prefeito municipal.

A Câmara de Vereadores, presidida pelo senhor Bráulio Braz de Freitas, endossou a iniciativa do poder executivo encaminhando ofício próprio à Yolanda da Costa e Silva, demonstrando o envolvimento político da instituição na resolução das questões da Companhia. O jornal “Voz de São João”, bem como o Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de São João Nepomuceno, também

¹⁶⁷ O fragmento integra o Ofício nº. 150/67/NR expedido pelo poder executivo de São João Nepomuceno em 03 de Novembro de 1967 para a Legião Brasileira de Assistência, aos cuidados de Yolanda da Costa e Silva.

produziram documentos próprios endereçados à Legião Brasileira de Assistência, juntando aos ofícios uma lista de assinaturas dos principais empresários e empreendimentos comerciais da cidade. Recolheu-se, também, a assinatura de operários e pessoas comuns, em um impulso que envolveu a cidade de uma maneira geral na causa da CFTS.

Todos o sabem e o resultado aí está – S. João, com a saída de tanta gente e a ameaça de tirarem da Sarmiento o que ali há de mais precioso, vai se reduzir à expressão mais simples, tornando-se um verdadeiro deserto onde poucos poderão se manter. É chegado, pois, o momento de se convocarem as forças atuantes de nossa terra para se fazer algo verdadeiramente concreto, numa tentativa desesperada de salvar aquilo que dá vida a São João – a Fábrica de Tecidos.¹⁶⁸

O jornal “Voz de São João” foi taxativo quando cobra providências – e não promessas – em relação à dura situação da fábrica e seus operários, que refletia na cidade. Mesmo passando por momentos difíceis, a Companhia ainda era vista como a responsável pela saúde econômica de São João Nepomuceno.

E quando depois a situação piorou, eu fui trabalhar fora. Trabalhei no sul de Minas, lá em Jacutinga. E lá eu ganhava três salários mínimos, pagava 250 de hotel, e ainda sobrava 650 pra mim... Dava mil reais por mês, porque com aquele dinheirinho

¹⁶⁸ Jornal *Voz de São João*, 18 de Abril de 1971, p. 01.

eu equilibrei de novo. Mas muita gente não pôde sair, ficou em dificuldade, comia o que tinha, o que podia comer...¹⁶⁹

A situação à qual se refere o senhor Carlos é o fantasma da falência da Companhia. Apesar da rede de solidariedade criada em prol do operariado, muitos passaram fome em São João Nepomuceno em função da penosa situação da CFTS. Vários trabalhadores, descrentes de que o empreendimento retomaria o vigor de outrora, estudaram alternativas para não sucumbirem junto com a indústria. Começou a ocorrer um “êxodo” de operários da fábrica e comerciantes da cidade, ambos afetados pela má gerência da Companhia.¹⁷⁰

¹⁶⁹ CARLOS MARCHIORI. Sindicalista e operário da Companhia Fiação e Tecidos Sarmento nas décadas de 1950 e 1960. Entrevista realizada em Maio de 2013, São João Nepomuceno (MG).

¹⁷⁰ Jornal *Voz de São João*, 18 de Abril de 1971, p. 01.

CAPÍTULO 4 – O fim da Fábrica: “Não se ouviu mais o apito da Sarmento”

Daqui, distante, vejo o tétrico
quadro que se estampa na
sociedade de São João.
Ver periclitando a alma mater da
cidade qual mãe carinhosa, por
anos infintos vem alimentando
seus filhos.
Por ali passaram gerações
sucessivas.
Estabelecimento que honra o
estado de Minas, quiçá a pátria
brasileira.
Já pensou, amigo leitor, o que será
São João sem a fábrica de
tecidos?¹⁷¹

O “drama da Sarmento” marcou a década de 1960 em São João Nepomuceno. O texto em epígrafe é parte da matéria “Fábrica e ameaçadora derrocada” do jornal “Voz de São João” de novembro de 1963. A oscilação entre as memórias nostálgicas da prosperidade e importância da Companhia para a cidade e o fantasma da falência que passou a assombrar os sanjoanenses, presentes na epígrafe, demonstrava o medo e a dúvida do que estaria por vir – e viria alguns anos depois.

A primeira quinzena do mês de dezembro de 1967 foi marcada pela paralisação das atividades da fábrica em virtude do esgotamento de matéria-prima, bem como o corte no fornecimento de energia elétrica em virtude do inadimplemento em relação à

¹⁷¹ Jornal *Voz de São João*, 24 de Novembro de 1963.

Cia. Força e Luz. Com aproximadamente 800 operários, a Companhia apresentava uma diminuição no quadro de funcionários ao longo da crise. Em meio a essa conjuntura aparentemente sem solução, os diretores da fábrica receberam proposta de José Maria de Abreu para compra das ações de José Luís de Moura, acionista majoritário.

E foguetes estouraram por todos os cantos, sendo improvisada, cerca de meia noite, uma passeata onde os operários deixaram extravasar todo o seu entusiasmo pelo término feliz do drama que os vinha amofinando há anos. Milagre do Natal! [...] Os operários daquela indústria saíram na manhã de quarta-feira com uma passeata pelas ruas da cidade, conduzindo cartazes em que agradeciam ao sr. Brandão, gerente da agência local do Banco do Brasil, ao vereador Gerson G. Moreira e a todos que trabalharam para o feliz êxito das negociações que salvaram a Cia. Sarmento da “debacle” total.¹⁷²

Qualquer que fosse o rumo que a Companhia Fiação e Tecidos pudesse tomar, tal movimento foi acompanhado com apreensão e esperança pelos operários e demais sanjoanenses. Antes mesmo de se concretizarem, de fato, as melhorias esperadas, os trabalhadores tomavam as ruas e discursos de vitória eram proferidos pelos cidadãos e estampados nas páginas do jornal “Voz de São João”. É interessante observar na narrativa do jornal a comoção gerada apenas pela possibilidade de mudança no quadro geral de crise da Companhia.

O grupo de empresários que passaram a dirigir a Companhia em 1967, encabeçado pelo sr. José Maria Ramos de Azevedo Abreu, conseguiram melhorar as condições da fábrica. Pagamentos de salário em dia, almoxarifados com grande

¹⁷² Jornal *Voz de São João*, 17 de Dezembro de 1967, p. 1.

quantidade de matéria-prima para produção, enfim, o retorno à normalidade das atividades da CFTS permitiu um “Natal Feliz” aos são-joanenses. Contudo, infelizmente, a Companhia reviveu um pico de crise pouco tempo depois.

O jornal “Voz de São João” de 22 de março de 1970 noticiou que a fábrica ainda não estava falida, mas o silêncio de seu apito assombrava os sanjoanenses, estampando o contexto com bastante destaque em suas páginas. Segundo a matéria “Não se ouve mais o apito da Fábrica Sarmiento!”, o Banco de Crédito Real e o Banco de Campina Grande tinham um crédito hipotecário na Companhia de importância vultosa. Junto a essa dívida havia um acumulado de dívidas de impostos, INPS, fornecedores, salário e férias atrasados, dentre outras dívidas, o que elevava o passivo da fábrica. O diretor José Maria Ramos de Azevedo Abreu declarou estar a CFTS “em estado de insolvência”.¹⁷³

Pouco tempo separava as edições destacadas acima, a saber: a queima de fogos em torno da mudança de direção, com a renovação da esperança de sucesso do empreendimento, e o reconhecimento do estado de insolvência pela nova diretoria. O jornal “Voz de São João”, do dia 5 de abril de 1970, denunciou a paralisação dos trabalhos da fábrica que teve, novamente, a energia elétrica cortada pela Companhia de Força e Luz. Já havia atraso no pagamento de salários na ordem de três meses.

O que eu penso de tudo isso é que foi má administração daquela época. Porque, olha... Na época que eu trabalhava lá, quando o sr. Carlos saiu, por que que o sr. Carlos saiu? Porque o genro dele e filho, e mesmo ele, não estavam mais combinando com o sr. Genaro. Sr. Genaro trabalha num hospital do Rio. Genaro Sarmiento, né? Resolveu vir pra São João. E vindo pra São João

¹⁷³ Jornal *Voz de São João*, 22 de Março de 1970, p. 3.

foi lá pra fábrica. E dois gerentes não estava dando certo, eles não estavam combinando, né...¹⁷⁴

A narrativa da senhora Yorke apresenta alguns fatores que poderiam ter contribuído para o referido estado de insolvência da Companhia. Um negócio de proporções tão grandes, com tanta influência na região, não viria à falência apenas por motivos conjunturais da economia nacional.

A fábrica tinha muitos problemas internos, de gestão e de crédito. O senhor Genaro Sarmiento, um dos gerentes da Companhia, mantinha uma conduta de vida que não condizia com o seu posto de trabalho. O senhor Carlos Stiebler, por sua vez, sempre teve o controle de todos os detalhes. Duas personalidades tão distintas gerindo de perto o mesmo empreendimento não foi uma combinação saudável para a fábrica.

Exaurida, sem direção, entregue a mãos estranhas, a outrora poderosa Cia. Sarmiento, a nossa “galinha de ovos de ouro”, ultimamente pertencente a um grupo chefiado por José Maria Ramos de Abreu, cujo título honorífico de “cidadão são-joanense” lhe fora cassado pela nossa egrégia Câmara Municipal, chegou ao estado atual de insolvência, que teve como clímax a decretação de sua falência.¹⁷⁵

A matéria “Decretada a Falência da Cia. Fiação e Tecidos Sarmiento: Vive a nossa terra a sua fase mais difícil” apresentou na capa do jornal “Voz de São João” a notícia que os sanjoanenses mais temiam, apesar de a esperarem ao longo da década de

¹⁷⁴ YORKE DE ALMEIDA CAMPOS. Contadora da Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento na década de 1950. Entrevista realizada em Fevereiro de 2013, São João Nepomuceno (MG).

¹⁷⁵ Jornal *Voz de São João*, 19 de Setembro de 1971, p. 1.

1960. A fábrica já não tinha condições de se manter em pleno funcionamento tamanho o estado de insolvência no qual se encontrava.

Não obstante o esforço do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem da cidade em assumir a direção da Companhia em outubro de 1970, reiniciando precariamente suas atividades, em 14 setembro de 1971, conforme matéria de capa do jornal “Voz de São João”, a CFTS teve sua falência decretada. A situação da fábrica era insustentável e nada mais havia de ser feito pela direção ou pelo sindicato para reanimar os trabalhos na “galinha dos ovos de ouro”. De São Paulo, da Fiação e Tecelagem Eliana S/A, veio o pedido de falência da Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento.¹⁷⁶

Eu me lembro do dia em que foi decretada a falência da firma. Nós estávamos numa reunião no clube Trombeteiros, quando veio a notícia. Foi uma turma de pessoas chorando, mulheres desmaiando, homem passado mal. Foi muito triste, um baque muito grande.¹⁷⁷

É marcante, no fragmento da narrativa do senhor Gilson, que a decretação de falência da CFTS foi um divisor de águas na história do município. Por mais esperada que fosse, assumir que a Companhia mal sustentava seu próprio peso era uma derrota, também, para os operários. Mesmo em condições insalubres de sobrevivência, os trabalhadores da fábrica se dedicavam ao seu ofício e eram muito sensíveis ao destino da Companhia.

¹⁷⁶ Jornal *Voz de São João*, 19 de Setembro de 1971, p. 1.

¹⁷⁷ GILSON FRANCISCO ALVES. Sindicalista e operário da Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento nas décadas de 1950 e 1960. Entrevista realizada em Novembro de 2011, São João Nepomuceno (MG).

O sindicato têxtil, através do presidente Milton Gonzaga de Souza, foi nomeado “síndico da massa falida”, e por algum tempo, teve permissão do juiz da Comarca, Tercio Pinheiro Lins, para manter a indústria em funcionamento em caráter excepcional. A intenção era gerar recursos com a retomada das atividades para pagamento de despesas com o processo de falência, manutenção do bom estado de funcionamento dos maquinários e, como principal motivo, gerar renda aos operários. O pedido de prisão preventiva impetrado em desfavor de José Maria Ramos de Abreu e Paulo de Abreu foi deferido pelo juiz no processo.¹⁷⁸

Paralelo à crise da Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento e seu posterior processo de falência, houve o surgimento de novos empreendimentos no ramo de confecções em São João Nepomuceno. Muitas vezes absorvendo como mão de obra os operários que abandonavam seus postos de trabalho na CFTS, as pequenas iniciativas se tornaram uma das principais atividades econômicas do município.

Já havia ali no calçadão aquela confecção antiga cujo nome agora me fugiu... Marlu! Surgiu aquela [confecção] dentro da fábrica. Daí deslanchou... É um milagre, né? Deslanchou! Porque com a quebra da fábrica, aqueles indivíduos que aprenderam a trabalhar lá dentro foram saindo e montando fábricas por aí.¹⁷⁹

A narrativa do senhor Bráulio fornece pistas para a compreensão do movimento citado anteriormente. Os operários não recebiam seus salários com a regularidade esperada, sofreram com a crise da Companhia, perderam seus empregos, mas não

¹⁷⁸ Jornal *Voz de São João*, 17 de Outubro de 1971, p. 1.

¹⁷⁹ BRÁULIO BRAZ DE FREITAS. Comerciante e vereador em São João Nepomuceno na década de 1960. Entrevista realizada em fevereiro de 2016.

perderam o conhecimento de seu ofício. Neste sentido, muitos deles engrossaram fileiras em outros estabelecimentos, como as confecções Marlu.

Redinamizando a rua Coronel José Dutra¹⁸⁰ – conhecida como rua do Sarmento em função da concentração de lojas ligadas aos donos originais da Companhia –, a Marlu investiu na produção e comércio de roupas infantis. O desenvolvimento notável deste empreendimento era atribuído à organização de seus diretores, bem como à modernização de seu maquinário e à qualificação da mão-de-obra.¹⁸¹



As duas imagens acima são páginas inteiras do jornal “Voz de São João” utilizadas para felicitar os leitores pelo dia de Natal e pelo Ano Novo. A primeira página refere-se à propaganda Companhia Fiação e Tecidos Sarmento no ano de

¹⁸⁰ Jornal *Voz de São João*, 11 de Fevereiro de 1973, p. 4.

¹⁸¹ Jornal *Voz de São João*, 04 de Fevereiro de 1973, p. 4.

1962.¹⁸² A segunda imagem nos mostra o crescimento considerável da Confecções Marlu em 1973, haja vista se utilizar de publicidade semelhante à usada pela CFTS há mais de uma década atrás.¹⁸³ Interessante perceber que a Marlu estampa o jornal com fotos do interior de sua fábrica, com legendas exaltando a modernidade de suas máquinas. Os novos tempos na indústria têxtil sanjoanense demandou uma melhor formação técnica e novos conhecimentos por parte dos operários.

Na sua antiga fábrica, os pendores patronais ficaram sepultados, é que, os fundadores de Marlu, seus proprietários, rendendo homenagem aos seus colaboradores de ontem e de hoje, decidiram, transformar seu antigo prédio, em Escola Profissional, para obter a continuidade de uma mão de obra qualificada e capaz de permitir um progresso perene no setor industrial de roupas feitas. Ali funciona, patrocinado pela nossa Prefeitura e ministrados os ensinamentos pela Legião Brasileira de Assistência, que fornece ainda os moderníssimos maquinismos, uma academia de costura com cerca de 24 alunas, as quais estão recebendo, pelos métodos técnicos, lições até que possam sair diplomadas e capaz de enfrentar a profissão com todas as garantias legais e um salário a altura de seus conhecimentos.¹⁸⁴

No ano de 1973, os bens da massa falida, incluindo o parque industrial da fábrica de tecidos, com os imóveis e maquinários, casas residenciais, terrenos e as máquinas da Confecção Fiação e Tecidos Sarmiento foram levados a leilão, tendo a

¹⁸² *Jornal Voz de São João*, 23 de Dezembro de 1962, p. 10.

¹⁸³ *Jornal Voz de São João*, 23 de Dezembro de 1973, p. 5.

¹⁸⁴ *Jornal Voz de São João*, 01 de Abril de 1973, p. 4.

fábrica sido adquirida pelo grupo paulista Atlântico Sul Comércio Importação e Exportação S/A.¹⁸⁵

Sob a direção de Carlos Roberto Marques Viana, São João Nepomuceno viu iniciar os trabalhos no dia 16 de Julho de 1973 a Fábrica de Tecidos Santa Martha que, com novos segmentos industriais, principalmente as confecções, começaram a desenhar um novo horizonte para o município, depois de mais de uma década de provações pelas quais os sanjoanenses passaram ao vivenciarem o “drama da Sarmento”.¹⁸⁶

[...] manifestações que aqui também fizemos pela vitória da revolução de 1964 e na chegada aqui de um certo diretor que julgávamos viesse salvar a Cia. F. e T. Sarmento. Hoje, estando a nossa fábrica em plena posse de um poderoso e bem intencionado grupo, - “Por que não demonstramos, da mesma forma, o nosso apreço e deixarmos extravasar as nossas esperanças, com preces fervorosas ao Onipotente para que oriente seus novos Diretores, que nos prometem novo surto de progresso e trabalho?”¹⁸⁷

O fragmento acima é uma transcrição da matéria “Rendamos graça à ‘Santa Martha’: Garantido o nosso desenvolvimento”, na qual transpareceu novo ânimo no discurso do jornal “Voz de São João” e, suponho, na visão dos sanjoanenses, de uma maneira geral, em torno da nova indústria. Mesmo que a fábrica estivesse funcionando sob outro nome, com outros diretores e atividades, seu organismo estava vivo e funcionando a plenos pulmões: não havia silêncio na “nossa fábrica”.

¹⁸⁵ Jornal *Voz de São João*, 04 de Março de 1973, p. 4.

¹⁸⁶ Jornal *Voz de São João*, 15 de Julho de 1973, p. 1.

¹⁸⁷ Jornal *Voz de São João*, 07 de Outubro de 1973, p. 1.



Fonte: Acervo pessoal de Stéffano Muniz Figueiredo Costa, 26 de Março de 2016

A Fábrica Santa Martha funcionou no mesmo prédio da falida Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento. O espaço continuou fazendo parte do imaginário da cidade uma vez que, apesar de abrigar novas indústrias, ostenta até os dias de hoje a placa original em sua fachada. O jornal “Voz de São João”, no Natal de 1973, convidou seus leitores a rememorem o triste Natal de 1966, noticiado em suas páginas, e destacou com um tom otimista o fim do período de “vacas magras”:

Felizmente o período das “vacas magras” já foi ultrapassado e hoje, graças a Deus, a indústria mater de nossa terra sob a eficiente direção dos componentes da S/A Fábrica de Tecidos Santa Martha, vai de vento em popa. Seus novos dirigentes imprimiram-lhe uma direção segura e é com prazer que todas as manhãs ouve-se o apito que desperta seus operários para a faina

do dia. Seus maquinários voltam a funcionar num ritmo acelerado, produzindo tecidos que são facilmente colocados no mercado e a alegria voltou a imperar na fisionomia daqueles que têm na “galinha de ovos de ouro” o seu ganha pão.¹⁸⁸

Percebo que o jornal “Voz de São João” rendia à Fábrica Santa Martha os mesmos elogios que, num passado bem próximo, ofereceu à Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento. O jornal sempre associou a prosperidade da cidade ao desempenho das fábricas têxteis. A segurança provocada pelo som do apito e seu convite para o trabalho trazia a sensação de que a indústria mater de São João Nepomuceno ainda estava ali, funcionando em benefício dos sanjoanenses, e que a “galinha dos ovos de ouro” novamente passaria a alimentar com fartura seus operários, tendo, apenas, mudado de nome.

E, na festa que a Diretoria da Fábrica Santa Martha fez realizar às 9 hs. do Dia de Natal, no pátio interno daquela indústria, com a distribuição de presentes aos funcionários, operários e seus filhos, sentia-se a gratidão estampada no rosto daquela gente que há anos passados purgava dores atrozes ao se verem privados de dar aos seus filhos o mais insignificante presente de Papai Noel. [...] Após a distribuição de presentes, inclusive garrafas de vinho, os operários saíram à rua em passeata, puxados pela bateria da Escola de Samba “Dr. Carlos Alves” e à frente, Papai Noel.¹⁸⁹

¹⁸⁸ Jornal *Voz de São João*, 30 de Dezembro de 1973, p. 1.

¹⁸⁹ *Idem*.

A direção da nova fábrica realizou uma festa no Natal de 1973 para os operários e a comunidade de uma maneira geral. A recepção no pátio interno da fábrica, a distribuição de presentes, a comunhão entre patrões e empregados, tudo fazia lembrar os tempos áureos da Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento. O entusiasmo operário denotava seu reencontro com a valorização de seu trabalho.

Ah! Foi muito importante! A fábrica pra São João foi muito importante por causa do trabalho, né? É muita gente... Porque muita gente às vezes passava dificuldade mas lá na fábrica, lá dentro do serviço não passava tanta dificuldade porque sabia que tinha um serviço próprio ali pra fazer, né? Ah! Muito bom! Nossa senhora! Eu só sei que eu cheguei a trabalhar em dois horários. Lá a gente pegava mais ou menos de cinco às 13h e das 13h às 22h. Ah! Como era bom trabalhar de noite ali... [...] Nós trabalhávamos pra caramba!¹⁹⁰

A narrativa de Gislene, operária da Fábrica Santa Martha, poderia se confundir com o depoimento de um operário da Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento. A relação de admiração e saudosismo é a mesma. A Santa Martha, assim como a Sarmiento, viveu dias de prosperidade e crise. Mas a memória construída pelo operário é de saudade.

É digno de nota que em nenhum momento os operários da Fábrica Santa Martha se referiram ao sindicato e a qualquer reivindicação para melhorias nas condições de trabalho. Segundo Gislene, e sua irmã Rosa, cada operária tocava duas máquinas e eram remuneradas pela produção. Acredito que, para garantir uma melhor remuneração, os operários enxergavam no trabalho e no aumento de sua produção a solução para suas

¹⁹⁰ GISLENE GREGÓRIO TEIXEIRA. Operária da Fábrica Santa Martha na década de 1980. Entrevista realizada em fevereiro de 2016, São João Nepomuceno (MG).

questões. É válido ressaltar, contudo, que, nos primeiros anos de existência da Fábrica Santa Martha, o Sindicato possivelmente tinha uma margem de atuação reduzida em virtude do recrudescimento do regime militar e dos anos de chumbo do governo Médici.¹⁹¹

A gente não tinha, assim, aquele contato com ele [diretor da fábrica] porque ele não ficava aí, né. Não ficava na fábrica, ele ficava lá pra São Paulo mesmo. Mas ele era gente boa. Ele gostava muito dos funcionários que trabalhavam lá, quando vinha também não perturbava a gente nem nada. Ele fazia muita reunião com os funcionários lá...¹⁹²

O fragmento de memória de Gislene apresenta uma boa relação que os operários nutriam pela direção da fábrica, personificada na figura do senhor Carlos. Ele residia e trabalhava em São Paulo e, quando vinha à cidade, “não perturbava” os operários. Posição confortável para quem dirige uma fábrica repleta de operários em condições de trabalho difíceis. O respeito, contudo, não anulava a existência de descontentamentos e formas de burlar o rigor normativo no ambiente fabril.

E a gente ia pro botequim ali da dona Carlota! A gente ia tomar um café com leite e broa, aí nós sentávamos naqueles banquinhos lá e íamos pitar... Eu era “pitadeira” na época! Porque lá dentro a gente não podia pitar, né? Nossa senhora! Aí às vezes dava aquela vontade de fumar eu ia lá pro banheiro lá e

¹⁹¹ Sobre o governo Médici: Cf. FICO, Carlos. *Como eles agiam*. Os subterrâneos da ditadura militar: espionagem e polícia política. Rio de Janeiro: Record, 2001; GÁSPARI, Élio. *A ditadura escancarada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

¹⁹² GISLENE GREGÓRIO TEIXEIRA. Operária da Fábrica Santa Martha na década de 1980. Entrevista realizada em fevereiro de 2016, São João Nepomuceno (MG).

eu ia fazer minhas necessidades... Aí tirava um trago num cigarro e corria pra máquina!¹⁹³

A senhora Gislene rememora com alegria situações pitorescas como os momentos de lazer dos operários no botequim da Dona Carlota, situado próximo ao portão da fábrica Santa Martha. E assim, como uma criança traquinas, me confidenciou a transigência de algumas regras impostas pelos diretores da fábrica. O trabalho especializado, ora ou outra, também era substituível – gerando tensões entre os funcionários.

Nossa senhora, as caldeiras, né? Quando faltava gente, o meu serviço mesmo que eu trabalhava lá na fábrica era bobineira, lá no final! Mas quando faltava gente eles iam lá no final me buscar [...] pra trabalhar na tecelagem. Saia de lá até cuspiendo azul, né? Perto da engomadeira de pano!¹⁹⁴

Apesar do tom de descontraído imprimido pela senhora Gislene neste fragmento de sua narrativa, percebo o quão duro era o trabalho de um operário na Fábrica Santa Martha. “Cuspir azul” é sinal de falta de equipamentos ideais para o trabalho, bem como da insalubridade e agressividade da atividade para a saúde do operário. As mazelas do local de trabalho eram abafadas pelo contentamento de trabalhar numa indústria importante para a cidade e que cumpria a CLT.

¹⁹³ Idem.

¹⁹⁴ GISLENE GREGÓRIO TEIXEIRA. Operária da Fábrica Santa Martha na década de 1980. Entrevista realizada em fevereiro de 2016, São João Nepomuceno (MG).

A fábrica teve uma época tão boa, muito boa, que teve até décimo quarto. Não pagava só o décimo terceiro, pagava o décimo quarto também de tanto que, assim... De tanto que ela era boa! Todo ano, todo final de ano faziam sorteios de prêmios, prêmios muito bons, geladeira, televisão... Era ótimo! [...] A gente quase não via o senhor Carlos mas ele era muito presente na fábrica. [...] E sempre que ele chegava de São Paulo ele passava, corria toda a fábrica, assim... Não deixava só por conta de chefe, não, sabe?¹⁹⁵

É possível perceber na narrativa da senhora Rosa que a disciplina no ambiente fabril convivia com ações que favoreciam o operariado. Em uma mesma memória há a convivência harmônica entre a vigilância “muito presente” do senhor Carlos, diretor da Fábrica Santa Martha, e os agrados concedidos pelo mesmo aos trabalhadores, atitude trabalhista que objetivava negociações entre patrão/empregado no cotidiano operário.¹⁹⁶

Nossa! Eu entrei pra lá eu tinha quatorze anos. Eu lembro direitinho... Meu pai que arrumou serviço pra gente lá, né? [...] Eu, por exemplo, que sou a mais nova eu vim pra cidade da roça com doze anos. Aí com quatorze anos o pai falou que ia arrumar um serviço pra mim na Santa Martha. E arrumou, né?! Cinco filhos na Santa Martha!¹⁹⁷

¹⁹⁵ ROSA HELENA DA SILVA SANTOS. Operária da Fábrica Santa Martha na década de 1980. Entrevista realizada em fevereiro de 2016, São João Nepomuceno (MG).

¹⁹⁶ A relação entre os diretores da Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento e os operários era pautada pelo diálogo. Apesar do “drama da Sarmiento” estar deslocado temporalmente do trabalhismo varguista, percebo um estreito diálogo entre as duas conjunturas, uma vez que é perceptível que a relação entre patrão e empregado não envolvia estritamente autoridade e submissão. Os trabalhadores esperavam (e cobravam) a reciprocidade em suas estratégias e negociações. Cf. GOMES, Angela de Castro. *A Invenção do Trabalhismo*. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1988.

¹⁹⁷ ROSA HELENA DA SILVA SANTOS. Operária da Fábrica Santa Martha na década de 1980. Entrevista realizada em fevereiro de 2016, São João Nepomuceno (MG).

A contribuição da senhora Rosa para esta dissertação é importante e reforça as impressões apreendidas na narrativa de sua irmã Gislene. Cinco irmãos de uma família trabalhando numa mesma empresa. Realmente a Fábrica Santa Martha mantinha os sentidos indenitários¹⁹⁸ ligados à Companhia Fiação e Tecidos Sarmento. Sua fala é proferida com entusiasmo e saudade, mesmo em situações em que a fábrica lhe era desfavorável.

Primeiro emprego... você já viu, né? Eu comecei a trabalhar em filatório, não sei se você já ouviu falar. Filatório é aonde faz o fio que dali vai pra bobina e da bobina vai pra tecelagem. E as espulas elas ficavam tudo rodando. Então você tinha que parar ela. Se você segurasse com mão leve aquilo queimava a mão tudo assim, sabe? Aí o primeiro dia eu cheguei em casa chorando! Falei com o pai que eu não ia voltar mais. Aí ele “não, minha filha! Primeiro emprego é assim mesmo, força de vontade...”. Aí foi indo até que eu acostumei. Não foi fácil, mas foi muito bom trabalhar ali! Eu sinto muita saudade! Muita!¹⁹⁹

Quando ainda era uma criança, Rosa foi impelida a começar a trabalhar na fábrica. Apesar da dor literal que sentia ao manusear as máquinas – talvez pela pouca idade de suas mãos –, ela reconhece a dificuldade do trabalho mas, sobretudo, a saudade que sente do ambiente fabril. Ao ouvir tal desabafo, sua irmã Gislene também se posicionou sobre a relação afetiva que nutria e ainda nutre em relação à fábrica.

Gislene: Eu passo ali perto da Santa Martha e penso assim “meu Deus do céu! Vou pedir esse homem aí pra eu entrar lá pra dentro pra eu ver aonde que eu trabalhei e como que está”.
Gente! Acabou a Santa Martha!

¹⁹⁸ Cf. BAUMAN, Z. *Identidade* : entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro : J. Zahar, 2005.

¹⁹⁹ ROSA HELENA DA SILVA SANTOS. Operária da Fábrica Santa Martha na década de 1980. Entrevista realizada em fevereiro de 2016, São João Nepomuceno (MG).

Rosa: O ruim de lá na época é que trabalhava muita família. Então quando a fábrica foi ficando ruim, foi uma fase muito difícil que aonde, assim, que trabalhava marido, mulher, filho... Então desestruturou muitas famílias nessa época que ela foi fracassando.

Gislene: Mas que era bom, era! Né?!²⁰⁰

O diálogo registrado acima se fez digno de nota por apresentar o fascínio que o complexo fabril ainda existente no centro da cidade exerce sobre ex-operários sanjoanenses de uma maneira geral que, de alguma forma, vivenciaram a história de suas duas grandes fábricas: a Companhia Fiação e Tecidos Sarmento, e a Fábrica Santa Martha.

Mais uma vez é sinalizada a influência exercida pela fábrica sobre os núcleos familiares. A saúde econômica de uma família estava diretamente relacionada com a saúde do empreendimento. Curioso perceber que, mesmo após ouvir o lamento da crise da fábrica de sua irmã, Gislene encerra o assunto lembrando apenas o que houve de bom, selecionando e silenciando o que lhe convém de sua história junto à fábrica Santa Martha. As histórias das duas grandes fábricas de São João Nepomuceno se confundem e parecem se repetir.

Contudo, não foi somente a fábrica Santa Martha que surgiu com o declínio da CFTS. Em meio às sérias dificuldades enfrentadas pela Companhia Fiação e Tecidos Sarmento, força vital e sustentáculo direto de milhares de famílias e de toda uma cidade, pequenas fábricas de roupas despontaram a partir da década de 1960, como resposta à

²⁰⁰ GISLENE GREGÓRIO TEIXEIRA e ROSA HELENA DA SILVA SANTOS. Operárias da Fábrica Santa Martha na década de 1980. Entrevista realizada em fevereiro de 2016, São João Nepomuceno (MG).

situação crítica que se estava vivendo. A Santa Martha também irá fechar suas portas com o tempo e, assim como a Sarmiento, também alimentará novas fábricas com seus operários.

Depois foi acabando, acabando, acabando... Porque aí muita gente ficou desempregada, né? Muita gente teve que sair de lá porque o que trabalhava lá não pagava. Então foi aonde eles... muitos foram pra facção, pra confecção, foi pra casa de família... Eu mesmo fui uma que saí e fui pra casa de família.²⁰¹

Gislene nos aponta o fluxo de pessoas que trabalhavam na fábrica Santa Martha para outros empreendimentos. Essas confecções foram ampliando o mercado de trabalho, provocando uma redinamização na economia e, sobretudo, trouxeram esperança aos sanjoanenses. Essa nova crise parece não ter gerado em São João Nepomuceno o medo de sucumbir à trágica trajetória de uma de suas indústrias mais importantes.

Eu lembro direitinho que aí cortava a energia, acho que estava atrasando a energia. Porque não pagava, não tinha dinheiro. Eu lembro que o sr. Carlos comprou máquinas, assim, não sei se fora do Brasil. Eu acho que ele pegou dinheiro com banco de Boston, acho que é Boston mesmo. Não sei nem aonde é esse lugar! Aí ameaçaram vir e arrancar as máquinas. E aí a gente ficou tão preocupada! Então a gente foi vendo aquilo ali

²⁰¹ GISLENE GREGÓRIO TEIXEIRA. Operária da Fábrica Santa Martha na década de 1980. Entrevista realizada em fevereiro de 2016, São João Nepomuceno (MG).

acabando aos poucos... Foi muito triste mesmo pra cidade! Foi terrível!²⁰²

A Fábrica Santa Martha sofria com problemas semelhantes aos da Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento – como o corte no fornecimento e energia elétrica e a contratação de empréstimos para tentar sanar as dificuldades da indústria –, mas os operários iam, apenas, “vendo aquilo ali acabando aos poucos...”. Não foi possível apreender nas narrativas da senhora Rosa e dos demais trabalhadores que tenha havido uma mobilização social em torno das questões da Santa Martha. Tampouco a ação do sindicato em prol da fábrica. Acredito que o fragmento da narrativa do senhor Bráulio destacado a seguir possa fornecer pistas ao quadro explicitado.

O negócio cresceu tanto que nunca mais, hoje ninguém fala em fábrica mais, né? Hoje, se fechar uma indústria dessas, mesmo com mil operários – aqui tem indústria com mil operários! –, a fábrica tinha quase mil... Hoje tem confecção com quase mil operários aí! [...] Resultado: hoje, se quebrar uma indústria dessas com mil operários, ninguém assusta muito porque tem muitas indústrias, [os operários] vão pra outras, né? Naquele tempo era só a fábrica. Não tinha pra onde fugir. Ela era a vida de São João! E quando ela fracassou, apavorou a cidade inteira! Foi uma tristeza geral... Ninguém sabia como ia sobreviver, a verdade era essa.²⁰³

²⁰² ROSA HELENA DA SILVA SANTOS. Operária da Fábrica Santa Martha na década de 1980. Entrevista realizada em fevereiro de 2016, São João Nepomuceno (MG).

²⁰³ BRÁULIO BRAZ DE FREITAS. Comerciante e vereador em São João Nepomuceno na década de 1960. Entrevista realizada em fevereiro de 2016.

A narrativa do senhor Bráulio apresenta a importância que o crescimento em número e diversidade das indústrias propiciou a São João Nepomuceno. A falência ou o insucesso de algumas fábricas não ensejariam mais a comoção vista na década de 1960, que vivenciou o “drama da Sarmento”. Havia novas alternativas de trabalho e a economia não mais se sustentava em apenas um empreendimento. O surgimento das confecções gerou progresso e contribuiu para a origem do legado que hoje São João Nepomuceno orgulhosamente ostenta: o de ser conhecida na região como a cidade das indústrias do vestuário.

A falência da Sarmento veio trazer dificuldades, mas também trouxe condições da pessoa aprender a viver. Porque a fábrica, se dizia na época, que não era a fábrica que estava dentro de São João, era São João que estava dentro da fábrica. E só tinha a fábrica, né? [...] Poucas indústrias aí. [...] Quer dizer, mas deu pra vencer e quando agora fechou já não trouxe tanto problema. De certo modo a gente tirou muito proveito, né? Porque a gente aprendeu muita coisa no meio daquilo ali. E serviu pro futuro... Quando a Fábrica Santa Martha fechou já não deu mais problema nenhum porque cada um aprendeu que tinha que ter qualquer coisa diferente, né? Aí já tinha muitas confecções em São João...²⁰⁴

A narrativa do senhor Gilson corrobora a ideia de que a falência da Fábrica Santa Martha esteve longe de provocar a mesma comoção na cidade se comparada à repercussão do “drama da Sarmento”. A crise da CFTS motivou os sanjoanenses a

²⁰⁴ GILSON FRANCISCO ALVES. Sindicalista e operário da Companhia Fiação e Tecidos Sarmento nas décadas de 1950 e 1960. Entrevista realizada em fevereiro de 2016, São João Nepomuceno (MG).

criarem alternativas para recuperação da economia da cidade. A solução para a demanda do município foi o desenvolvimento do ramo de confecções.

Embora tenham nascido de forma doméstica, improvisada, seguindo a intuição e o espírito empreendedor de seus fundadores, o surgimento das primeiras confecções no abalado cenário industrial sanjoanense foi importante para resgatar a cidade de um caminho que muitos acreditavam sem saída e que acabaria levando São João Nepomuceno à ruína e ao desaparecimento.

A vida de São João e o crescimento de São João dependiam da fábrica. E outra coisa! A mentalidade industrial que está aí, a semente é a fábrica. Porque tem cidades, você vai em Rio Novo, não tem graça, não tem nada! O sujeito lá não tem essa mentalidade industrial. De certo modo quebrou e parou tudo, né. Então aquela cidade não anda! São João tem uma mentalidade industrial. Mas quem implantou isso foi a família Sarmiento. Você vê que eles montaram a fábrica de calçados, fábrica de tecido, e isso vai gerando uma... vai mentalizando as pessoas, né? São João vive esse clima industrial tanto que na região aqui é a melhor, né?²⁰⁵

Não resta dúvida quanto à importância da Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento para o desenvolvimento da cidade de São João Nepomuceno. Segundo o senhor Bráulio, uma importante herança deixada pela Companhia e pela família Sarmiento foi a mentalidade industrial que criaram nos sanjoanenses. Ao comparar com outras cidades da região, percebe-se que o município sempre manteve um crescimento

²⁰⁵ BRÁULIO BRAZ DE FREITAS. Comerciante e vereador em São João Nepomuceno na década de 1960. Entrevista realizada em fevereiro de 2016.

da indústria, mesmo em situações de crise. “São João é um milagre! [...] São João nunca parou!”.²⁰⁶

A cidade não é mais conhecida por possuir apenas uma grande indústria, mas por abrigar elevado número de confecções empregando, em alguns casos, número superior de operários em relação às estatísticas da Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento. Foi uma surpresa a referência feita pela senhora Rosa ao trilho que conectava a fábrica ao terminal ferroviário que cortava a cidade.

Você lembra aquele carrinho que tinha no trilho do trem que levava as coisas lá pra baixo? Pessoal subia naquele carrinho... Oh, aquilo ali foi bom demais! Ali surgiu muito namoro, muito casamento... Ihhh! Muita história!²⁰⁷

Os trilhos eram um lugar de memória importante da Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento, pela importância no recebimento de matéria prima e escoamento de produção, e da Fábrica Santa Martha enquanto remanescente de um passado importante os quais os operários deram usos lúdicos que renderam boas histórias. Infelizmente a parte dos trilhos que extravasava os portões da indústria foi arrancada pela Prefeitura em 2014.²⁰⁸

Entretanto, sua ausência não calou a construção narrativa da senhora Rosa. O pequeno fragmento de sua memória mostra que, assim como a Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento, a fábrica Santa Martha também sedimentou na memória coletiva de seus operários o afeto construído em situações cotidianas. Talvez essa tenha sido a

²⁰⁶ Idem.

²⁰⁷ ROSA HELENA DA SILVA SANTOS. Operária da Fábrica Santa Martha na década de 1980. Entrevista realizada em fevereiro de 2016, São João Nepomuceno (MG).

²⁰⁸ Jornal *Voz de São João*, 15 a 21 de Novembro de 2014, p. 4.

maior moeda de troca do operário em suas negociações com os diretores de suas respectivas fábricas. “Assim como a casa de açúcar e chocolate de João e Maria, ela não poderia produzir seus maus efeitos caso não fosse boa”.²⁰⁹

²⁰⁹ PORTELLI, Alessandro. *Ensaio de História Oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010.p. 157.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

São João Nepomuceno muito me deu. Eu
[também] lhe devia alguma coisa...

Paráfrase à Eulália Rangel²¹⁰

Pesquisar o cotidiano operário de São João Nepomuceno foi fascinante. Convivi com as memórias de operários, trabalhadores e sanjoanenses que vivenciaram diretamente o “drama da Sarmento”. Ao experimentarem tal contexto de dor e privação, forjaram em suas memórias, tal como um negativo de filme fotográfico, o quão importante foi o papel desempenhado pela Companhia Fiação e Tecidos Sarmento na história de suas vidas e de São João Nepomuceno.

O senso comum pode nos surpreender com armadilhas, assim como O terreno movediço da (re)construção de memórias pode nos surpreender com armadilhas, mas as narrativas consistem em importante ferramenta para problematizar o senso comum. Neste sentido, propus um mergulhando a fundo no universo cotidiano de cada entrevistado, o que tornou possível enxergar – e admirar – as experiências dos operários e dos sanjoanenses que enfrentaram o medo do fim. A fábrica se tornou a própria cidade, e o seu fim, um ponto final na história das famílias que ali viviam.

Longe de protagonizarem uma epopeia quixotesca na qual esbofeteariam uma crise sem precedentes em sua história com uma valentia cega e fundada em ilusões, os operários negociaram diariamente com ameaças de demissão, falta de pagamento de salários, desrespeito a direitos elementares de qualquer trabalhador. Sua maior forma de

²¹⁰ Cf. RANGEL, Eulália. *Minha Cidade Garbosa (São João Nepomuceno)*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1972.

resistência não foi a organização de grandes movimentos grevistas, piquetes e enfrentamento pela força com os diretores da fábrica: sua maior forma de resistência foi a sobrevivência.

A forma que esta sobrevivência se deu talvez seja o resultado mais importante e especial que consegui apreender ao me debruçar sobre as vivências de trabalhadores, sobre a forma como o jornal “Voz de São João” militou em prol do reestabelecimento das formas da CFTS e sobre as articulações cadenciadas de firmeza e lucidez empreendidas pelo Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecidos de São João Nepomuceno e documentadas em seus livros de ata.

Houve luta, mas à maneira dos operários. Não obstante a inexistência de movimentos públicos empreendidos pelos trabalhadores, eles não aceitavam a realidade que lhes era imposta com ingenuidade. Inspirados pela memória da “galinha dos ovos de ouro”, que movimentava a cidade e engrossava o sangue que corria nas veias do comércio sanjoanense, essas pessoas insistiam em trabalhar, tocando os teares, tentando reanimar uma indústria à beira da falência. Houve paralisações, mas esporádicas, pontuais. Prevaleceu o diálogo entre operários e diretores da fábrica, negociações e arranjos para que a frágil saúde do empreendimento não piorasse.

Falência... Os esforços de uma década, o trabalho nas máquinas, as orações junto ao altar, enfim, toda a luta protagonizada por uma cidade aflita não evitou a tragédia há muito esperada. A Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento fecha suas portas em 1971 e o silêncio ensurdecido de sua sirene arranca lágrimas nos operários que não aceitam o fim da fábrica.

Neste momento, permito-me contestá-los: não era a fábrica que estava dentro de São João Nepomuceno, tampouco uma cidade inteira dentro dos muros da fábrica. Tanto a cidade quanto a fábrica são frutos do trabalho de operários que se alternaram

noite e dia nas linhas de produção, sustentando a economia da cidade. Ambos, fábrica e cidade, estavam dentro de cada trabalhador.

A fábrica faliu, mas a “galinha dos ovos de ouro” se revelou na força de vontade e no comprometimento com o trabalho de seus operários. A comprovação dessa afirmação está no fato de a cidade não ter padecido com o fim da Companhia. Rapidamente São João Nepomuceno se reconfigurou e realocou a mão-de-obra que restou disponível com o processo de falência de sua indústria mater. A instalação da fábrica de tecidos Santa Martha nas mesmas dependências da CFTS, bem como o surgimento de confecções como a Marlu, não permitiram que os trabalhadores ficassem sem trabalho.

Com o respaldo de toda a fundamentação e discussão apresentadas, tornou-se possível inferir que, para apreender as nuances do cotidiano operário dos trabalhadores da CFTS, faz-se necessário reconhecer esses sujeitos históricos, uma vez que a memória e o discurso dos operários são singulares. Contudo, se entrelaçam em vivências comuns, facilmente perceptíveis em suas narrativas que confluem para uma história compartilhada: o trabalho na Companhia.

É possível identificar uma memória comum que demonstra a coesão de seus discursos, no sentido em que esses operários aderem ao grupo não pela força ou coerção, mas pela identificação afetiva entre os mesmos. A investigação das narrativas de operários da Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento torna inteligível suas vivências e a forma com a qual experimentaram o cotidiano de prosperidade e crise da CFTS.

Aparentemente os operários da CFTS agiam de forma passiva quando se deparavam com alguma situação limite no ambiente de trabalho ou relacionada à Companhia. Mas a análise das narrativas dos operários revela o contrário, demonstrando

o potencial desse tipo de fonte para se evitarem generalizações e melhor compreender as relações sociais no mundo do trabalho.

Percebi nas narrativas um sentimento de pertencimento à fábrica que parece anteceder o sentimento de pertencimento à cidade. Ser operário, ao contrário do que poderia se supor, é motivo de orgulho e *status* na sociedade sanjoanense. Contudo, o momento de crise leva os operários a se organizarem e, diferente do que se poderia supor, se unirem em prol da Companhia. Houve arranjos e negociações entre sindicato e operários a fim de manter as atividades da fábrica, e não o contrário.

O movimento de construção das narrativas orais provocou a reflexão dos operários sobre sua própria história.²¹¹ Por meio da problematização das narrativas e experiências locais, foi possível a iluminação de um quadro geral. Quando permite-se trocar as lentes de observação e se analisam as práticas do sujeito através de suas construções narrativas, percebe-se uma realidade mais complexa que pode ser explorada das mais variadas formas. Importante foi não negar o potencial discursivo dos fragmentos de memória externados pelos operários, bem como cotejar suas pontuações entre as demais fontes disponíveis para estudo e a historiografia.

²¹¹ A história encontra o seu lócus “público” para além da divulgação de um conhecimento organizado e sistematizado pela ciência, mas como organização e mediação das memórias locais. É possível proporcionar reflexões de comunidades/grupos sobre sua própria história, estabelecendo relações entre passado e presente por meio da construção de acervos orais. Cf. ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAI, Marta. *Introdução à História Pública*. São Paulo: Ed. Letra e Voz, 2011.

FONTES ORAIS

- Entrevista concedida por Alírio dos Reis Medeiros, funcionário do escritório do ponto da Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento na década de 1950, a Stéffano Muniz Figueiredo Costa, no dia 12 de Novembro de 2011 e no dia 13 de Fevereiro de 2016, em sua própria residência;
- Entrevista concedida por Carlos Marchiori, sindicalista e operário da Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento nas décadas de 1950 e 1960, a Stéffano Muniz Figueiredo Costa, no dia 11 de Maio de 2013, em sua própria residência;
- Entrevista concedida por Gilson Francisco Alves, sindicalista e operário da Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento nas décadas de 1950 e 1960, a Stéffano Muniz Figueiredo Costa, no dia 05 de Novembro de 2011 e 12 de Fevereiro de 2016, na sede do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem e São João Nepomuceno (MG);
- Entrevista concedida por Yorke Almeida Castro, contadora da Companhia Fiação e Tecidos Sarmiento nas décadas de 1950 e 1960, a Stéffano Muniz Figueiredo Costa, no dia 02 de Fevereiro de 2013 e no dia 12 de Fevereiro de 2016, em sua própria residência;
- Entrevista concedida por Bráulio Braz de Freitas, comerciante, político e vereador de São João Nepomuceno na década de 1960, a Stéffano Muniz Figueiredo Costa, no dia 13 de Fevereiro de 2016, em sua própria residência;
- Entrevista concedida por Gislene Gregório Teixeira, operária da Fábrica de Tecidos Santa Martha na década de 1980, a Stéffano Muniz Figueiredo Costa, no dia 12 de Fevereiro de 2016, em sua própria residência;
- Entrevista concedida por Rosa Helena da Silva Santos, operária da Fábrica de Tecidos Santa Martha na década de 1980, a Stéffano Muniz Figueiredo Costa, no dia 12 de Fevereiro de 2016, em sua própria residência;

FONTES DOCUMENTAIS

Acervo do jornal “Voz de São João”

- 17/04/1955: "Fábrica de Tecidos Sarmento – Fator de Progresso".
 - Edição 921
- 22/04/1956: "Nossa Terra – Agora a cidade é assim...".
 - Edição 973
- 06/05/1956: "1º de Maio".
 - Edição 975
- 08/07/1956: "S. João Nepomuceno está progredindo".
 - Edição 984
- 05/05/1957: "Grande vitória do Sindicato e do Deputado Riani".
 - Edição 1026
- 02/06/1957: "O Sindicato trabalha em benefício da classe".
 - Edição 1030
- 28/02/1960: "Grande Assembléia dos Trabalhadores em S. João Nepomuceno".
 - Edição: 1171
- 22/10/1961: "Transferência de ações da Cia. Fiação e Tecidos Sarmento a um consórcio paulista".
 - Edição 1259
- 26/11/1961: "Bate-se o Sindicato Têxtil contra a elevação do custo de vida".
 - Edição 1264
- 08/04/1962: "Homenageados os Diretores do Sindicato Têxtil".
 - Edição 1279

- 20/05/1962: “‘Passarela’ ouve o candidato Jair Rodrigues de Oliveira”.
 - Edição 1284
- 14/10/1962: "O pleito de 7 de Outubro".
 - Edição 1305
- 23/12/1962: "Propaganda da Companhia Fiação e Tecidos Sarmento".
 - Edição 1315
- 06/01/1963: "Greve na Cia. Fiação e Tecidos Sarmento".
 - Edição 1317
- 31/03/1963: "Reflexo da grave crise na indústria são-joanense".
 - Edição 1329
- 02/11/1963: "A nossa galinha...".
 - Edição 1359
- 02/11/1963: "Concordata da Cia. F. e T. Sarmento".
 - Edição 1359
- 10/11/1963: "A nossa galinha...".
 - Edição 1360
- 24/11/1963: "Rabiscando: Fatídica e ameaçadora derrocada".
 - Edição 1362
- 01/12/1963: “Flashes”.
 - Edição 1363
- 02/02/1964: “A nossa galinha...”.
 - Edição 1372
- 01/03/1964: “Presente de grego do Riani aos seus eleitores”.
 - Edição 1376
- 05/04/1964: "O Grupo dos Onze".

- Edição 1380
- 05/04/1964: "Vitória! Esmagada a hidra bolchevista".
 - Edição 1380
- 12/04/1964: "Telegramas às autoridades governamentais".
 - Edição 1381
- 12/04/1964: "Marcha da Família, com Deus, pela democracia!".
 - Edição 1381
- 12/04/1964: "Grupo dos Onze".
 - Edição 1381
- 19/04/1964: "Marcha da Família com Deus pela Democracia".
 - Edição 1382
- 19/04/1964: "A revolução não chegou a São João".
 - Edição 1382
- 26/04/1964: "Cartas à redação".
 - Edição 1383
- 26/04/1964: "Situação Municipal".
 - Edição 1383
- 26/04/1964: "Renúncia de Vereadores".
 - Edição 1383
- 03/05/1964: "A nossa galinha...".
 - Edição 1384
- 03/05/1964: "Tempo bom, melhores condições de transportes e confiança no governo fazem preços baixarem".
 - Edição 1384

- 10/05/1964: "Em crise a indústria de calçados".
 - Edição 1385
- 31/05/1964: "Nova mentalidade econômica".
 - Edição 1388
- 31/05/1964: "Cassação de mandatos".
 - Edição 1388
- 28/02/1965: "Boas perspectivas para S. João".
 - Edição 1427
- 18/07/1965: "Bons augúrios para a "garbosa".
 - Edição 1445
- 14/08/1966: "A pedidos: Ninguém se entende em São João".
 - Edição 1491
- 25/09/1966: "Acordo entre os operários e a Cia. F. e T. Sarmiento".
 - Edição 1505
- 18/12/1966: "Requerida a falência da Cia. Sarmiento".
 - Edição 1517
- 25/12/1966: "Natal de fome".
 - Edição 1518
- 25/12/1966: "A Cia. Sarmiento e o seu drama".
 - Edição 1518
- 01/01/1967: "O Natal dos operários".
 - Edição 1519
- 01/01/1967: "A Fábrica não fechará".
 - Edição 1519
- 08/01/1967: "Ainda sem solução o problema da Sarmiento".

- Edição 1520
- 30/04/1967: "Nossa Terra: 'Garbosa' sem garbo".
 - Edição 1534
- 17/12/1967: "Deu-se o milagre: a Sarmento voltará a funcionar".
 - Edição 1567
- 22/03/1970: "Não se ouve mais o apito da Fábrica Sarmento!".
 - Edição 1679
- 18/04/1971: "Êxodo".
 - Edição 1732
- 19/09/1971: "Decretada a falência da Cia. Fiação e Tecidos Sarmento: vive a nossa terra a sua fase mais difícil".
 - Edição 1754
- 17/10/1971: "Voltarão a rodas os teares da Sarmento".
 - Edição 1758
- 04/02/1973: "Nossa Terra: A Velha Rua do Sarmento".
 - Edição 1824
- 11/02/1973: "Nossa Terra: A Velha Rua do Sarmento".
 - Edição 1825
- 04/03/1973: "Edital – Aviso: Massa Falida Cia. Fiação e Tecidos Sarmento".
 - Edição 1828
- 01/04/1973: “Nossa Terra: Mão de obra qualificada”.
 - Edição 1831
- 15/07/1973: "Voz de S. João ouve o Supervisor da Fábrica Santa Martha".
 - Edição 1846

- 07/10/1973: "Rendamos graças à 'Santa Martha' – Garantido o nosso desenvolvimento".
 - Edição 1858
- 23/12/1973: "Propaganda das Confecções Marlu".
 - Edição 1869
- 30/12/1973: "Natal Feliz".
 - Edição 1870
- 15 a 21/11/2014: "Cidade Garbosa: Os trilhos de sua história".
 - Edição 5379

Livros de ata do Sindicato das Indústrias Têxteis e Tecelagem: arquivo com atas das décadas de 1960 e 1970

- Ata de reunião do dia 13 de Março de 1960
 - Aumento salarial
 - Não pagamento de férias
- Ata de reunião do dia 12 de Agosto de 1961
 - Aumento salarial
- Ata de reunião o dia 19 de Novembro de 1961
 - Custo de vida e salário mínimo
- Ata de reunião do dia 25 de Janeiro de 1962
 - Atraso no pagamento de férias
- Ata de reunião do dia 28 de Fevereiro de 1962
 - Atraso de férias
 - Proposta de boicote ao aumento do número de teares por tecelã

- Ata de reunião do dia 24 de março de 1962
 - Aumento salarial
 - Discussão sobre o aumento do número de teares por tecelã
- Ata de reunião do dia 01 de Abril de 1962
 - Aumento salarial
 - Homenagem das tecelãs ao sindicato
- Ata de reunião do dia 01 de Abril de 1964
 - Suspensão da ameaça grevista
 - Detenção dos diretores do sindicato em Belo Horizonte (MG)
- Ata de reunião do dia 19 de Fevereiro de 1967
 - Junta interventora convoca os operários a não interromperem o trabalho na
Companhia

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: Textos em história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALMEIDA, Juniele Rabêlo de. Historicidade, sujeito e oralidade. In: MARCHIORI, Marlene. (Org.). *História e memória*. São Paulo: Difusão Editora, 2013.

_____; ROVAI, Marta. *Introdução à História Pública*. São Paulo: Ed. Letra e Voz, 2011.

_____. *Performance e objeto biográfico: questões para a história oral de vida*. Oralidades (USP), v. 2, p. 101-109, 2007.

BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. In: LEACH, Edmund et Alii. *Anthropos-Homem*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BALDISSERA, Marli de Almeida. *Onde estão os grupos de onze: Os comandos nacionalistas na região do Alto Uruguai – RS*. Passo Fundo: UPF, 2005.

BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dicionário Histórico-Geográfico de Minas Gerais*. Edição comemorativa dos dois séculos e meio da Capitania de Minas Gerais. Belo Horizonte: Saterb, 1971.

BAUMAN, Z. *Identidade : entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro : J. Zahar, 2005.

BENEVIDES, Maria Victória. *A UDN e o udenismo: Ambiguidades do liberalismo brasileiro (1945-1965)*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.

_____. *Governo Kubitschek (Desenvolvimento econômico e estabilidade política: 1956-1961)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

_____. *O PTB e o trabalhismo: Partido e sindicato em São Paulo (1945-1964)*. São Paulo: CEDEC/Brasiliense, 1989.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo, Companhia das letras, 1987.

BIAVASCHI, Magda Barros. *O Direito do Trabalho no Brasil – 1930/1942: a construção do sujeito de direitos trabalhistas*. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 2005.

BORGES, Nilson. “A Doutrina de Segurança Nacional e os Governos Militares”. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. (orgs). *O Brasil Republicano: o tempo da ditadura – regime militar e movimentos sociais em fins do século XX (1964-1985)*, v. 04, Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: Lembrança de velhos*. 3. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

_____; PRADO, Maria L. *O Bravo Matutino*. São Paulo: Editora Alfa-Romeu, 1980.

CAPRI, Roberto. *São João Nepomuceno (Minas)*. 1916.

CASTRO, Celso Falabella Figueiredo. *Sertões do Leste: Achegas para a História da Zona da Mata*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1987.

CASTRO, Celso. *A invenção do exército brasileiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

CHACON, Vamireh. *História dos partidos brasileiros*. Brasília: Editora UNB, 1981.

CORREA, Silvio. *História local e seu devir historiográfico*. Métis: história & cultura, v. 2, n. 2, p. 11-32, jul./dez. 2002.

CRUZ, Geraldo Henriques; AZEVEDO, José de Castro. *São João Nepomuceno em 1941*: notas diversas sobre a cidade e o município. 1941.

D'ARAÚJO, Maria Celina. *Sindicatos, carisma e poder: PTB de 1945-65*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *O governo João Goulart e o golpe de 1964*: memória, história e historiografia. Tempo. Revista do Dept. de História da UFF. 2010, vol.14, n.28, p.123-143.

_____. *PTB: do getulismo ao reformismo*. São Paulo: Marco Zero, 1989.

DULCI, Otávio. *A UDN e o anti-populismo no Brasil*. Belo Horizonte, Ed. da UFMG, 1986.

FARO, Clóvis de e SILVA, Salomão Quadros. A década de 1950 e o Programa de Metas. In: GOMES, Angela Castro. *O Brasil de JK*: Rio de Janeiro. Editora FGV, 1991.

FERREIRA, Jorge. *João Goulart: uma biografia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

_____. *O imaginário trabalhista: Getulismo, PTB e cultura política popular*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

_____. *Trabalhadores do Brasil - o imaginário popular (1930-1945)*. Rio de Janeiro: FGV, 1997.

FERREIRA, Marieta Moraes, AMADO, Janaina (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

FICO, Carlos. *Além do golpe: Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____. *Como eles agiam. Os subterrâneos da ditadura militar: espionagem e polícia política*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

FLEISCHER, David (org.). *Partidos políticos no Brasil*. Brasília: Editora da UNB, 1981.

GÁSPARI, Élio. *A ditadura escancarada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GOMES, Angela de Castro. *A Invenção do Trabalhismo*. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1988.

_____. *Burguesia e Trabalho: política e legislação social no Brasil 1917 – 1937*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1979.

_____. *Trabalhismo e democracia: o PTB sem Vargas*. In: Idem (org.). *Vargas e a crise dos anos 50*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

_____; FERREIRA, Jorge. *1964: o golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

HIPPÓLITO, Lúcia. *De raposas e reformistas: o PSD e a experiência democrática brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

HOBSBAWM, Eric. *Mundos do trabalho: Novos estudos sobre História Operária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. *O imaginário sobre Getúlio Vargas*. In: *História oral*. Revista da Associação Brasileira de História oral. Número 1, junho de 1998.

KHOURY, Yara Aun. Apresentação. In: PORTELLI, Alessandro. *Ensaio de história oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010. p. 8.

LIMA, Juliana Daldegan; SANSON, João Rogério. O surto de industrialização do setor têxtil a partir de 1880. In: *Revista de História Econômica & Economia Regional Aplicada*, v. 3, n. 05, 2008.

LOPES, Juarez Rubens Brandão. *Crise do Brasil Arcaico*. Rio de Janeiro: Biblioteca Virtual de Ciências Humanas do Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009.

LUCA, Tania Regina de; MARTINS, Ana Luiza. *Imprensa e cidade*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

MAIA, Andréa Casa Nova. *Encontros e Despedidas – História de Ferrovias e Ferroviários de Minas*. 1. ed. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes, 1993.

MEDINA, Paulo Roberto de Gouvêa. *São João Nepomuceno e a Zona da Mata*. 1996.

MEIHY, José Carlos Sebe. *Manual de História oral*. 5 ed., São Paulo: Loyola, 2005.

MENDES, Ricardo Antonio Souza. Marchando com a Família, com Deus e pela Liberdade: o “13 de março” das direitas. *Varia História*. n. 33.

MONTENEGRO, Antonio Torres. Rachar as palavras. Ou uma história a contrapelo. In: *Estudos Ibero-Americanos*. V. XXXII. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, p. 37-62.

MOREIRA, Vânia Losada. Os anos JK: industrialização e modelo oligárquico de desenvolvimento. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O Brasil republicano: o tempo da experiência democrática*. Vol 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em Guarda Contra o Perigo Vermelho: O Anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

_____. *Introdução à história dos partidos políticos brasileiros*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MOURA, Gerson. *Relações exteriores do Brasil: 1939-1915, mudanças na natureza das relações Brasil-Estados Unidos durante e após a Segunda Guerra Mundial*. Brasília: FUNAG, 2012.

NEVES, Magda de Almeida. *Trabalho e Cidadania: As Trabalhadoras de Contagem*. Petrópolis: Vozes, 1995.

OLIVEIRA, Maria Lúcia Lippi. “O Partido Social Democrático”. In: FLEISCHER, David (org). *Os Partidos Políticos no Brasil*. Brasília: Editora UNB, vol I, 1981.

PANDOLFI, Dulce Chaves. *O velho PTB: Novas abordagens*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 3, n. 6, 1990.

PORTELLI, Alessandro. A pesquisa como um experimento em igualdade. In: *Revista Projeto História*. n.14. São Paulo: EDUC, 1997. pp.25-40.

_____. *Ensaio de história oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

RANGEL, Eulália. *Minha Cidade Garbosa (São João Nepomuceno)*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1972.

REIS, Daniel Aarão; RIDENTE, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. (orgs). *A Ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do Golpe de 1964*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2014.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

_____. *Du texte à l'action*. Paris: Seuil, 1986.

_____. *Tempo e narrativa*. Campinas: Papirus, 1994.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. *Osasco 1968: a greve no feminino e no masculino*. 590 p. Tese (Doutorado em História Social) – USP, São Paulo, SP, 2012.

SARETTA, Fausto. O governo Dutra na transição capitalista no Brasil. In: SUZIGAN, Wilson; SZMRECSÁNYI, Tamás (Org.). *História econômica do Brasil contemporâneo*. 2 ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2002.

SILVA, Marcos A. (org.). *República em migalhas: história regional e local*. São Paulo: Marco Zero, 1990.

SOUZA, Maria do Carmo Campello. *Estado e partidos políticos no Brasil (1930-1964)*. São Paulo, Editora Alfa Ômega, 1983.

STEIN, Stanley. *Origens e Evolução da Indústria Têxtil no Brasil – 1850/1950*. Rio de Janeiro: Campus. 1979.

TAVORA, Isabel Henriques Cruz. *Nossas vidas*. 1999.

THOMPSON, E. P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.